

TRAICÃO À PÁTRIA

Aberto procedimento criminal contra José de Almeida (FLA)

Traição à Pátria é a acusação mais grave que pende sobre o líder separatista açoriano, José de Almeida, que ontem, em Lisboa, defendeu a legitimidade do recurso à violência para obter a independência do arquipélago. Horas depois das declarações de José de Almeida, o Governo solicitou ao Procurador Geral da República procedimento criminal contra o chefe da FLA. Este, por sua vez, em declarações feitas esta manhã, afirmou que aguarda calmamente o desenrolar dos acontecimentos.



José de Almeida diz que está «sereno»



Vitor Gonçalves, vereador do Desporto da CML, acompanhado por António Campos (andebol), Mário Silva e Massimo Forte (futebol de salão) e Afonso Alexandre (basquetebol)

CATRAIOS DE LISBOA VÃO FAZER DESPORTO

O vereador do pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa anunciou esta manhã, em conferência de Imprensa, a realização dos «Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa», abertos às 53 freguesias da capital. As provas deverão realizar-se no primeiro semestre do próximo ano e nelas participarão, ainda em previsão, 20 mil jovens lisboetas com idades entre os 13 e os 15 anos, nas modalidades de andebol, atletismo, basquetebol e futebol de salão.

CAVACO ASSINALA 1 ANO SOBRE A APROVAÇÃO DO SEU PROGRAMA

Todos os aniversários são pretexto para ataques ao Parlamento

A poucas horas da votação, na generalidade, do Orçamento de Estado, o primeiro-ministro aproveitou mais um «aniversário» — desta vez o da aprovação do seu programa — para renovar ataques ao Parlamento. Deputados do PS e do PRD — dois partidos que ainda não decidiram a sua posição de voto — aguardavam esta manhã o discurso de Cavaco Silva, que poderá influenciar a atitude final destes partidos.

Pág. 2



Cavaco Silva: um Governo «sempre em festa»...

Procedimento criminal contra José de Almeida

Governo considera : houve "traição à Pátria"

O líder separatista açoriano José de Almeida poderá ser acusado dos crimes de traição à Pátria, incitamento à desobediência colectiva e tentativa de alteração violenta do Estado de direito, devido às declarações produzidas em Lisboa e a que fizemos referência na nossa edição de ontem. Horas depois da conferência de Imprensa dada por José de Almeida, o Governo, através do Ministério da Justiça (MJ), oficiou o Procurador-Geral da República nesse sentido.

Uma nota oficiosa do MJ, veiculada através do gabinete do primeiro-ministro, considera que «as declarações produzidas pelo dr. José de Almeida (...) determinam, pela sua evidente gravidade, que o Governo tome, de imediato, adequadas medidas».

A nota governamental recusa a interpretação feita pelo dirigente separatista dos artigos da Constituição da República referentes ao regime político-administrativo das regiões autónomas e considera que, face às «inquestionáveis realidades e valores nacionais» que eles exprimem, «tentar, por meio da violência, ameaça de violência ou auxílio estrangeiro, a independência do arquipélago dos Açores (e, como é óbvio, do da Madeira), constituirá crime de traição à Pátria, previsto no artigo 334 do Código Penal».

«A invocação, expressa ou implícita, do artigo 7 da Constituição» (abolição de todas as formas de colonialismo e direito dos povos à insurreição) — prossegue a nota — «seria, por si só, reveladora dos propósitos subjacentes a tais declarações, já que não ocorre nas regiões autónomas qualquer forma de colonialismo. A autonomia político-administrativa regional é, no quadro da Constituição, o oposto de qualquer ideia de ruptura da unidade nacional. Nesta tomada de posição, o Governo parte do princípio que «uma análise mais precisa das afirmações produzidas pelo dr. José de Almeida poderá indiciar a prática de outros crimes», referindo neste caso os con-

templados nos artigos 364 (incitamento à desobediência colectiva) e 356 (alteração violenta do Estado de direito) do Código Penal.

Reacções

As declarações de José de Almeida motivaram, de imediato, algumas reacções.

Em Belém, aquando da primeira consulta feita pela Imprensa, o Presidente da República ainda não havia tomado conhecimento da conferência, mas uma fonte não identificada do palácio presidencial disse que as declarações do líder separatista representavam «uma iniciativa de um indivíduo irresponsável e sem qualquer credibilidade».

Nos Açores, o chefe do Governo Regional, Mota Amaral, escusou-se a comentar as declarações de José de Almeida. «Não merecem comentários», foi a única reacção de Mota Amaral, recentemente envolvido em notícias sobre contactos passados que teve como o chefe da autodenominada «Frente de Libertação dos Açores».

No plano partidário, a única reacção conhecida é a do PRD que exigiu do Governo da República e da região Autónoma dos Açores «uma resposta clara e inequívoca» às questões levantadas por José Almeida.

Almeida insiste

José de Almeida reagiu esta manhã à acusação de «alta traição» dizendo «guardar com serenidade e civismo o desenrolar dos acontecimentos».

Os "crimes"

São os seguintes os artigos do Código Penal evocados pelo Governo no pedido de procedimento criminal por parte do Procurador Geral da República:

Artigo 334º (Traição à Pátria)

«Quem por meio de violência, ameaça de violência ou com auxílio estrangeiro:

a) Tentar separar da Mãe-Pátria, ou entregar a país estrangeiro ou submeter à soberania estrangeira, toda ou parte do território português;

b) Ofender ou puser em perigo a independência do País; será punido com prisão de 15 a 20 anos».

Artigo 356º (Alteração violenta do Estado de direito)

«1- Quem, por meio de violência ou ameaça de violência, tentar destruir, alterar ou subverter o Estado de direito constitucionalmente estabelecido será punido com prisão de 5 a 10 anos.

«2-Se o crime no número anterior for cometido por meio de violência armada, a prisão será de 5 a 15 anos».

Artigo 364º (Incitamento à desobediência civil)

«1- Quem, com a intenção de destruir, alterar ou subverter o Estado de direito constitucionalmente estabelecido, incitar, publicamente, à desobediência colectiva de leis de ordem pública ou ao não cumprimento de deveres inerentes às funções públicas será punido com prisão até 2 anos

«2-Na mesma pena incorre quem, com intenção referida no número anterior:

a) Divulgar, em reunião pública ou por qualquer meio de comunicação, notícias falsas ou tendenciosas susceptíveis de provocarem alarme ou inquietação na população;

b) Tentar provocar, pelos meios referidos na alínea anterior, divisões no seio das Forças Armadas, entre estas e as forças militarizadas ou entre qualquer destas e os órgãos de soberania;

c) Incitar a luta política pela violência».

Falando à Rádio renascença, afirmou também que o Tribunal de Ponta Delgada definiu «não ser crime defender o direito à independência dos Açores», depois de ele próprio ter sido «acusado e absolvido mais que uma vez, por defender a independência dos Açores».

O líder separatista acrescentou que «tudo o resto a História registará e reporá no seu devido lugar: as causas, os efeitos e as consequências», concluindo que «nos Açores sabemos o que queremos, estamos serenos, mas também somos teimosos».



Governo festeja - se

O X Governo constitucional está claramente apostado em promover comemorações sucessivas dos seus vários aniversários. Assim, após a conferência de Imprensa que há dias assinalou o primeiro ano da sua tomada de posse, o Primeiro Ministro está a presidir à hora do fecho da nossa edição a um outro encontro com a Comunicação Social, desta feita para assinalar a passagem do seu programa de Governo na Assembleia da República, que ocorreu, precisamente há doze meses.

Mas se há dias, aquando da primeira comemoração, Cavaco Silva aproveitou a ocasião para anunciar uma série de medidas — aumento das pensões e alargamento do regime de segurança social aos trabalhadores agrícolas — o que constituía evidente matéria informativa, não se compreende a razão de ser deste novo encontro com os jornalistas.

De facto, o texto lido pelo Chefe do Executivo nada acrescenta ao que tem sido dito e repetido quer pelos membros do seu Gabinete, quer pelos dirigentes do partido que o apoiam, quer por ele próprio em numerosas ocasiões. Assim, começa por recordar os princípios e orientações que nortearam a acção governativa, faz o elenco das medidas tomadas, cita-se nos auto-elogios — «sempre nos afirmamos como o Governo do diálogo responsável, da estabilidade e da confiança», «somos justamente reconhecidos como o Governo da coragem e da determinação», «somos o Governo do crescimento e da modernização da economia e da correcção dos desequilíbrios regionais», «temo-nos afirmado claramente como o Governo da Integração Europeia»... — ataca «certas posições» que «procuraram fugir ao diálogo para virem depois acusar o Governo de não dialogar».

Nada disto é novo, nem as reiteradas críticas à Assembleia da República que, repetiu o Primeiro Ministro, «várias vezes invadiu a área de competência do Governo».

Juntamente com o discurso do Primeiro Ministro, foi distribuído um livro intitulado «Um ano de Governo». Em 118 páginas, divididas em quatro capítulos, são enunciadas uma a uma todas as medidas tomadas no âmbito dos vários departamentos governamentais.

Em pouco mais de uma página, num texto assinado pelo punho de Cavaco Silva é apresentado o volume. «Há ainda muito por fazer, mas ao Governo não faltam a coragem e a determinação para vencer os obstáculos que possam surgir no caminho. Sabemos defender a estabilidade política e impedir as crises artificiais que alguns desejariam criar». Um aviso à navegação em tempo de discussão do Orçamento de Estado na Assembleia da República.

Dizem as sondagens que é excelente a imagem de Cavaco Silva junto do eleitorado. Não temos razão para duvidar, mas o excesso pode cansar...

O Governo festeja-se (mais uma vez), eis o único título possível da notícia.

Áurea Sampaio



Nada de novo à vista mas tentativa de "flirt" do PSD

PSD e PRD estiveram ontem reunidos mais de hora e meia na sede dos sociais democratas. Tratava-se de uma reunião inserida no âmbito das visitas de cumprimentos que os renovadores estão a fazer aos diversos partidos políticos mas que, obviamente, são também oportunidade para analisar questões genéricas da situação política actual e do relacionamento mútuo entre cada partido. Tudo leva a crer que a reunião terá sido proveitosa para ambas as partes. Mas não parece ter fornecido dados minimamente conclusivos.

Expectativas sobre uma eventual aliança entre renovadores e sociais democratas ficaram uma vez mais frustradas porque nenhum dos responsáveis destes partidos adiantaram qualquer coisa de significativamente novo.

Enquanto Ramalho Eanes afirmava que o seu partido «não é, por princípio, contrário a entendimentos, mas não tomará iniciativa de os iniciar e só os aceitará se chegar à conclusão que isso se ajusta aos interesses nacionais e corresponde aos valores, princípios e pontos fundamentais do programa do PRD», Eurico de Melo lembrava que a estratégia aprovada no Congresso do PSD, para os próximos dois anos, aponta para «um partido autónomo, com vocação maioritária, aberto ao diálogo com todos os partidos democráticos».

Se esta posição dos renovadores, já conhecida, não rejeita alianças (neste caso com o PSD), também nada permite concluir que uma aliança desse tipo tenha ficado latente, apesar das declarações cativadoras de Eurico de Melo, que classificou o encontro de «muito proveitoso» e respondendo a uma pergunta dos jornalistas dis-

se mostrar-se convicto que Ramalho Eanes «vai mostrar que é um dirigente político responsável» e contribuirá para a resolução dos problemas do País.

Noutras circunstâncias estas palavras teriam um significado. No momento presente, quando o Parlamento está a poucas horas da votação do Orçamento, não são mais que uma tentativa de «flirt» orçamental cujo desenvolvimento só depois se verá.

De qualquer modo, o PRD tem sido tão fortemente crítico em relação ao Orçamento que, a manter-se coerente, as doces palavras de Eurico de Melo não chegarão para lhe dar a volta.

Mas, noutra plano, não deixa de ser tranquilizante para os sociais democratas a afirmação de que os renovadores não tomarão iniciativas para qualquer aliança.

Nas águas paradas das oposições verbalmente agueridas mas paralisadas na acção e na busca de alternativas, o PSD faz navegar o seu barco. Com os meios de que dispõe quem está no poder, com dólares e combustíveis baratos, em pouco tempo estará a uma distância em que já dificilmente será atingido por

esta artilharia de pólvora seca com que tem sido bombardeado. Se a rota é errada e conduz inevitavelmente a escolhos, se vai encalhar o País, isso é outra questão.

Entretanto ao fim de cerca de um mês de liderança, Eanes, de quem o PRD espera a dinamização necessária, com aquele tipo de ironia que lhe é peculiar, confessa-se «razoavelmente cansado».

Não parece, no entanto, que venha a ter tempo para descansar num futuro próximo.

Augusto Vilela



ler jornais

**Janela aberta
sobre o mundo,
a IMPRENSA escrita é
lugar de pensamento, diálogo,
abertura ao conhecimento e à
cultura.**

**Importante para cada um
A IMPRENSA É INDISPENSÁVEL
PARA O FUTURO LIVRE DE TODOS**

**PARA UM PAÍS INFORMADO, RESPONSÁVEL,
O CONSELHO DE IMPRENSA CONVIDA-O À LEITURA.
LEIA, PORQUE LER JORNAIS É SABER MAIS**

é saber mais

ENTIDADES QUE COLABORAM NESTA CAMPANHA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (D. G. ENSINO SECUNDÁRIO, D. G. EDUCAÇÃO DE ADULTOS, INSTITUTO TECNOLÓGICO EDUCATIVO, FAOJ); SECRETARIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO DOS AÇORES E DA MADEIRA; DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL; UNIVERSIDADES NOVA DE LISBOA, CATOLICA, ISCSP, ISCSTE E ESCOLA SUPERIOR DE JORNALISMO; SINDICATO DOS JORNALISTAS; FEDERAÇÃO PORTUGUESA DOS SINDICATOS DA INDÚSTRIA DE CELULOSE, PAPEL, GRAFICA E IMPRENSA; ASSOCIAÇÕES DA IMPRENSA DIÁRIA, E NÃO DIÁRIA; ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO; CENTRO DE FORMAÇÃO DE JORNALISTAS (PORTO); CLUBE DE JORNALISTAS; CLUBE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE COIMBRA; FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN; COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO; COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (LISBOA); SINDICATO DOS PROFESSORES; ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO DA IMPRENSA ESCRITA DE GRANDE EXPANSÃO E REGIONAL; RDP, ANTENA 1; RADIO COMERCIAL; RADIO RENASCENÇA; RTP; REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA; TAP; SATA E STANDARD ELECTRIC. ITT.

ESTE ANÚNCIO É PUBLICADO NO ÂMBITO DA COLABORAÇÃO DO DIÁRIO DE LISBOA À CAMPANHA "LER JORNAIS É SABER MAIS" PROMOVIDA PELO CONSELHO DE IMPRENSA

Cresce a tensão no interior

do MDP/CDE

Guerra entre dirigentes por causa da entrevista de José Manuel Tengarrinha

O deputado do MDP/CDE João Corregedor da Fonseca criticou ontem as declarações feitas pela vice-presidente do partido, Helena Cidade Moura, ao «Diário de Lisboa», a propósito do comunicado divulgado pela Comissão Política do CC do PCP sobre o contencioso que se abriu esta semana entre os dois parceiros da APU.

Nos seus breves comentários à nota da direcção do Partido Comunista, Helena Cidade Moura considerou que a posição do PCP constitui uma interferência no encontro nacional do MDP/CDE, marcado para os próximos dias 28 e 29 num hotel em Lisboa.

Horas mais tarde, foi a vez de João Corregedor da Fonseca, também ele membro da comissão política do partido, criticar as declarações de Cidade Moura. E disse: «Vejo com apreensão que dirigentes do MDP/CDE to-

mem posições, mesmo a título pessoal, sobre a actividade do partido». Corregedor da Fonseca considerou ainda inadmissível que alguém utilize, como Helena Cidade Moura, um «discutível estatuto de individualismo».

Corregedor da Fonseca qualificou de «inaceitável que se façam declarações que possam ser consideradas como visão fundamental influenciar o encontro nacional do MDP/CDE». Criticando asperamente as observações feitas ao «DL» pela vice-presidente do partido, Corregedor da Fonseca, um dos dirigentes que defende a continuidade da APU e a coligação do seu partido com o PCP, afirmou que as declarações «individuais e especulativas proferidas à revelia dos respectivos órgãos em nada concorrem para a serenidade com que, até há poucos dias, todo o debate interno do MDP/CDE decorreu».

Intensificam-se conversações sobre futuro de Macau

O vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros Zhou Nan teve na tarde de um ontem um encontro não previsto com o Ministro português, Pires de Miranda, gesto que sublinha a importância dos contactos sobre o futuro de Macau.

Entretanto, fontes diplomáticas adiantaram que as duas partes concordaram em realizar novos contactos negociais acerca da transferência de poder em Macau, após acordo mútuo sobre a aceleração do processo de conversações iniciado em Junho, em Pequim, e cuja fase principal deverá estar concluída até final do ano.

O teor das conversações havidas em Lisboa não de-

verá, porém, ser divulgado, já que existe consenso para a divulgação dos aspectos mais relevantes do processo na capital chinesa, adiantaram as mesmas fontes que solicitaram o anonimato.

A importância dos debates havidos durante a visita de Zhou Nan, inicialmente considerada como «de cortesia», levou mesmo ao cancelamento de um programa turístico para o dia de hoje do respon-

sável chinês, que lidera a delegação do seu país às conversações sobre Macau.

Ao fim da manhã, conforme referiram as mesmas fontes, o Presidente da República recebeu no Palácio de Belém o Primeiro Ministro e o Ministro dos Negócios Estrangeiros, para uma discussão em conjunto sobre os contactos havidos. Mário Soares, Cavaco Silva e Pires de Miranda encontraram-se em audiências separadas com Zhou Nan na segunda e terça-feira.

Visita importante

A importância desta visita de Zhou Nan ficou patente

logo à chegada do responsável chinês, que vinha acompanhado do sub-diretor do gabinete de Hong Kong e Macau no Ministério dos Negócios Estrangeiros, Zhau Jihna, e do director do Departamento para os Assuntos Portugueses no MNE chinês, Han Zhaokang.

Em Lisboa encontram-se, além do chefe da delegação portuguesa às conversações sobre Macau, embaixador Rui Medina, o chefe da missão diplomática portuguesa em Pequim, embaixador Octávio Neto Valério.

Além de questões como a data a transferência de poder no território e do período de

transição que se lhe seguirá, estão a ser tratados assuntos como a salvaguarda dos interesses dos residentes no território e dos interesses económicos locais, além da distribuição de responsabilidade após a passagem de administração.

Segundo fontes que têm seguido de perto o processo relativo a Macau, o anúncio da data de transferência de poder e da duração do período de transição, bem como as condições acordadas entre as duas partes, poderão ser anunciadas até final do ano, por forma a que o acordo final venha a ser assinado no início de 1987.

Embaixadores árabes em Lisboa divulgam posição da Liga Árabe

A questão do fornecimento por parte dos Estados Unidos da América de armas e peças sobressalentes ao Irão em troca da libertação de reféns americanos foi ontem analisada numa reunião dos embaixadores dos países árabes acreditados em Lisboa. Os representantes diplomáticos, no final do encontro, divulgaram um comunicado do secretário-geral da Liga Árabe, Chadli Klibi, no qual se declara a preocupação dos povos e dos governos árabes no fornecimento de armas «que servirão para prolongar a guerra entre o Iraque e o Irão, contradizendo a política declarada dos EUA, que se dizem neutrais nesta guerra».

A Liga Árabe realça o perigo que aquele facto representa pelo que tem de contradição com a política de neutralidade que os EUA se comprometeram a seguir no conflito da Guerra do Golfo, especialmente acordada na reunião com o secretário de Estado, George Shultz, em Washington, no mês de Outubro de 1985.

O comunicado da Liga Árabe afirma ainda a certo passo: «A nossa preocupação foi ainda maior quando soube que os carregamentos de armas foram fornecidos através de Israel, que vê o seu interesse na continuação deste derramamento de sangue até ao máximo. Estranhámos a facilidade com que Israel consegue levar os EUA a servirem os seus propósitos ou então a facilidade com que os EUA chegaram a aceitar que Israel intervenha numa operação susceptível de constituir um factor de tensão adicional nas relações americano-árabes.»

No seu congresso de Fevereiro

JS propõe a realização de um fórum da juventude

A criação de um «forum da juventude portuguesa» faz parte de uma proposta constante da moção de estratégia do secretário-coordenador da Juventude Socialista, José Apolinário, para os próximos dois anos.

A moção, cujo texto foi dado a conhecer ontem em conferência de Imprensa, tem o título «A mudança está a passar por aqui» e destina-se ao próximo congresso da JS, marcado para os dias 13, 14 e 15 de Fevereiro. A entrega de moções termina amanhã.

José Apolinário afirmou que a proposta de criação de um fórum não pretende ser a proposta da organização de juventude do PS ao lançamento da Convenção da Esquerda Democrática. Pretende sim representar uma «viragem ao exterior» da JS. O autor da moção explicou que o fórum estará aberto a «todos os jovens identificados com o socialismo democrático, a esquerda democrática e o centro esquerda» e ainda aos que trabalham em associações cooperativas de jovens». Apolinário explicou ainda que este organismo se destina a discutir os problemas gerais da juventude, como as dificuldades do movimento associativo e a transição para a vida activa (emprego, programas para a Europa). No fórum serão também debatidas questões relacionadas com o ambiente, o acesso ao ensino superior e a participação dos jovens na sociedade (marginalidade, delinquência e novos valores da juventude).

Mais de 5 milhões de contos com destino à RFA

Portugal paga hoje a primeira prestação da compra das fragatas

O Governo português procede hoje ao primeiro pagamento de 78 milhões de marcos (cerca de 5,73 milhões de contos) da compra das três fragatas MEKO à Alemanha Federal. De acordo com o contrato, o primeiro navio será entregue à Marinha de Guerra Portuguesa em Novembro de 1990 e os dois restantes em Maio e Novembro do ano seguinte.

A construção das três unidades de guerra envolve à partida uma verba da ordem dos 140 milhões de contos, não contando, obviamente, com o reajustamento dos preços dos materiais, juros e outras despesas de valor incalculável.

A participação portuguesa tem como contrapartida a compra pelo consórcio da Alemanha Federal de produtos de

origem portuguesa. A RFA contribuirá com cerca de 28 milhões de contos (394 milhões de marcos) para a construção das fragatas.

Além do «auxílio» que o Governo alemão-federal concordou em prestar a Portugal, a construção dos navios vai receber ainda uma contribuição suplementar do consórcio MEKO de cerca de 7,0 mi-

lhões de contos (96 milhões de marcos). Representantes das quatro empresas alemãs-federais e os ministros portugueses da Indústria e Comércio e da Defesa Nacional assinaram em Julho passado em Lisboa os contratos da encomenda para a Marinha de Guerra Portuguesa, pondo termo a um longo processo de mais de dez anos.

Por decisão do Governo português

As representações diplomáticas não deram apoio a João Jardim na sua visita a Bruxelas

O presidente do Governo Regional da Madeira, A. João Jardim, terminou ontem, em Bruxelas, uma visita de dois dias à Comissão Europeia, marcada pela ausência de apoio das autoridades portuguesas. As representações diplomáticas portuguesas na capital belga junto do Estado, na NATO e das Comunidades Europeias receberam instruções expressas nesse sentido do próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A atitude do Governo de Lisboa deve-se à recente visita de carácter privado à Madeira do presidente da África do Sul, Pieter Botha. Jardim encontrou-se apenas com o presidente da Comissão Europeia e vice-presidente.

No programa da sua visita foi particularmente notada a ausência de qualquer encontro oficial ou privado do líder madeirense com o representante permanente de Portugal junto das Comunidades Europeias, Leonardo Matias. Apesar disso, Jardim fez questão de sublinhar, numa conferência de Imprensa que deu, o apoio da referida representação permanente na organização da sua vi-

sita a Bruxelas.

A questão da deslocação de Botha à ilha da Madeira foi aliás focada por Jardim no encontro que teve com Jacques Delors. «Expus ao presidente da Comissão Europeia o problema da nossa emigração que justificou uma visita muito na baila, a título privado, do presidente da República da África do Sul à ilha da Madeira», afirmou. «E disse-lhe — continuou Jardim — que subscrevemos as posições das Comunidades na matéria, que não hostilizamos radicalmente a RAS, mas que exigimos o fim do regime do 'apartheid' e encontrada uma solução ocidental para

o problema», concluiu.

«Jacques Delors é uma figura pública europeia com um peso extraordinário» — disse ainda quando interrogado sobre as razões que o levaram a justificar ao presidente da Comissão Europeia (cujas competências são nulas em matéria de cooperação política) a visita à ilha da Madeira de Pieter Botha.

Durante a sua visita à Comissão Europeia, segundo explicou aos jornalistas, o presidente do Governo Regional expôs os seus projectos em matéria de criação de uma zona franca-industrial e de «off-shore banking», as suas ideias em relação à liberalização do transporte aéreo, a aplicação das regras de concorrência nas regiões periféricas, a protecção dos recursos pesqueiros e as suas dificuldades com desembolsos ainda não efectuados pela Comissão Europeia, relativamente a projectos aprovados pela Região Autónoma. «Estamos muito satisfeitos com a visita, a qual nos permitiu verificar a existên-



cia da maior abertura para as nossas posições», concluiu Alberto João Jardim antes de partir para o

Luxemburgo onde efectuará uma visita ao Banco Europeu de Investimentos (BEI).



Barcos "reabrem" fronteira do Guadiana

Portugal lança "anzol" a Espanha para que haja acordo de pescas

O tráfego fluvial era esta manhã normal no Guadiana, dezena e meia de horas depois de ter sido levantado o bloqueio da fronteira de Vila Real de Santo António-Ayamonte pelas cerca de cem embarcações que impediram o acesso ou saída de ambos os cais aos «ferries» que estabelecem diariamente essa ligação entre as 8 e as 22 horas.

Os armadores e pescadores de Vila Real de Santo António e Tavira suspenderam a sua luta doze horas antes do termo do «último» feito ao Governo, após o Ministério dos Negócios Estrangeiros ter publicamente afirmado a sua disponibilidade para o reinício das negociações.

Poderão os armadores e pescadores portugueses vir a saber, a curto prazo, quais as verdadeiras intenções dos seus homólogos espanhóis, uma vez que as declarações sobre a suspensão das negociações entre os dois governos não coincidem. Desconhece-se igualmente qual a razão por que têm vindo a ser adiadas. A posição do MNE português é muito clara: está disponível para encetar, pelas vias diplomáticas, diligências junto das autoridades espanholas para a retoma das negociações sobre o acordo fronteiriço de pescas.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros solicitou já às autoridades espanholas a escolha de uma data para uma reunião que possa avançar para uma solução de compromisso entre ambas as partes e a resolução deste importante problema sobrance no acordo geral de pescas entre Portugal e Espanha.

Nos contactos mantidos com as autoridades espanholas — segundo fontes do MNE —, o Ministério português indagou da disponibilidade de Madrid em manter a reunião para Dezembro e, em caso negativo, para confirmar outra data «possível e oportuna». O porta-voz dos Negócios Estrangeiros frisou que as autoridades portuguesas estão permanentemente disponi-

veis para prosseguir as negociações tendentes a encontrar uma «solução legítima e mutuamente vantajosa» para a regulamentação das condições recíprocas de pesca na zona fronteiriça do Guadiana.

Armadores lançam «anzol» a Godinho

A iniciativa para desbloquear a situação foi do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que a comunicou à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e ao Governo Civil de Faro em mensagem própria.

Aliás, a situação teria que ser assim desbloqueada, depois da posição assumida pela Secretaria de Estado das Pescas. Ainda ontem, de resto, os presidentes da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e da Associação de Armadores do Guadiana acusaram o secretário de Estado das Pescas de «inactividade» e de «inoperacionalidade» em relação ao acordo fronteiriço do Guadiana.

O presidente daquela autarquia responsabilizou Jorge Godinho pelos prejuízos causados pelo bloqueio ao comércio do concelho e ao turismo do Algarve, acusando-o de «inactividade relativamente ao diálogo com os pescadores e armadores». Segundo António Murta, apesar de alertado «logo no primeiro dia» para as consequências do bloqueio, o secretário de Estado «não mandou ninguém ao Algarve para dialogar com os armadores e pescadores. Isso só demonstra — acrescentou — a inactividade dessa Secretaria de

Estado», afirmou o edil de Vila Real de Santo António.

O presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António revelou no encontro com os jornalistas que, num contacto particular com o director das Pescas da Junta da Andaluzia, Fernando Villa, foi aceite a sugestão do reinício das negociações na primeira semana de Dezembro, data que mereceu também já o acordo da Secretaria de Estado das Pescas.

O presidente da Associação dos Armadores do Guadiana disse por seu turno que foi «a inoperância da actual Secretaria de Estado das Pescas» que levou os armadores e pescadores a bloquearem a fronteira.

A indiferença e arrogância despropositadas do actual titular da Secretaria de Estado tem como consequência o não interar-se correctamente das situações», disse o presidente que acusou o secretário de Estado de «desconhecimento profundo» do sector.

O presidente da Associação dos Armadores do Guadiana detendeu na conferência da Imprensa o reinício imediato das negociações do acordo fronteiriço do Guadiana, sem, contudo, que isso signifique «que nelas se descure o interesse local e nacional».

Questão levantada no Parlamento

Caso se mantenha o impasse, e apesar de levantado o bloqueio, armadores e pescadores estão na disposição de tomar medidas que «forcem a secretaria de Estado, de uma vez por todas, a resolver a questão do acordo fronteiriço do Guadiana», disse António Francisco.

De acordo com o presidente da associação, o projecto — com vista à assinatura desse acordo — já elaborado pelos armadores e pescadores portugueses e espa-

nhóis e entregue aos respectivos governos «é equilibrado», pois em termos de reciprocidade na concessão de licenças, equipara barcos de longueirão com tresmalho, cerco com cerco e os conqueiros com alcatruzes.

Sobre a questão de os espanhóis poderem fainar imediatamente a seguir à foz e os portugueses terem de o fazer «um pouco mais longe», aquele armador não viu nisso desvantagem de maior, acrescentando que «isso sempre aconteceu».

António Francisco disse ser necessário «acabar com as pescas furtivas, os tiros, os apresamentos» e considerou que o futuro acordo terá esse efeito, até porque — frisou — «os espanhóis propõem-se cumprir escrupulosamente o que for acordado».

O bloqueio do Guadiana e a situação de impasse sobre o acordo fronteiriço de pescas foram objecto de um requerimento apresentado na Assembleia da República por Carlos Brito e José Cruz, pelo grupo parlamentar do PCP. Segundo eles, perante uma «apática ausência de fiscalização, sete barcos espanhóis arrastaram os fundos a 50 metros da praia de Monte Gordo, frente ao casino» dois dias antes do início do bloqueio, tendo «levado para Espanha, com um trabalho de quatro horas de sortida, mil e quinhentos contos de lingueirão».

No requerimento apresentado junto da Secretaria de Estado das Pescas os dois deputados sublinham que desde Dezembro de 1982 que cerca de meia centena de embarcações portuguesas estão privadas de mar para as artes, ao passo que as medidas de reestruturação das artes apresentadas pela delegação regional da SEP fracassaram, nuns casos por «inadequadas à estrutura da frota, noutros por ausência de formação profissional».

Por diligência da UGT

Grupos Parlamentares analisam caso Anop

Torres Couto, secretário-geral da UGT, afirmou ontem aos trabalhadores da Anop que solicitou audiências urgentes a todos os Grupos Parlamentares para tratar da situação criada com «a extinção da Anop e constituição de nova empresa similar».

«O que causa graves preocupações à UGT não é tanto o princípio da existência de uma única agência, mas sobretudo o facto de o estatuto da agência (a criar) apontar para a sua governamentalização e sujeição a interesses privados sem levar em conta a necessidade de uma informação livre, plural e democrática» — lê-se na carta de Torres Couto, entretanto dirigida aos Grupos Parlamentares.

Refira-se que a carta surgiu na sequência de uma reunião de Torres Couto com trabalhadores da Anop, no quadro de pedidos de audiência à UGT e CGTP.

Torres Couto anunciou também que vai pedir uma audiência urgente ao secretário de Estado da Tutela, Marques Mendes, para debater a situação da Anop.

O secretário-geral da UGT afirma no documento que se «afigura preocupante a forma precipitada com que o processo está a ser desenrolado».

«Colocam-nos também sérias reservas e preocupações a falta de garantias dos direitos dos trabalhadores da Anop, bem como a estabilidade do respectivo posto de trabalho» — acrescenta-se ainda.

O secretário-geral da UGT considera que seria «grave incoerência» que no momento em que se começa a «discutir os estatutos da Televisão no sentido de se impedir a sua governamentalização», a solução encontrada para a nova agência não contemple «objectivos idênticos».

Algarve: deputados PS perguntam

Que se passa com o emissor sul da RTP?

Os deputados do PS eleitos pelo círculo de Faro, António Esteves e José Apolinário, acabam de pedir à Radiotelevisão Portuguesa «informações sobre o emissor de que dispõe no Algarve».

Efectivamente, em requerimento apresentado na Assem-

bleia da República, aqueles deputados solicitam à RTP esclarecimentos sobre o número de funcionários actualmente em serviço naquele emissor, sobre a existência de um plano de reapetrechamento técnico e humano e as melhorias de funcionamento previstas para 1987.

EXCURSÕES

FERIADOS DE DEZEMBRO

AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.ª

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA
5 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

SEVILHA • TORREMOLINOS • CEUTA
4 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

TÂNGER • CEUTA
4 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

MADRID • VALE DOS CAÍDOS
4 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

SANTIAGO DE COMPOSTELA
3 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

SEVILHA • CORDOBA
3 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

MINHO • GERÊS • CANIÇADA
3 DIAS — PARTIDAS: 29/11 e 6/12

PEÇA OS NOSSOS PROGRAMAS
DE NATAL E FIM-DE-ANO
CEIAS ★ BAILES ★ RÉVEILLONS

Peça programas e informações na sua agência de viagens ou na

AVIC
VIAGENS TURISMO

AV. 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
Telefones: 52 11 16 / 52 11 17 / 57 29 70

Dinheiros das Apostas Mútuas vão ter nova distribuição

A Federação Portuguesa de Futebol e os clubes das três divisões de futebol passam a receber 50 por cento das receitas de exploração do Totobola, segundo nova distribuição de lucros hoje publicada na folha oficial. A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa caberão 21,5 por cento dos lucros e aos estabelecimentos que prosseguem ações de reabilitação de deficientes, 7 por cento.

Contemplados são também o Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, instituições particulares de solidariedade social, prevenção e reparação de situações de calamidade pública e associações de bombeiros voluntários, com, respectivamente, 9,5, oito e dois por cento cada.

Quanto ao Totoloto, a maior fatia caberá à Segurança Social com 30 por cento, seguindo-se a Santa Casa da Misericórdia com 21,5 por cento, instituições de reabilitação de deficientes com 12,5 por cento e Fundo de Fomento do Desporto com 16 por cento. Para o Inatel, prevenção de calamidades públicas, associações de bombeiros e policia-mento de espectáculos vão, respectivamente, 2,5, 1,5, 2 e 1,5 por cento dos lucros.

Os clubes concessionários de jogo do bingo receberão verbas inferiores, segundo regras estipuladas pelo referido decreto-lei. Das receitas dos concursos do Totobola e Totoloto serão deduzidas importâncias correspondentes a 0,5 por cento, até perfazer os montantes máximos de 15 mil e 85 mil contos para constituição de dois fundos para pagamento de prémios por reclamações. Das receitas dos concursos deduzir-se-ão importâncias correspondentes a 1 por cento até perfazer 150 mil e 850 mil contos destinados à formação de dois fundos para renovação de equipamento e material.

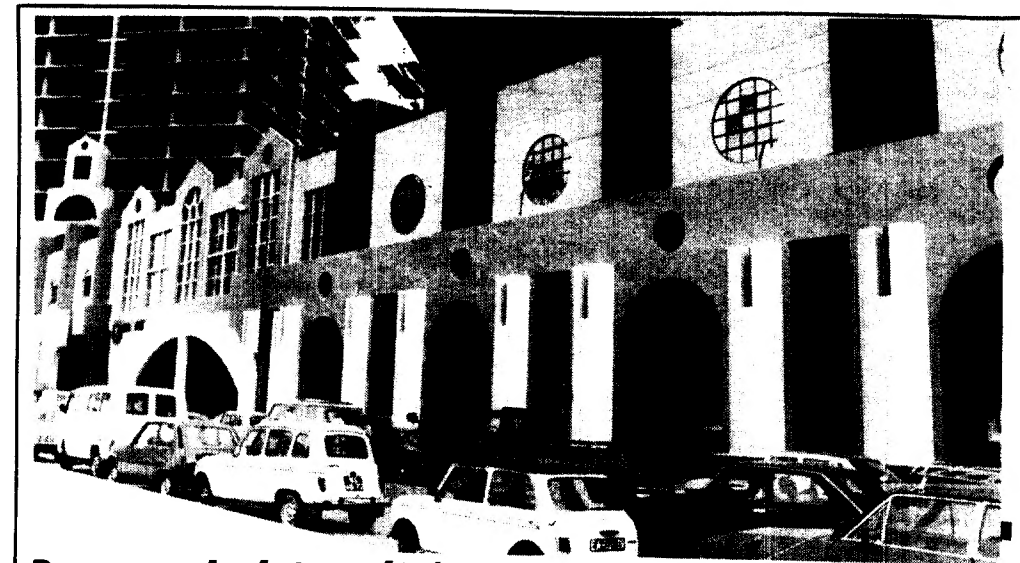
Um anacronismo que ninguém respeita

Lei ainda proíbe o uso de biquíni no Algarve

Uma beldade loira, espre- guiçada mas areias douradas e finas de uma praia do Algarve, com tudo o que Deus lhe deu à luz do sol, é um postal profusamente distribuído e utiliza- do como veículo promocional do turismo da região do Algar- ve, por esse mundo fora.

Indiferente aos olhares cu- riosos dos pretensos defenso- res da moral pública e às dis- cussões que no Parlamento se arrastaram meses a fio, sem resultados conclusivos, o nu- dismo, despoído de preconcei- tos e das roupas, foi gradual- mente conquistando o seu lu- gar e a complacência pudorosa dos vigilantes cabos de mar.

No Verão, multiplicam-se



Preparando dois peditórios para este mês

Deficientes consideram Amoreiras uma "aberração arquitectónica"

Muitos edifícios públicos construídos nos últimos anos apresentam várias barreiras arquitectónicas para os deficientes, ao mesmo tempo que o Go- verno «faz campanha com a le- gislação destinada a melhorar as nossas condições de vida, mas procede a cortes nas verbas para as associações» — alertou o presidente da Associação Por- tuguesa de Deficientes, que do mesmo modo considerou uma «aberração para os deficientes» o Centro Comercial das Amo- reiras.

António Lampreia chamou também a atenção para o facto do Regulamento Geral das Edi- ficações Urbanas ter sido revo- gado em Junho «sem nunca ter sido aplicado» e anunciou para os dias 26, 27 e 28 deste mês o segundo peditório nacional da APD. Entretanto, um outro pe- ditório decorrerá entre amanhã e domingo: o da Associação Por- tuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais (APPACDM).

Sobre o da APD (o último, a realizar entre 26 e 28 deste mês), disse António Lampreia: «Não estamos vocacionados para peditórios, mas temos de pedir ao povo português o que não conseguimos por via do Es- tado» — afirmou o presidente da associação, o qual referiu

também que o Primeiro- -Ministro «insiste em designar os deficientes por inválidos» em várias declarações públicas, adoptando «uma terminologia de tempos passados».

Lampreia sublinhou que con- tinua a construir-se escolas, es- tações de correios e passagens superiores com escadas e com elevadores e sanitários que não podem ser utilizados por grande parte dos cerca de um milhão de portugueses deficientes. A apli- cação do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, apro- vado por decreto-lei de 1982, foi «continuamente prorrogado até 30 de Junho passado, data em que foi pura e simplesmente revogado» — disse.

Diminuídos mentais: pavilhão em Lisboa

A Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais (AP- PACDM), associação criada há cerca de 25 anos, é uma institui- ção privada de solidariedade social, com delegações em treze distritos e 55 instalações de apoio às crianças deficientes, que de amanhã a domingo pro- move um peditório público, cuja receita — a apurar — rever- terá a favor da construção de um

pavilhão gimnodesportivo em Lisboa.

Uma vez construído o pavi- lhão — disse o seu presidente, Luís Quintino — a sua utiliza- ção será cedida aos clubes des- portivos da zona e demais popu- lação.

A associação, que iniciou as suas actividades em Lisboa, dispõe de um centro de diag- nóstico clínico, creches de in- tegração, infantários, centros de dia, lares, centros educacionais, pré-oficinas e oficinas.

Alguns dos assistidos desem- penham trabalhos agrícolas, in- dustriais e domésticos nas ofici- nas dos transportes aéreos por- tugueses, Câmara Municipal de Lisboa e Faculdade de Ciências Médicas, entre outros, onde usufruem vencimentos simbóli- cos entre os 125 e os 250 escu- dos mensais, sendo sempre acompanhados por técnicos es-pecializados da associação.

Ainda sobre a APD (a que acima aludimos), salientamos:

A associação defende que as empresas portuguesas deveriam ser obrigadas a cumprir uma quota mínima de emprego para deficientes, considerando «su- ficiente» a lei, que possibilita a redução em 50 por cento das contribuições por parte das fir- mas que empreguem deficien- tes.

No sábado

Universidade de Coimbra recebe prémio espanhol

A Universidade de Coimbra vai receber, no sábado, conjun- tamente com a de Salamanca, o Prémio Príncipe de Astúrias, da cooperação ibero-americana, acto solene que será presidido pelo príncipe herdeiro da coroa espanhola, Felipe de Borbon.

Os Prémios Príncipe de Astú- rias são atribuídos anualmente pela Fundação do Principado de Astúrias, com sede em Oviedo.

No mesmo acto, a que pela primeira vez o príncipe de Astú- rias, Felipe de Borbon, presidirá sozinho, serão entregues outros seis prémios.

Ao acto solene assistirão di- versas personalidades do mundo da Ciência, da Cultura, da Eco- nomia, do Direito e da Política de Espanha e dos países latino- -americanos.

Além do prémio principal, atribuído este ano conjuntamente às Universidades de Coimbra e de Salamanca, serão entregues os Prémios da Liberdade à Vica- ria da Solidariedade do Chile, de Comunicação e Humanidades ao grupo O Globo, do Brasil, e o de

Letras ao escritor Mário Vargas Llosa e ao linguista espanhol Ra- fael Lapesa.

O de Cinema foi atribuído ao cineasta espanhol Luís Garcia Berlanga, o de Ciências Sociais ao psicólogo José Luís Pinillos e o de Investigação Científica e Técnica ao químico António Gonzalez.

No sábado será anunciada a criação de um novo prémio para personalidades ou instituição que mais tenha contribuído em cada ano para exaltar o desporto.

Os prémios são atribuídos anualmente desde a sua criação, há seis anos.

Os prémios são atribuídos por júris internacionais formados por personalidades do mundo da Po- lítica, da Cultura e da Economia.

O júri que atribuiu o prémio de cooperação ibero-americana às Universidades de Coimbra e de Salamanca foi presidido pelo ex-Chefe do Estado português António Ramalho Eanes, com a participação do ex-primeiro- -ministro Francisco Pinto Bal- semão, além de personalidades espanholas.

Investigação científica precisa de verbas

Portugal carece de uma estru- tura que coordene a colaboração entre as investigação científica produzida nas Universidades e a indústria — disse ontem, em Coimbra, o secretário de Estado da investigação científica.

«Temos consciência da pro- funda necessidade desse orga- nismo mas a sua criação implica verbas elevadas que não estão disponíveis actualmente», disse Arantes de Oliveira, destacando a exiguidade das verbas atribuí- das à investigação científica.

No entanto, a médio prazo, a criação do referido organismo «é inevitável para que a inteligên- cia portuguesa não continue a ser exportada para o estrangeiro a preços inferiores», disse aquele membro do Governo.

O secretário de Estado da In-

vestigação Científica presidia a uma reunião sobre as oportuni- dades de ligação da investigação científica ao desenvolvimento, em que participaram empresá- rios, investigadores universi- tários e os reitores das Universi- dades de Coimbra, Aveiro e Covi- lhã.

Na reunião, os vários oradores sublinharam a falta de Informa- ção e de apoios materiais e finan- ceiros a ambas as partes como os principais para uma ligação mais efectiva entre a investigação científica realizada nas Univer- sidades e a indústria.

O secretário de Estado da In- vestigação Científica referiu a propósito que o Governo vai le- gislar brevemente no domínio dos benefícios fiscais a conceder às empresas que se dediquem e apoiem a investigação científica.

como os cogumelos, e mesmo agora, com Novembro bem alto, não há quem lhes chegue «a roupa ao pélo».

O regulamento existente é de rigor, mas anacrónico e de- sadequado, num Algarve poli- glota e cosmopolita onde «o hábito não faz o monge», uma vez que, elaborado no remoto ano de 1941, estabelece as re- gras que o pudor e os bons cos- tumes da época aconselhavam então.

O decreto, muito embora se encontre em vias de ser revis- to, contém a definição dos mo- delos de fato de banho a usar ainda «nas praias e piscinas do País» merecendo a chancela oficial e a devida divulgação

pública em editais mandados afixar, então, pelo Governo Civil do distrito.

Invocando o uso da com- petência que lhe era conferi- da, o governador daquele tempo, fazia saber que «é proibido o uso de fatos de ba- nho que não obedeçam às con- dições mínimas oficialmente fixadas».

Todavia, depois disto, o ho- mem já foi à Lua, Portugal vi- veu uma revolução, e dos cos- tumes reza a história. Passa- ram muitos anos mas a letra da lei mantém-se para valer.

As autoridades marítimas e policiais sabem que «o fato de banho para senhoras deve ser inteiro. O calção será justo à perna e de corte inteiro. A frente deve cobrir a parte an-

terior do tronco, não podendo o decote ser exagerado a pon- to de descobrir os seios. As costas poderão ser decotadas, sem prejuízo do corte das ca- vas, que deve ser cingido às axi- las».

Para os homens, o fato de banho pode ser inteiro de ca- misola e calção mas a lei, no masculino, era mais flexível admitindo o uso «só de cal- ção».

Em qualquer dos tipos «o calção deverá ser de corte in- teiro, justo à perna, com refor- ço interno na parte da frente do usado com 'trousse' inter- na». Obrigatório ser justo à cintura, cobrindo o ventre.

«Dura lex sed lex», diriam os latinos, clássicos implacá- veis na interpretação fiel da lei

mas, sabiamente, encontran- do sempre para cada regra, uma excepção: «ressalvam-se as raparigas até dez anos e os rapazes até aos doze, excepto nos casos de desenvolvimento precoce».

O ponto único, porém, não deixava dúvidas: «não é per- mitido o uso de fatos de banho que se tornem imorais pela sua transparência ou pela excessi- va elasticidade do tecido».

Os prevaricadores se não sabem, ficam a saber: «as in- frações serão punidas com uma multa de 30 a cinco mil es- cudos de harmonia com o di- posto no Artigo 370.º do De- creto-Lei 31247, de 5 de Maio de 1941».

Assinado pelo governador, o edital remete para as autori-

dades «velar pela observância das determinações nele conti- das e promover o seu eficaz cumprimento e rigorosa fiscali- zação».

O mesmo regulamento poli- cial, que até final do ano deve- rá ser revisto por iniciativa do actual governador civil de Faro, Cabrita Neto, proíbe ainda «o trânsito de pessoas decalças na via pública nas ci- dades e vilas deste distrito, contendo punições que vão de uma multa de cinco a cinquenta escudos e prisão por oito a dez dias».

Enquanto o novo regula- mento policial não vem, fica o alerta para que se cubra de um qualquer imprevisto zelador da lei e guardador dos bons costumes.

Procurador acusa Otelo de procurar salvar os dirigentes políticos

O representante do Ministério Público no julgamento do 1.º processo das FP-25 acusou Otelo Saraiva de Carvalho de pretender «salvar» os dirigentes políticos da organização «condenando» os operacionais.

No terceiro dia das suas alegações, o procurador da República, Teodósio Jacinto insistiu no carácter «terrorista» da organização «Projecto Glo-

bal/FP-25», que segundo afirmou pretendia «a tomada do poder político pela violência das armas e a destruição do regime democrático consagrado na Constituição portuguesa».

O mesmo magistrado afirmou ainda que «a articulação» entre a FUP e as FP-25 «era evidente», corroborando a tese da acusação.

«A função da FUP era fazer

o enquadramento político das acções armadas» — disse.

Durante a 220.ª sessão do julgamento, o representante do Ministério Público citou uma entrevista de Otelo, concedida em 1981 a uma revista

suíça, onde o antigo comandante do COPCON afirmava que «a burguesia só teme a linguagem das armas».

O procurador da República recordou a seguir algumas acções realizadas naquele mes-

mo ano pelas FP-25, entre as quais o assassinio de dois soldados da GNR, na Malveira, e baleamentos a industriais.

Quanto aos réus «arrependidos», o procurador voltou a afirmar que eles «colaboraram

de forma decisiva para o desmantelamento da organização terrorista».

O julgamento prossegue hoje à tarde, ainda com as alegações do representante do Ministério Público.

Análise social

A revista do Instituto de Ciências Sociais, dirigida pelo professor doutor A. Seda Nunes, no fascículo n.º 90 (terceira série, vol. XXII) publica os seguintes artigos: «Paradigmas Sociológicos na Análise da Vida Quotidiana», de José Machado Pais; «A Fiscalidade em Portugal: Aspectos Sociais, Económicos e Financeiros», de H. Medina Carreira; «A Indústria Transformadora Nacional na Encruzilhada: Potencial Inovador e Competitividade», de F. Gonçalves e J. M. Caraga; «O Estado Novo Perante os Poderes Periféricos», de Rui Ramos; «Reflexos Culturais da Emigração para o Brasil», de M. Beatriz Rocha Trindade; «Perspectivas dos Jovens Portugueses Sobre a Família e o Casamento», de Ana Nunes de Almeida; «A Metodologia do Trabalho de Campo em Antropologia Cultural: Um Esboço Bibliográfico», de João Pina Cabral.

No contexto político português actual reveste-se de particular interesse o artigo do antigo ministro Medina Carreira sobre a fiscalidade portuguesa no qual o autor evidencia o rápido e forte agravamento da carga fiscal no nosso país. Segundo Medina Carreira: «A incapacidade do sis-

tema para produzir receitas próximas do volume das despesas dá lugar a altos défices orçamentais, financiados de modo a provocar a escassez de recursos creditícios disponíveis para a actividade produtiva; o investimento necessário à modernização da economia, à luta contra o desemprego, ao aumento da produtividade e ao equilíbrio estável das contas externas, é altamente desincentivado; a transferência de recursos de estratos de trabalhadores mais qualificados para os restantes cidadãos produz uma redistribuição concreta anómala e iníqua; a melhoria dos capitais próprios das empresas encontra no regime fiscal um obstáculo de peso; sem investimento de volume satisfatório, em empresas que possam interessar-se pelo recurso a capitais do público, e sem constituir sociedades anónimas em número e de dimensão adequada, não será lícito aguardar um acréscimo significativo do mercado primário de títulos de risco; e sem isso o mercado secundário não poderá evoluir satisfatória e rapidamente».

«Análise Social» publica uma importante informação relativa às revistas recebidas pelo Instituto de Ciências Sociais.

Communio

Revista internacional católica

Esta revista internacional de reflexão teológica e de mundivivência cristã, no número referente a Setembro/Outubro deste ano, o seu 3.º ano de publicação, publica um «dossier» sobre «Pobreza e Evangelho».

«Deve ser posto em prática tudo o que possa restituir a esperança aos milhões de europeus a quem presentemente a justiça social é recusada». Esta exortação conclusiva de «O dossier da Europa» dedicado à luta contra a pobreza vale não só para os «novos pobres» no espaço europeu, mas também para Portugal e — certamente ainda em intensidade maior — para muitas situações a nível mundial.

Daí que a revista **Communio** dedique o seu 5.º número deste ano ao tema «Pobreza e Evangelho». O fascículo, que acaba de aparecer a público, inclui os seguintes artigos: No «princípio» era a bem-aventu-

rança dos pobres (António Sicari); A pobreza de Jesus Cristo (Hans Urs von Balthasar); Pobreza e perfeição da fé (M. Isidro Alves); A pastoral face à pobreza (D. António Marcelino); Superação da pobreza. Perspectivas de acção (Acácio Catarino); Pobreza como mal social e pobreza como ideal de vida (Manuel António Ribeiro); Reino de Deus e compromisso político a favor dos pobres (Luís G. — C. Santabárbara); Visão cristã do homem num ambiente cultural secularizante (Carlos Silva). Neste número, e ainda em relação com o tema geral em análise, apresentam-se dois depoimentos: Padre Américo, o Apóstolo da Rua (Carlos M. Trindade); A nossa pobreza de criaditas (por uma criadita dos pobres).

No próximo número de «Communio», anunciado para Dezembro, abordará o tema «A Família».

Títulos de Capitalização Automática TAXA FIXA



O INVESTIMENTO QUE RESISTE AO TEMPO

Os Títulos de Capitalização Automática **TAXA FIXA** a 2, e 3 ANOS são uma nova modalidade de Obrigações do Tesouro.

O valor de aquisição capitalizada a uma taxa fixa no início do empréstimo, válida para toda a vida do investimento. O rendimento é, portanto, independente das oscilações das taxas do mercado financeiro.

Capital e juro beneficiam de isenção total de impostos. Os Títulos podem ser livremente transaccionados na Bolsa de Valores.

Decida-se. Subscriva Títulos de Capitalização Automática **TAXA FIXA** ao valor de 10 000\$ por Obrigação, aos balcões da Junta do Crédito Público (Lisboa e Porto) e das Instituições de Crédito.

Subscrição a partir de 17 de Novembro



...agora vale a pena poupar

Títulos de CAPITALIZAÇÃO AUTOMÁTICA • TAXA FIXA

Subscribo _____ Títulos a 2 ANOS _____ Títulos a 3 ANOS
no valor de Esc.: _____

Nome: _____

Endereço: _____

N.º Cheque _____ Banco _____

N.º Vale Postal _____

Privilegiado pelas suas características

Embarque de armas em Setúbal cumpre-se dentro da rotina

O embarque de munições com destino ao Irão «é uma rotina que tem anos» no porto de Setúbal — disse à Anop o capitão do porto. A mesma fonte disse que o porto de Setúbal é escolhido para o embarque desse tipo de carga «dadas as características físicas que tem».

«Aqui não há engarrafamentos nem o risco de um camião carregado com munições ter que esperar meia-hora numa fila de trânsito» esclareceu o capitão do porto, segundo o qual o armamento em questão é produzido nas unidades fabris da margem Sul do Tejo e ainda em Oeiras.

Esta informação foi corroborada por uma fonte do Comando-Geral da Guarda Fiscal que disse à Anop: «Portugal fabrica armas, assim como fabrica outros produtos. É natural que se dedique à sua comercialização».

Hoje, no porto de Setúbal, encontra-se o na-

vio panamiano «Angelique», com seis passageiros clandestinos etíopes a bordo e que transporta, com destino ao Irão, um carregamento de material de guerra no valor de um milhão de dólares.

O «Angelique», já carregado, provavelmente «zarpará ainda hoje» depois de «ter passado vários dias ao largo à espera de carga, concretamente explosivos» — disse uma fonte do Comando-Geral da Guarda Fiscal.

Os passageiros clandestinos «não fizeram quaisquer esforços para conseguirem asilo político em Portugal. O capitão do navio respon-

sabilizou-se pela presença deles e disse, desde a entrada no navio em Setúbal, que já havia contactos com a Espanha, que está pronta a recebê-los» — disse o capitão do porto de Setúbal.

«Se não fosse isso, estaríamos a braços com um problema complicado. Assim, limitamos a comunicar que havia clandestinos a bordo», acrescentou.

O navio de transporte de carga geral fundeado no porto de Setúbal, o «Angelique», tem bandeira panamiana e vai partir para Bandar Abbas, no golfo Pérsico, fazendo antes escala no porto espanhol de Santander.

O comandante da Guarda Fiscal de Setúbal, interrogado sobre a questão das armas com destino ao Irão, transportadas pelo navio, disse que «Portugal fabrica material de guerra que exporta para muitos países, como exporta outras mercadorias».

Na zona do Prior Velho

Desconhecida atropelada por autocarro "laranja"

Na Unidade de Urgência Cirúrgica do Hospital de S. José encontrava-se esta manhã por identificar uma mulher aparentando 60 anos que, pelas 19 horas de ontem, foi atropelada na zona do Prior Velho, em Lisboa, por um autocarro da Rodoviária Nacional.

A vítima foi conduzida numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Sacavém, ao Hospital de S. José, onde deu entrada sem fala e com ferimentos graves na cabeça, não tendo em seu poder qualquer elemento de identificação.

Gaivota de Londres

"poluída" em Setúbal

Uma gaivota registada em Londres foi ontem encontrada em Setúbal, incapaz de voar e completamente suja de óleo. De acordo com a delegação naquela cidade do Instituto de Investigação das pescas, a existência de várias zonas de poluição e o facto de haver grandes manchas de óleo no mar terão estado na origem do extravio da ave, portadora da identificação «BTO British Museum Nat Hist. London. GG 31092». A gaivota encontrada na doca do Clube Naval de Setúbal foi entregue ao Serviço de Estudos de Migração e Protecção de Aves, em Lisboa.

Detidos no Barreiro

com 600 contos de furtos

A PSP capturou ontem, no Barreiro, dois indivíduos acusados de envolvimento em furtos em residências, automóveis e sedes de clubes desportivos. São eles Sousa, de 35 anos, natural daquela cidade, e Santos, de 42 anos, nascido em Lisboa, que actuavam por arrombamento, tendo sido encontradas em seu poder diversas chaves que se destinavam a futuros assaltos. Entre os objectos apreendidos contam-se televisores, bicicletas, máquinas de costura, serviços de loiça, relógios de parede e de cozinha, no valor global de cerca de 600 contos.

Havia grave perigo para a saúde pública

Encerrada pastelaria de Coimbra por falta de condições higiénicas

As autoridades sanitárias de Coimbra encerraram uma unidade industrial de panificação e pastelaria da cidade de Coimbra por falta de condições de higiene — disse o subdelegado de Saúde.

Aquele informador, que se recusou a adiantar o nome da empresa, referiu que o estabelecimento se encontra «em deficientes condições de higiene e com instalações muito degradadas», constituindo um grave perigo para a saúde pública.

O encerramento é obrigatório até que sejam repostas as condições de «perfeita higiene», disse

o subdelegado de Saúde, acrescentando que a acção foi concretizada pelo Centro de Saúde, em colaboração com a Inspeção Económica e o ministro da Indústria.

Referiu ainda que o encerramento daquele estabelecimento se insere numa política de «melhoria das condições de produção de alimentos».

«As nossas actividades não têm um carácter repressivo e procuraram ser essencialmente de sensibilização para a melhoria da qualidade», sublinhou.

As autoridades sanitárias de

Coimbra encerraram outros dois estabelecimentos no início da presente semana, que classificam de «acções pontuais».

Segundo referiu a mesma fonte, estas acções são esporádicas porque «a situação sanitária do concelho é boa».

Salientou que as autoridades sanitárias de Coimbra, através do Núcleo de Educação para a Saúde e do Serviço de Saúde Pública, têm desenvolvido com frequência acções de esclarecimento e sensibilização para os problemas da higiene e Saúde Pública.

Prefeitos franceses visitaram a GNR

Sete prefeitos comissários da República (governadores civis) franceses visitaram ontem a GNR, tendo sido recebidos no Quartel do Carmo pelo comandante-geral daquela força paramilitar, general Tomé Pinto. A visita integrou-se no programa que os prefeitos gauleses se encontram a efectuar a Portugal a convite do Ministério dos Negócios

Estrangeiros (Direcção-Geral dos Negócios Político-Económicos, da Direcção dos Serviços da Europa).

A comitiva, que é constituída por sete prefeitos dos departamentos de Gironde (regiões de Aquitaine, Ariège, Aube, Landes, Lot, Lozère e Tran), deslocou-se depois ao 4.º Esquadrão do Regimento

de Cavalaria da GNR, na Ajuda, onde após um «briefing», lhe foi apresentado um «plasmotrom» com os diferentes uniformes, equipamento e material de que a GNR está dotada, assistindo ainda às exposições do carrocel motorizado do 2.º Esquadrão do Regimento e da charanga a cavalo em grande uniforme.

Vento trouxe poluição das fábricas

Lisboa foi invadida por "nuvem" de mau cheiro

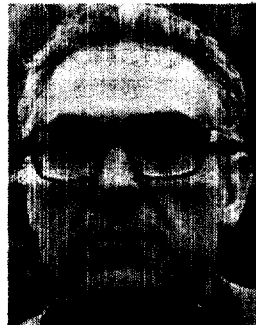
As más condições atmosféricas (vento fraco) para a dispersão de poluentes (óxido de carbono e dióxido de enxofre) expelidos pelas unidades fabris na margem direita do Tejo estiveram na origem do mau cheiro que, ontem de manhã, se fez sentir nas zonas baixas de Lisboa.

De acordo com o eng. Renato de Carvalho, do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, as unidades fabris responsáveis

pela situação localizam-se no Beato, Sacavém e toda a margem direita do Tejo até Vila Franca de Xira.

A mesma fonte referiu que «os automóveis de motor diesel, mais do que as indústrias, contribuem para a poluição das cidades, pois os motores a diesel emitem os chamados fumos negros que têm partículas sólidas em suspensão, as quais se alojam nos pulmões, originando graves doenças».

Segundo Renato de Carvalho, que é membro da Comissão de Gestão do Ar, «nos últimos dois anos foram tomadas medidas que contribuíram para diminuir este tipo de poluição em Lisboa, como sejam as modificações no trânsito, sendo de referir, a título de exemplo, que os índices de poluição da Rua Augusta, diminuíram de 10 para 1, desde que aquela artéria foi vedada aos veículos automóveis».



Mário Castrim

— Já lhe disse,

meu caro senhor — disse aquele eficiente, europeu moderno industrial — Já lhe disse que sou contra o desemprego e que tudo farei para obrigá-lo a descer. á por mim, comecei por ter alguma dificuldade em ouvi-lo. Depois prestei-lhe mais atenção, o homem parecia mesmo sincero. Recordei-lhe os nomes de uns quantos despedidos nesta semana.

— Ah esses, contados! — respondeu — Já não produziam coisa com coisa. Recebem a sua reforma, descansam, enfim, ainda lhes faço um grande jeito. — E a fábrica que fechou em Sacavém?

Ele puxou uma data de jumaças do cigarro estrangeiro. Sorriu: — Ora, ora, meu caro! Chamar fábrica aquilo? Pelo amor de Deus, aquilo era um barracão a cair de podre e se eu não mandasse encerrar o barracão, dava-se ali, em breve, uma catástrofe.

— O «barracão» ainda não caiu.

Abriu os braços: E quem ia adivinhar, sim, quem ia adivinhar? Fiz aquilo que me parecia bem. Sim, cá por mim faria tudo, mas tudo, para combater o desemprego. Só peço que acreditem na minha boa-fé.

— No entanto, a reserva que recebeu no Alentejo, permanece inculta...

Fez um gesto de espanto:

— Olhe, ignorava isso. Francamente, ignorava. Não posso estar em todo o lado. Qualquer dia até me acusam da falta de bacalhau na Gronelândia...

Em volta, houve quem risse da bacalhoadá. Não me dei por vencido, apesar de tudo:

— Então por que não investe em Portugal toda a massa que transferiu para o estrangeiro? Mas uma jumaça:

— Ainda bem que me faz essa pergunta. Não nego que fiz uns depósitos na Suíça, se é a isso que se quer referir. Mas quem lhe diz que já não estou aplicando aqui esse dinheiro? Mas é que estou mesmo! Desconfiet.

— Venha comigo — disse. Levou-me ao alpendre transformado em depósito de máquinas.

— Coisas lindas, não acha? — perguntou — Gastei nisto cem mil contos, mas com estas máquinas vou poupar na mão-de-obra. Cada uma faz o trabalho de dez pessoas. Realmente, as máquinas brilhavam. Como se chorassem.

PCP quer suspensão do mandato do presidente da Câmara

Alegando irregularidades na Câmara Municipal de Albufeira, a direcção regional algarvia do Partido Comunista Português exige a suspensão do mandato do presidente até ao esclarecimento total das irregularidades reveladas por uma sindicância efectuada aos serviços técnicos do Município.

Para os comunistas algarvios, a suspensão do mandato do presidente da Câmara de Albufeira, o socialista Xavier Xufre, surge «como a única posição digna do lugar que ocupa» face à «falta de

transparência de processos, esbanjamento e mau uso de dinheiros públicos» revela dos nos inquéritos e sindicância efectuados pela Inspeção Geral da Administração do Território, de que o

presidente «tenta minimizar a gravidade, alijar responsabilidades e por em causa a idoneidade dos inquiridores do processo».

De acordo com o comunicado do PCP, são exemplo do esbanjamento e mau uso do dinheiro «os cerca de 750 mil escudos pagos indevidamente ao empreiteiro das obras de alteração do sistema de condução final e tratamento de esgotos da zona da Oura», ou «a entrega da adjudicação dos levantamentos to-

pográficos das zonas da Galé e Balaia a uma firma que não é da especialidade, por um valor superior ao orçamento apresentado por essa firma em mais 1.731.240.00».

O texto prossegue, revelando que se confirmam «também irregularidades e ilegalidades, nomeadamente no loteamento do cerro da Alagoa, no loteamento a nascente de Montechoro, nas obras de ampliação do hotel Boavista e na construção de um conjunto de apartamentos

em Areias de S. João».

O comunicado dos comunistas algarvios surge na sequência de uma moção apresentada pela APU na última Assembleia Municipal de Albufeira, na qual se solicitava ao agente do Ministério Público junto do Tribunal Judicial da comarca do concelho a abertura dos processos referidos no relatório da sindicância, já aprovada pelo secretário de Estado da Administração Local.

Segundo apurou a agência

NP, o inquérito aos serviços técnicos da Câmara Municipal de Albufeira, conduzido pela Inspeção Geral da Administração do Território aponta factos que «podem integrar o crime de burla nas disposições combinadas dos artigos 313 e 314 do Código Penal». Naquele documento, acusa-se um engenheiro dos serviços técnicos da Câmara e um empreiteiro da região de «actuação pouco transparente» na adjudicação de obras públicas.

No valor de 5.800 contos

Governo atribui subsídio para Alfama e Mouraria

O secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, Nunes Liberato, determinou a atribuição de subsídios às Câmaras de Lisboa e Porto para a reabilitação urbana de áreas degradadas.

Na sequência do despacho publicado, a Direcção-Geral do Ordenamento do Território vai atribuir à Câmara Municipal de Lisboa um subsídio de 5.800 contos para reabilitação urbana dos bairros de Alfama e Mouraria.

Por seu lado, a Câmara portuense receberá 4.700 contos para a reabilitação urbana de oito áreas degradadas nas freguesias de Miragaia, S. Nicolau, Vitória e Sé.

Deste modo, o total dos subsídios recebidos até esta data pelos Municípios de Lisboa e Porto para efeitos de reabilitação urbana de zonas degradadas ascende a 22.731 e 22.255 contos, respectivamente.

Para além destas duas entidades, mais vinte e oito Câmaras foram contempladas pelo despacho do secretário

de Estado, totalizando os subsídios agora atribuídos cerca de 44 mil contos.

Soares intercede

O Presidente da República intercedeu junto do Presidente da Assembleia da República para que a legislação relativa à fixação de cartazes publicitários e políticos na cidade de Lisboa seja regulamentada.

Segundo declarou à ANOP uma fonte da Presidência da República, esta diligência de Mário Soares foi tomada na sequência de uma audiência concedida pelo PR ao Grupo de Animação para a Recuperação de Lisboa (GARL).

O GARL, constituído por Idalina Salgueiro, João de Almeida, Helder Carica e Guilherme Oliveira Martins, pretende melhorar os jardins, parques infantis, circulação do tráfego e algumas fachadas da praça da Alegria e do Largo da Academia de Ciências.

Conde de Barcelona é nome de rua no Estoril

O rei Juan Carlos, de Espanha, estará ausente da cerimónia do descerramento de uma lápide topográfica em homenagem ao seu pai numa rua do Estoril, dia 13 de Dezembro, disse à Anop uma fonte da Embaixada Espanhola em Lisboa.

Nenhum elemento da Casa Real espanhola se deslocará a Portugal para assistir à cerimónia, disse o adido de Imprensa da Embaixada de Espanha em Lisboa.

A mesma fonte disse à Anop que se desconhece ainda quem fará parte da delegação à ceri-

mónia da inauguração.

Na futura Rua do Conde de Barcelona situa-se a Moradia Giraldia, que continua a pertencer ao pai do monarca espanhol, que ali viveu vários anos da sua juventude.

A rua é actualmente conhecida pelo nome de Estrada de Bicesse e tem uma extensão de 1 quilómetro.

A iniciativa da atribuição do novo nome da artéria partiu de uma comissão formada por representantes da Junta de Freguesia e Câmara Municipal de Cascais.



COLHA O FRUTO ANTES DO TEMPO

AGORA

RECEBA O JURO À CABEÇA

Não fique à espera do que pode ter já hoje.

As OBRIGAÇÕES DO TESOIRO — SEM CUPÃO, lançadas agora pela primeira vez, à subscrição pública, dão-lhe a oportunidade de adquirir um título por custo inferior ao seu valor.

O que significa a garantia certa e segura de um investimento absolutamente vantajoso.

As OBRIGAÇÕES DO TESOIRO — SEM CUPÃO têm um juro fixo de 13%, durante dois anos, que é descontado no valor dos títulos adquiridos.

E dão-lhe ainda a vantagem da total isenção de impostos incluindo o imposto sobre sucessões e doações.

Os Títulos são de 1 ou 5 Obrigações no valor nominal de 10.000\$00 cada e correspondem a um empréstimo com a duração de dois anos.

Subscreva já OBRIGAÇÕES DO TESOIRO — SEM CUPÃO nos balcões da Junta do Crédito Público ou nas Instituições de Crédito.

A subscrição poderá também ser feita por correspondência.



OBRIGAÇÕES DO TESOIRO - SEM CUPÃO
1986/88

O cupão, devidamente preenchido, deverá ser enviado a:
JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO
Praça do Comércio, 119-1 Lisboa CODEX
Subscrição no valor de 7.836\$00 cada o que pertax o capital de
Nome: _____
Endereço: _____
N. Cheque _____
Banco _____
N. Vale Postal _____



Animadores das «Iris» dão conta dos problemas e aspirações das rádios locais — em essencial da sua — ao «DL»



«Realidades»: um dos programas da «Iris» mais ouvidos pela população de Benavente e Salvaterra de Magos

Do Porto Alto a Salvaterra de Magos

«Iris»: uma rádio livre ao serviço do Ribatejo

Júlio Rodrigues

Fotos de Rui Pacheco

Sessenta chamadas por hora para uma Rádio Local é obra. Segundo entendidos, poderá atestar o seu nível de audiência. É, aliás, o que opinam os responsáveis da Rádio Íris, de Samora Correia, onde uma equipa de reportagem do «DL» ouviu há pouco tempo parte da sua emissão nocturna. «Realidades» era o título do programa no ar, coordenado por Joaquim Gaspar com o apoio de Ana Paula Viana. O entrevistado da noite foi Mário Antão, vereador da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.

Rádio Íris parece ser uma das rádios livres de maior qualidade no Ribatejo. Foi essa a impressão que colhemos no local, numa obviamente curta troca de impressões com alguns dos seus animadores.

«Não nos limitamos apenas à actividade de rádio livre, pois desenvolvemos, sempre que nos é possível, outras em prol da população. Este ano,

por exemplo, promovemos as tradicionais festividades de Nossa Senhora da Oliveira, a padroeira de Samora Correia», disse um dos cooperantes da Rádio Íris.

Com uma potência de «200» watts e sintonizando em banda de 102.4, naturalmente em FM, a Rádio Íris atinge os limites do concelho (Benavente) e vai mais longe: ao de Sal-

vaterra de Magos. Daí que, nessa noite, o entrevistado fosse o deputado municipal socialista Mário Antão. Porque, «Realidades» é um programa que gira à volta de economia, suavizado com música. Tem muitos ouvintes, a avaliar pelo número de questões postas (pelo telefone) à «figura» da semana e de «Realidades», que vai para o ar entre as 21 e as 22 horas de cada sexta-feira.

Associados pagam 200 escudos por mês

Entre as 15 e as 24 horas, a Rádio Íris está no ar. Do Porto Alto, na margem Sul do Tejo, a Salvaterra de Magos, atravessando o concelho de Benavente — a que pertence e que essencialmente serve —, leva a sua música aos campos, a sua mensagem a todas as casas.

Mil associados contribuem para parte das suas despesas, basicamente cobertas pelo suporte publicitário. Pagam cerca de duzentos escudos/mês e podem assim participar em alguns programas, sobretudo pedindo os êxitos da sua predilecção. «Os nossos ouvintes, talvez porque estamos no Ribatejo, gostam muito do fado e pedem-nos, sobretudo, que passemos fados, dos mais diversos autores», disse-nos Joaquim Gaspar.

Rouba ouvintes à 2000 e à Lezíria

Sessenta chamadas por minuto e 60 por cento de música portuguesa, como a lei determina, prestigiam a Rádio Íris, que «jamais abdicará desta última condição e defenderá, essencialmente, os valores locais, ribatejanos», disse um dos seus membros.

A programação de domingo é a mais ouvida. Os jovens que dinamizam a Rádio Íris põem nela o mesmo empenho de outros dias. Com uma diferença: é que das 13 às 14 vai para o ar «Grande Informação». Eles são unânimes em que todos os ouvintes da região estão atentos, durante esses sessenta minutos. Esse amplo serviço noticioso e informativo tem um atractivo suplementar: um entrevistado em cada domingo. É a região que nele está em causa, porque é convidado por «Grande Informação» uma figura ribatejana: um autarca, um agricultor, um membro associativo, um desportista, uma dona-de-casa (sempre que as circunstâncias o imponham), um professor (de qualquer ramo de ensino), um comerciante...

«Regionalíssimo», dando bem a ideia do Ribatejo e,

concretamente, de Benavente e Salvaterra, logo a seguir e, ainda durante a tarde, «Bola ao Centro», em tempo de desporto (futebol) ou «Trópico de Verão», se o desporto está de férias, são outros dos cerca de cinquenta programas semanais que preenchem as mais de sessenta horas de actividade da Rádio Íris e que disputa a Rádio 2000, à Lezíria, espaço radioéctrico em Vila Franca.

Cerca de quatro dezenas de pessoas dão vida à Rádio Íris, algumas delas com mais de um programa por semana, casos de J. Parracho (com «Discofonía» e «Viagem Musical»), Adelino Pato («Rio Alman-sor» e «Especial») António Henriques (com outro «Especial» e «Ao Vivo»). Rádio Íris, além desses elementos, dispõe de um correspondente em Santarém.



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS

MOÇÃO

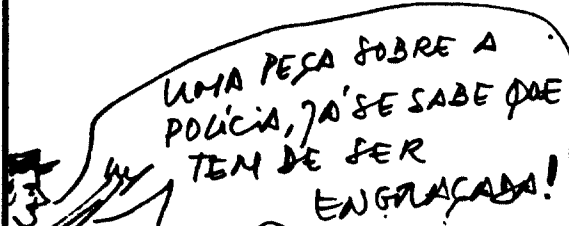
«Atendendo à posição tomada pelo Reitor sobre a criação de novas escolas de ensino universitário privado em que chama a atenção para aspectos como:

- A exigência de um mínimo de rigor no despacho de criação de um estabelecimento de ensino superior por forma a tornar clara a garantia de qualidade de ensino ministrado, o que nos casos presentes não acontece, em particular nos itens relação professor / aluno e percentagem de professores doutorados.
- A não existência de «numerus clausus» para o 1.º ano dos cursos a ministrar nesses estabelecimentos favorecendo os respectivos alunos relativamente aos que se candidatam às universidades públicas.
- O prejuízo causado às escolas universitárias de ensino público por um possível «êxodo» de professores para as escolas privadas já que estas não podem obter professores credenciados de outras origens.
- A concorrência criada a nível do mercado de trabalho aos licenciados pelas universidades públicas em áreas já sobrecarregadas (História, Direito, Línguas, Literaturas Modernas, etc.).

A Assembleia de Representantes da Faculdade de Ciências de Lisboa decide apoiar a deliberação do Reitor da Universidade de Lisboa no sentido de ser exigida a elaboração de legislação adequada permitindo o nivelamento de oportunidades no acesso ao ensino superior público / privado e a criação de garantias de qualidade do ensino nas escolas universitárias privadas».

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300



OS POLÍCIAS DE MROZEK

ESTREIA-HOJE

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomás, Teresa Faria
3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

DIREÇÃO: HELDER COSTA

CONSERVATÓRIA
DO REGISTO COMERCIAL
DE LISBOA

Apr. 3 de 15 de Maio de 1986.
Foi inscrita provisoriamente por natureza, sob o n.º 372, a fls. 12 do livro J-3, novamente, os estatutos de DOMOGRAFOS — GABINETE DE DESENHO, CRL, em virtude da inscrição n.º 315, a fls. 137 do livro J-2, ter caducado.
A Ajudante, Maria Teresa Mendes

COSTUREIRAS

PRECISAM-SE

ADMISSÃO IMEDIATA, RESPONDER PESSOALMENTE À RUA JOÃO NASCIMENTO COSTA, N.º 8-A EM LISBOA, JUNTO ÀS OLAIAS.



AMSTRAD PC 1512

C/ 1 DISQUETTE - 16 x 14 000000
C/ DISCO DE 20 MG - 16 x 27 000000

CASA DOZLA

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO
CORREIO PARA: RUA DA ASSUNÇÃO, 67 — 1100 LISBOA

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECCÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

77 11 58 — 1000 LISBOA

Contestação sobe nos Estados Unidos

Reagan assume responsabilidade pela venda secreta de armas ao Irão

Ronald Reagan assumiu ontem a responsabilidade pelo envio de armas norte-americanas para o Irão. As declarações do presidente suscitaram ainda mais críticas na imprensa e meios políticos de Washington, enquanto uma sondagem divulgada pela cadeia de televisão NBC indicava que mais de três quartos dos americanos inquiridos desaprovam o fornecimento secreto de armas a Teerão.

Na sua primeira conferência de imprensa em três meses, Reagan afirmou que a responsabilidade da venda secreta de armas ao Irão «é minha e só minha». O presidente fez, contudo, várias declarações contraditórias no período de perguntas e respostas que obrigaram a Casa Branca a divulgar um comunicado onde Reagan se retratava, afirmando que tinha havido uma confusão acerca de uma das perguntas colocadas por jornalistas.

Pressionado sobre o envolvimento israelita no embargo de armas, Reagan retorquiu: «não tivemos nada a ver com outros países». Posteriormente, o comunicado presidencial adiantava que, de facto, «um terceiro país esteve envolvido» na operação.

Antes do período de perguntas e respostas, Reagan adiantou que não serão feitas outras vendas de armas ao Irão e reconheceu que esta operação «foi um tema de considerável debate no interior de círculos da administração» e «que muitos discordaram profundamente do que foi feito».

O presidente afirmou que, apesar da sua oposição à venda de armas, o secretário

de Estado George Shultz deverá manter-se no cargo e negou que este lhe tenha apresentado qualquer pedido de demissão.

Conforme temos notícia, a possibilidade de Shultz se demitir foi referida pela imprensa norte-americana logo após a divulgação pública da operação secreta com o Irão.

No princípio desta semana, uma emissora de rádio retomou o assunto, enquanto o «New York Times» afirmava na sua edição de ontem que Shultz pôs como condição para continuar no cargo que se acabe o envio de armas para o Irão e que o Departamento de Estado passe a participar nos contactos com Teerão. Ambas as condições parecem ter sido aceites por Reagan.

Contradições

As declarações do presidente não conseguiram convencer muitos membros do Congresso norte-americano que vão inquirir ainda esta semana sobre os fornecimentos clandestinos ao Irão.

Senadores democratas acusaram Ronald Reagan de contradizer os seus colaboradores ao explicar a venda de

armas a Teerão e exigiram uma alteração da política externa dos Estados Unidos.

O senador democrata Sam Nunn, pertencente à Comissão das Forças Armadas, e um dos senadores mais respeitados em matéria de defesa afirmou que «o presidente contradisse toda a informação veiculada pelos seus colaboradores», acrescentando: «contei pelo menos sete contradições, temos uma política externa que está em franca desordem e é altura de tomar medidas firmes».

Mas as críticas a Reagan não partem só dos democratas. O senador republicano Richard Lugar considera que o presidente violou a lei em vigor no país, segundo a qual o Congresso deve ser informado sobre a venda de armas a outros países e que proíbe o seu fornecimento a países que apoiem o terrorismo, figurando o Irão na lista.

Outros senadores classificam de confusa toda a política externa da administração Reagan e acusam o presidente de ter enganado o povo americano. O senador republicano John Chafee disse a este respeito que «o presidente está numa situação difícil». «Temos de facto um problema de credibilidade», concluiu.

Por outro lado, Reagan arisca-se a perder também o apoio daqueles que com ele planearam e executaram a operação secreta com Teerão, como é o caso de Robert McFarlane. O antigo conselheiro nacional de segurança teria afirmado que

foi um erro para os Estados Unidos fornecer armas ao Irão, segundo anuncia na sua edição de hoje o «Washington Post».

Americanos descontentes

Entretanto, a cadeia televisiva NBC divulgou ontem os resultados de uma sondagem segundo a qual mais de três quartos dos americanos inquiridos desaprovam o fornecimento de armas ao Irão.

A sondagem telefónica da NBC junto de 1.596 pessoas, realizada antes da conferência de imprensa de Reagan, mostrou que a aprovação da sua política externa caiu dos 51 por cento registados em Outubro para 38 por cento em Novembro. A NBC disse que esta foi a maior quebra mensal que o índice de popularidade da política externa de Reagan sofreu desde que o presidente foi empossado.

A operação secreta foi também abordada num comunicado divulgado pela Embaixada do Iraque em Lisboa, país que está há sete anos em guerra com o Irão, onde se condena as tentativas da administração Reagan de restabelecer relações com Teerão fornecendo-lhe armas. No documento divulgado pela sua Embaixada, o Iraque comenta ainda que a clara contradição de Reagan «entre os ditos e os factos é desoladora e ensombra a política dum superpotência que tem grandes responsabilidades na manutenção da paz e estabilidade no mundo».

URSS aprova criação de empresas individuais

O Parlamento soviético aprovou por unanimidade uma nova lei que autoriza a criação de empresas individuais no país a partir de Maio do próximo ano.

Na apresentação da lei ao Soviète Supremo, Ivan Gladki, presidente da Comissão do Estado para as Questões Laborais e Sociais, disse que o texto adaptava ao quadro do sistema comunista actividades económicas individuais já amplamente praticadas, que definiu como «expedientes».

Os que elaboraram a lei ouviram os pontos de vista do povo soviético e apoiaram-se na experiência de outros países socialistas, acrescentou, sem mencionar especificamente a Hungria e a China, que desenvolveram experiências com empresas privadas.

A partir de 1 de Maio de

1987, 29 tipos de actividades de produção e serviço serão autorizadas, incluindo fazer fatos, sapatos, mobiliário, brinquedos e equipamentos de pesca, diz a lei.

Trabalhadores especializados poderão reparar casas, carros, televisores e rádios, e os proprietários de automóveis poderão usar os veículos como táxis.

Indivíduos poderão também dar lições sobre assuntos incluídos nos currículos oficiais das escolas e universidades, e oferecer alguns serviços a turistas.

A lei aplica-se a cidadãos com mais de 18 anos, desde que tenham um emprego estatal, bem como a donas de casa, estudantes, pensionistas e deficientes.

Apenas membros de famí-

lias individuais poderão dirigir negócios, pois a Constituição proíbe a contratação privada de trabalhadores e todos os vencimentos terão de ser taxados.

As actividades que continuam proibidas na URSS são «o fabrico e reparação de armas, a produção de substâncias tóxicas e estupefacientes, a exploração de casas de jogo e a organização de lotarias e outros jogos».

Para explicar a necessidade da reforma da legislação laboral até agora vigente na URSS, o apresentador do projecto de lei disse que as empresas estatais e as cooperativas «não podem satisfazer completamente a procura de serviços e bens de consumo por parte da população, situação que se deve a carências de base material do sector social,

bem como à falta da necessária flexibilidade do mercado do trabalho».

Por isto, acrescentou Gladki, a produção do sector estatal deve ser «inevitavelmente completada pelo trabalho individual».

Gladki disse que, por «não existir até agora um documento fundamental que regule o trabalho individual à escala nacional» criou-se «uma barreira psicológica para aqueles que pretendiam obter alguns ingressos suplementares através de um trabalho honesto».

Ivan Gladki disse que a nova legislação «respeita inteiramente os princípios da gestão socialista» e não implica «de maneira nenhuma, o regresso à iniciativa privada como vinham anunciando alguns analistas ocidentais».

Países comunitários vão discutir combate ao terrorismo

Os chefes de Estado e de Governo dos países comunitários vão discutir, nos princípios de Dezembro, a criação de um organismo europeu para combater o terrorismo — anunciou em

Madrid o presidente do Governo espanhol.

Este debate ocorrerá nos dias 4 e 5 de Dezembro em Londres.

O terrorismo foi um dos temas analisados por Felipe Gonzalez e

Helmut Kohl durante as conversações que tiveram em Madrid,

na visita oficial que o chanceler alemão realizou à capital espanhola.

Durante as conversações,

Helmut Kohl e Felipe Gonzalez abordaram questões de âmbito internacional e bilaterais derivadas da adesão da Espanha à CEE.

Cory adverte inimigos

A presidenta Corazón Aquino considerou que um golpe contra o seu Governo poderia criar grandes problemas nas Filipinas e advertiu seriamente os seus inimigos. «Quaisquer que sejam as razões para divergências, creio que um golpe não é a solução para nada... trará apenas mais problemas», afirmou. «Todos os que pensam que vou ceder só por ser mulher enganem-se. Decidi lutar e luto para vencer», garantiu a presidenta. Os rumores de preparação de um golpe contra Aquino começaram a surgir há algumas semanas nas Filipinas na sequência de divergências da presidenta com o seu ministro da Defesa, Ponce Enrile, que a criticou por tentar uma aproximação conciliatória com rebeldes comunistas que há 17 anos lutam contra o poder.

Papa em Singapura

O Papa João Paulo II seguiu hoje de avião para Singapura, a segunda escala da sua visita a seis nações da Oceânia e da Ásia. A visita, a mais longa viagem do seu pontificado, começou no Bangladesh onde apelou à tolerância religiosa e ao desenvolvimento económico. O Papa visitará ainda as ilhas Fiji, a Nova Zelândia, a Austrália e as ilhas Seychelles.

Relações EUA-Nicarágua

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, disse que os Estados Unidos manterão as relações diplomáticas com a Nicarágua. Em conferência de imprensa, o presidente disse que é valioso manter a Embaixada norte-americana em Manágua e que não são verdadeiros os rumores sobre um possível corte de relações. Reagan reiterou o apoio norte-americano aos «contras» nicaraguenses e disse que estes estão a lutar para pressionar o Governo sandinista a fazer uma abertura democrática no país.

ETA propõe negociações

A organização separatista basca ETA-Militar anunciou que está disposta a negociar com o governo espanhol a autodeterminação do País Basco «sem abandonar a luta armada». «A trégua das armas, o armistício, será fruto das negociações, não pode ser em nenhum caso a condição», disse um porta-voz da direcção da ETA em entrevista divulgada nos principais programas informativos do primeiro canal da Televisão francesa.

Eleições brasileiras

O presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Ulysses Guimarães, vencedor absoluto das eleições legislativas de sábado, propôs submeter a referendo nacional as modificações constitucionais ao mandato presidencial. «Se o Governo tem o direito de vetar as decisões do Congresso, por que é que o povo não pode aprovar as reformas constitucionais?», perguntou Ulysses Guimarães, em declarações a correspondentes estrangeiros. O dirigente máximo do PMDB propôs também que sejam sujeitas a referendo as alterações introduzidas pela Assembleia Constituinte, «em assuntos relativos ao futuro do país».

Seca mata na Indonésia

PELO menos 84 pessoas morreram de doença e subnutrição depois de uma seca que atingiu quatro aldeias em Irian Jaya no extremo leste da Indonésia, revelou a agência noticiosa ANTARA. Irian Jaya fica na metade ocidental da ilha de Nova Guiné e é uma das áreas mais pobres da Indonésia. Muitas das tribos das terras altas centrais estão ainda a sair da Idade da Pedra e vivem à base de um regime constituído por batatas-doces, sagu e bananas.

Caixas negras

As delegações moçambicana, sul-africana e soviética que investigam as causas da queda do avião em que morreu o presidente moçambicano Samora Machel partiram para Moscovo, anunciou o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha. Um comunicado assinado por Botha refere que as delegações vão inspecionar os equipamentos electrónicos soviéticos a serem utilizados na descodificação dos registos de voz (caixas negras) no «cockpit» e dos dados de voo do avião presidencial, um «Tupolev» de fabrico soviético, que se despenhou no mês passado em território sul-africano.



A portuguesa Maria da Conceição Tavares, formada em Matemática pela Universidade de Lisboa, não pode ser desligada da filosofia de base do Plano Cruzado. Após viver alguns anos no Chile de alunos e assistentes, na Universidade de Campinas, os jovens que deram a paternidade ao Plano. Hoje ela emociona-se até às lágrimas ao defender na televisão esse programa de redistribuição de força à Nova República

O BRASIL EM MUDANÇA - I

A alegria dos que vivem no Li



A bicha para o talho no Rio de Janeiro

Daniel Reis

No aterro sanitário de Ribeirão Preto (cidade de meio milhão de habitantes no interior paulista), vivem umas 50 pessoas que diariamente ali colhem desperdícios para vender e assim prover ao sustento dos seus. Um jornal diário local publicou sobre eles, em fins de Setembro uma reportagem anunciada nos seguintes termos:

«Na pág. 5 estamos publicando matéria que mostra a alegria daqueles que vivem no aterro municipal, o Lixão. Todos confirmam que depois do Plano Cruzado a quantidade de lixo que diariamente ali é despejada chegou quase ao dobro».

Concluía o jornal que, «se a orgia do ágio e a pressão dos produtores — que estão retirando das prateleiras dos supermercados gêneros alimentícios e de comércio e tudo aquilo que possa ser vendido — estão em discussão, há indícios seguros para garantir que em Ribeirão Preto o consumo de tudo aumentou sensivelmente».

Esta insólita notícia local e os comentários alinhavados pelo seu autor explicam de forma simples o que se passa actualmente, de verdadeiramente importante no Brasil. Dão ideia do cenário em que decorreram as eleições e explicam em boa parte, para além de todos os artifícios da propaganda, os resultados que confirmam uma aceitação largamente maioritária das teses

defendidas pela coligação no poder, formada pelo PM Liberal.

Essas teses, corporizadas no Plano Cruzado, aplicado a com um tempo de vida útil previsto para um ano, vis riqueza no Brasil por um leque mais vasto da população, declarou recentemente o Presidente Sarney, «os mais pobres ao que antes não tinham e deixassem de ser explorados».

Essa redistribuição está em marcha e as consequências de levantaram graves ameaças contra o Plano Cruzado e contra mesmo contra o regime democrático que apenas está a dar passos, após a noite da ditadura), por outro lado, juntaram do governo que esta frente popular apoia, os votos conjugados 69 milhões de eleitores.

Por isso mesmo, e para além da importância que os resultados assumem para a mudança em curso no Brasil, nos parece um retrato sumário da actualidade económica e social brasileira, em função do que ali vimos e vivemos, dura semanas de Setembro passado, completado com as informações tanto nos vêm chegando através da diversificada imprensa

O PLANO CRUZADO NA BASE DE TUDO

A criança foi registada e apresentada ao mundo pelo ministro Dilson Funaro, mas os seus pais de facto são dois jovens assessores, oriundos da Universidade de Campinas, nos arredores de S. Paulo, formados em plena ditadura militar e por ela rejeitados quando o celebrado «milagre económico» começou a ser criticado pela base nas aulas e grupos de estudos da Unicamp.

Alguns professores e alunos foram então presos. Um ou outro morreu, até, nos calabouços militares. Os pais da criança, Luiz Gonzaga Belluzo e João Manuel Cardoso de Mello, exilaram-se. Essa criança nasceu em Fevereiro. Chama-se Plano Cruzado e, passados nove meses, foi a grande responsável pelo sucesso retumbante dos seus padrinhos, o presidente José Sarney e o PMDB nas eleições gerais de 15 de Novembro passado.

Belluzo e Cardoso de Mello tinham sido alunos da portuguesa Maria da Conceição Tavares, formada em Matemáticas na Universidade de Lisboa, e do professor Carlos Lessa, que trouxeram para a Universidade de Campinas as reflexões críticas sobre a economia capitalista, amadurecidas no Chile de Allende, onde viveram. Com estes seus alunos que hoje frequentam os corredores do poder da Nova República, tinham ensaiado o seu modelo de planeamento na Comissão Económica para a América Latina, a Cepal. Basicamente, eles rejeitaram o modelo de desenvolvimento imposto à

força pela ditadura e que tirou três zeros do cruzeiro, não fez reforma monetária propriamente dita, arrochou os salários mas não congelou os preços, como diz Belluzo.

E ao mudarem-se para Brasília, primeiro como assessores pessoais do presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, e depois como conselheiros do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, trataram de pôr de pé um modelo económico que redistribuísse a riqueza de forma mais justa, privilegiando as classes de rendimentos mais baixos da sociedade brasileira.

Essa é a matriz do Plano Cru-

zado, que em termos práticos equivale a um programa de estabilização da economia brasileira. Foi anunciado em Fevereiro, entrou em vigor em Março e é de uma verdadeira ruptura com o passado que se trata, como cartilha que levou à prática a filosofia político-social da Nova República e que visou logo à nascença. Como confessou um dos seus progenitores, dar um passo importante para o avanço da questão económica na Constituição.

No sábado passado, a Constituinte foi eleita, o partido (PMDB) em que este grupo de antigos alunos e professores da Unicamp militam, desde a primeira hora, tem nela a maioria absoluta e as teses que serviram de base à elaboração do Plano Cruzado, podem agora ser transfe-ridas para a Constituição e marcar profundamente a face rejuvenescida de um Brasil em mudança.

As linhas de força do plano de mudança

Mas em que consiste esse Plano, ganhador da última batalha eleitoral no Brasil? Na aplicação de meia dúzia de ideias simples mas de profunda influência na mudança, por terem como cam-

po operacional um país brutalmente hierarquizado pelos militares e em que os pobres eram cada vez mais pobres e os ricos rapidamente e cada vez mais ricos.

Foi restituída a confiança à moeda nacional, que mudou de nome (de cruzeiro para cruzado) e perdeu três zeros; os preços foram congelados pelo período de um ano; os salários mais baixos — nos patamares inferiores à média brasileira — aumentados, imediatamente, em 40 a 50 por cento e artilhados com o «gatilho salarial» que dispara, para correções automáticas proporcionais dos salários, sempre que a inflação chegou à casa dos 20 por cento.

Tudo isto num clima político, emocional até, reforçado regularmente pelo presidente Sarney na televisão e em que se apelava ao povo para vigiar e controlar a aplicação do Plano por ser o povo o último destinatário dele.

De um dia para o outro, uns 33 milhões de brasileiros (um quarto da população total) passaram a ter acesso ao consumo de artigos, antes um luxo inacessível (como o bife, por exemplo); os salários, que eram comidos pela inflação de 15 por cento ao mês (200 ao ano), ganharam novo valor aquisitivo à partida e estabilizavam na relação com os pre-



Este é o «team» de Sarney, uma equipa de governo que marcou o Plano Cruzado. Agora põe-se a questão de o defender e é provável que p mexido, nomeadamente para traduzir os resultados eleitorais e o plano no espectro político brasileiro

ços, devido ao congelamento destes. Uma boa parte da nação brasileira adquiriu direitos de cidadania e como o povo tomou como seu o Plano Cruzado, a arma utilizada pelo presidente e pela coligação que o apoiava cedo se configurou terrível para os seus adversários políticos e ameaça real aos interesses, que a ditadura protegera a tiro, dos grandes industriais, lavradores e produtores de gado, especuladores da Bolsa e do comércio, banqueiros e senhores da finança.

Nas semanas seguintes à entrada em vigor do Plano Cruzado, o país transformou-se num palco de festa, com o povo munido das listas de preços, publicadas regularmente nos jornais

principais, a visitar supermercados e quitandas, cantinas de bairro e grandes armazéns, funcionando assumidamente como «tiscas do Sarney».

Aí da dona-de-casa que antes reclamasse no supermercado contra o exagero nos preços: a segurança colocá-la na rua e já teria muita sorte se não fosse parar à delegacia da Polícia. Agora, desde que o arranque do Plano fez de cada brasileiro pobre um fiscal do Plano, quem vai parar à Polícia é o comerciante que violar a tabela fixa de preços.

Conta-se até, como caso exemplar, o de duas actrizes que tendo em cena uma peça no mês de Fevereiro, com os ingressos

ainda do, o cr dos

N dia espe teia, exer tado as a es mai cent diçã espe met nsa de c de r

O CONTRA-ATAQUE DO BOI GORDO



...ile de Allende, foram seus
...ão de rendimentos que deu

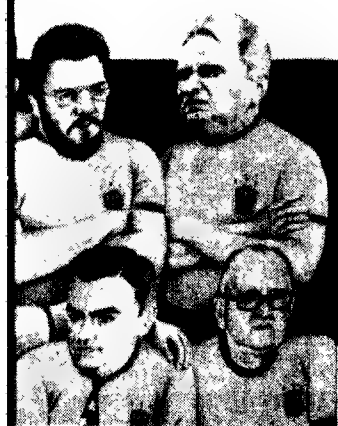
ixão

o PMDB e pela Frente

ado a partir de Fevereiro,
visavam redistribuir a
ão, de modo a que, como
pobres tivessem acesso
explorados como eram

cias dela se, por um lado,
contra o Governo (se não
a dar os seus primeiros
aram à volta do PMDB e
enjugados da maioria dos

os resultados eleitorais
ce mais relevante traçar
social na grande nação
durante as duas últimas
informações que entre-
mprensa brasileira.



cou um golaço com o Plano
que para isso o governo seja
e o peso acrescido do PMDB

ainda pagos em cruzeiros, quan-
do, em Março, passou a vigorar
o cruzado, reajustaram o preço
dos bilhetes, à nova realidade.

No primeiro espectáculo do
dia seguinte à mudança, uma
espectadora levantou-se na pla-
teia, protestando contra esse
exemplo de especulação. Resul-
tado: espectáculo interrompido.
as actrizes e os espectadores para
a esquadra, o dinheiro cobrado a
mais devolvido até ao último
centavo e as actrizes, como con-
dição para continuarem com o
espectáculo em cena, a compro-
meterem-se a publicar na Impre-
nsa dos dias seguintes um pedido
de desculpas ao público e juras
de respeito pelo Plano Cruzado.

Uma velha canção do Nor-
deste chora pelo Boi da Lua,
que toda a gente vê crescer e
engordar ao luar mas ninguém
vê depois à mesa. Provavel-
mente, os famintos e deserd-
dos das terras secas do Nor-
deste continuam a cantar, com
plena justificação, a canção do
Boi da Lua; mas no Brasil de
hoje, em mudança, muito
mais gente segue o rasto do
Boi da Lua desde o pasto até
ao prato.

Isto porque o Plano Cruza-
do tornou acessíveis a cerca de
um quarto da população brasi-
leira bens que antes não passa-
vam de miragem! Como o
bife, por exemplo. Simples-
mente essa é também uma ra-
zão para o contra-ataque dos
que perderam, no rasto do
cruzado, o poder antigo, as
antigas influências e, sobretu-
do, a antiga capacidade de en-
riquecer todos os dias, sempre
e cada vez mais.

Um salário mínimo no Brasi-
l, dave para comprar em fins
de 84, quando definhava a di-
tadura, 25 quilos de carne. Em
Março de 86, primeiro mês de
aplicação do Plano, o salário
mínimo equivalia ao preço de
34 quilos de carne, o consumo
de bife, que era um luxo, dei-
xou de sê-lo, naturalmente.

Já o escrevemos: a chave
distributiva do primeiro ano
do Plano, a primeira aplicação
prática dos ideais da Nova Re-
pública, passava pelo congela-
mento dos preços e uma subí-
da dos salários mais baixos da
população. Esta intervenção,
relativamente profunda nos
mecanismos de mercado do
sistema capitalista, sem tocar
nos fundamentos do sistema e
nas suas leis de base, mais tar-
de ou mais cedo teria prever-
sas consequências.

O mesmo se passou em Por-
tugal, após o 25 de Abril onde,
mesmo assim, o sistema por
ser mais frágil foi relativamen-
te abalado nos seus alicerces.

Seis meses de euforia

À euforia, mais política em
Portugal, mais consumista no
Brasil, sucedeu-se a inevitável
reação dos interesses abala-
dos, reacção aliás esperada
pelos mentores do Plano Cru-
zado que, no entanto, pensa-
ram anestesiá-la durante um
ano com a pressão popular e
apoio, inicialmente generali-
zado, dos grandes empórios
da Comunicação Social que
são as cadeias de televisão no
Brasil.

Essa situação de impasse e
de predominância da euforia,
no gozo dos benefícios do Pla-
no, durou uns seis meses. Só
muito a custo a aguentaram
até ao início da campanha
eleitoral. E, mesmo aí, já co-
meçavam a faltar os ovos e o
leite, entre outros produtos de
menor importância social.

Sabe-se como é, quando se
congelam os preços e quando
crescem as expectativas de
que o congelamento pode aca-
bar: os produtores de bens fil-
tram-nos para o mercado, ad-
ministrando as carências e

controlando-as com pressões
paralelas sobre as autorida-
des.

Depois das falhas localiza-
das no abastecimento de ovos
e leite — esta foi a primeira
tentativa de tomar o pulso à
reação do governo e à resis-
tência do Plano Cruzado e dos
seus apoiantes — entrou em
cena o exército blindado dos
bois, em apoio ao contra-ata-
que dos lavradores latifundiá-
rios, pecuaristas e industriais.
O boi gordo (boi pronto para
abate, cumprido o ciclo de
vida no pasto) e o seu criador,
pecuarista para os brasileiros,
saltaram para a tona da noti-
ciário, tomaram conta da rá-
dio e da TV, povoaram as
manchetes dos jornais e passa-
ram a dominar até a economia
discursiva das intervenções
públicas do governo e do pre-
sidente Sarney.

Em fins de Setembro, nas
duas semanas em que o autor
destes apontamentos de re-
portagem contactou a realida-
de brasileira, no Estado de S.
Paulo, um dos mais importan-
tes centros produtores de
gado, o boi gordo e os pecua-
ristas disputaram, palmo a
palmo, a celebridade aos pro-
fissionais de futebol e da tele-
novela, deuses maiores na mi-
tologia moderna do Brasil. Os
próprios políticos que então se
engalfinhavam na disputa elei-
toral, a custo penetravam na
densa floresta dos meios de
Comunicação Social. Só com
o aproximar das eleições de 15
de Novembro eles passaram à
frente no «top» das celebra-
des.

Em Setembro, as vedetas
do noticiário e de todas as con-
versas públicas e privadas,
eram o boi gordo e o pecuaris-
ta. Com eles, em igualdade na
escala de popularidade surgia
o ágio, ou seja, as «luvas» ou
«comissões» à portuguesa usa-
das no mercado negro e pagas,
por fora, para adquirir produ-
tos tabelados escassos e arre-
dios do mercado normal,
como acontecia então com o
bife e a carne bovina em geral.

Quinze dias a peixe e frango

As razões para que, inclusi-
ve nos hotéis de bom porte e
categoria, faltasse a carne e os
hóspedes fossem forçados a li-
mitar-se ao peixe e ao frango
(foi o nosso caso durante quin-
ze dias), são múltiplas. Algu-
mas entroncam na simples in-
capacidade de os circuitos de
produção e distribuição se
adaptarem tão rapidamente a
uma procura acrescida (e
aquecida, como dizem os eco-
nomistas) em função da redis-
tribuição dos rendimentos
prevista no Plano Cruzado.

Mas ninguém duvidava, tam-
bém, e o governo bateu nessa
tecla insistentemente, que no
fundo se tratava do contra-ata-
que ao Plano e ao governo, com o
boi, gordo a funcionar como
tropa de choque.

Já vimos que o bife começou a
chegar à mesa de muitos que
antes só viam o boi-lua. Mas



A capa da revista «Veja», de 24 de Setembro, é elucidativa: o boi gordo tornou-se vedeta do noticiário, disputando as «manchetes» aos jogadores de futebol e aos artistas de novela, os deuses maiores da moderna mitologia brasileira. O desenho do diário carioca «O Globo» reflecte um facto idêntico: o ágio (dinheiro cobrado por fora para vender produtos tabelados que escasseiam no mercado) já rivaliza com Zico entre os nomes mais populares

falta acrescentar que a própria
produção pecuária no Brasil es-
tava a diminuir na última década
porque muitas terras foram to-
madas pela cana do açúcar (para
produzir o álcool que movimenta
mais de um terço dos automóveis
no Brasil) e pela soja e outros
produtos de exportação.

De 1977 a 85 a produção de
carne bovina desceu 300 mil
toneladas/ano, enquanto as ex-
portações subiam de 217 mil to-
neladas, em 77, para 537 em fins
do ano passado. Como se pro-
duzia menos e se exportava mais,
a oferta interna de carne encur-
tou. E como para uma oferta
menor o Plano Cruzado gerou
uma procura muito mais intensa,
calcula-se o desencontro e a ten-
dência para a escassez e o mer-
cado negro e para o ágio se tornar
uma figura identificada no dia-
-a-dia, sempre que se desenca-
deava um acto de compra e venda
dos produtos mais escassos.

Governo cede... mas pouco

Contestado por Brizzola, que
sentiu as suas ambições presi-
denciais ameaçadas pela popu-
laridade que o Plano Cruzado
carrilhou para o governo, comba-
tido pelo próprio Lula, «leader»
do Partido Trabalhista, que sen-
tiu os votos dos exércitos operá-
rios da cintura de S. Paulo balan-
çarem na direcção do governo, o
Plano Cruzado sofria no
contra-ataque do boi gordo, um
safanão de respeito na crítica na
antevéspera das eleições.

O Plano Cruzado tabelara a
215 cruzados a arroba de carne
de boi vivo. A correspondência
dólar-cruzado é de 1 dólar-14 CZ
e um cruzado vale 10 escudos
pelo câmbio oficial. Os produ-
tores pagavam 26 cruzados de ICM
— Imposto de Circulação de
Mercadorias — equivalente ao

nosso IVA e ao antigo imposto
de transacções.

À medida que a carne foi fal-
tando, nos Matadouros e nos ta-
lhos, o Governo amadureceu e
preparou algumas cedências para
salvar o essencial pois os pecua-
ristas são uma força de facto no
Brasil e os seus interesses estão
directamente ligados à Bolsa, à
Banca e aos «lobbies» financei-
ros.

Por isso, e após semanas de
campanhas e contracampanhas,
acedeu em pagar-lhes a arroba a
280 cruzados, isentando-os si-
multaneamente do ICM, mas,
em contrapartida, interviu na
Bolsa de Mercadorias de S.
Paulo, suspendendo as opera-
ções sobre o boi gordo, proibiu
as exportações de carne e decidiu
importar carne da Argentina e do
Uruguai para combater a escas-
sez interna e tirar força negocial
aos criadores de gado.

Apurou-se, então e os jornais
deram disso um eco retumbante,
que na Bolsa de S. Paulo as tran-
sacções de gado eram controla-
das por uma dezena de especula-
dores e que só um deles, Samir
Jubran, dominava 60 por cento
dos negócios do boi gordo na
Bolsa.

O aviso do leão

Sarney avisou os pecuaristas
que, se essas medidas não fizes-
sem voltar os bois ao matadouro
e ao talho, passariam a ser pura e
simplesmente requisitados. O
secretário de Estado da Receita
Federal comentou na ocasião que
«o leão é um animal nobre e
sempre avisa antes de atacar».
O aviso aos que ousavam deitar a
cabeça de fora para atacar a
função do Plano Cruzado não bas-
tou, e semanas mais tarde as re-
quisições entraram mesmo em
vigor, ainda que de forma miti-
gada, para normalizar o mer-
cado.

O governo visava fazer entrar

O ESCÂNDALO
DOS 300...



no circuito de distribuição 400
mil cabeças de gado retidas nos
pastos, o que correspondia a 100
mil toneladas de carne e a 15 dias
de consumo nacional estimado,
em condições normais de abas-
tecimento. Os «stock» estavam
próximos do ponto zero (mesmo
com carne importada dizia-se
haver em frigorífico apenas
carne para três dias de consumo
normal) e antes que a ruptura se
desse, o leão atacou e assim ga-
nhou as eleições, com o apoio
largamente maioritário da popu-
lação brasileira.

Bem gritaram os jornais liga-
dos à banca e aos interesses dos
criadores de gado contra estas
medidas, em particular contra a
requisição e a importação de
carne. Bem chamaram aos mi-
nistros mais radicais de «jacobini-
nos» e «colectivistas». Mas a
verdade é que o governo aliviou
as tensões e adiou a confronta-
ção, provavelmente até Feve-
reiro, quando o Plano Cruzado
for revisto, ao fim de um ano de
vida útil.

Hoje, o FMI já não esconde a
sua oposição ao que está a
passar-se no Brasil; as peças e
sobressalentes também começa-
ram a faltar, ameaçando paralisar
a frota de transportes públicos
nas grandes cidades; começa a
falar-se já da grande confronta-
ção a propósito da prevista escas-
sez de cerveja em pleno Verão
brasileiro, que começa no Natal.
Os resultados das eleições são
bem capazes de dar um segundo
fôlego ao governo nesta batalha
pela redistribuição mais justa da
riqueza nacional.

Mas disso tencionamos falar
na última destas refle-
xões sobre a actualidade brasi-
leira, elaboradas a partir do que
ali vimo em Setembro e do que
posteriormente nos chegou às
mãos através da riquíssima Im-
prensa do Rio e S. Paulo.

Função Pública

Frente Comum e Rui Carp não se entendem

A Comissão Negociadora da Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública deverá reunir-se ainda esta semana para discutir as medidas a tomar face à intransigência negocial do Governo, disse à Anop uma fonte sindical.

Zita Braga, da Federação dos Sindicatos da Função Pública, adiantou que o Governo, na pessoa do secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp, limitou-se, na reunião ontem realizada, a tentar impor o aumento salarial de 11,5 por cento, já acordado na passada sexta-feira com a FESAP (Federação dos Sindicatos da Administração Pública).

Para além de eventuais formas de luta decididas pela Comissão Negociadora Sindical, a Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública vai concentrar esforços, no âmbito do debate em curso na Assembleia da República sobre o Orçamento de Estado para 1987, em vários pontos concretos ligados com a instabilidade do emprego e a tributação fiscal.

Sindicatos contra as Grandes Opções do Plano

O Conselho Nacional do Plano aprovou recentemente por maioria, com os votos contra dos representantes sindicais, um parecer sobre a proposta de lei das Grandes Opções do Plano para 1987/90 e para 1987 sublinhando, no entanto, a necessidade de se concretizar planos de médio prazo, «definir prioridades na concretização das grandes linhas de política e a sua adequada articulação».

O Conselho Nacional do Plano pronunciou-se sobre a proposta de lei, depois de ter tomado posição, no mês passado, sobre o projecto de Grandes Opções antes de este ser enviado para a Assembleia da República.

Apesar de considerar possível a compatibilização dos objectivos definidos no do-

cumento apresentado pelo Governo, o parecer afirma que o conceito de Grandes Opções do Plano pressupõe que «os Planos a médio prazo e para 1987 sejam concretizados em tempo útil».

O parecer, que acrescenta haver necessidade de nesses planos «constar as necessárias quantificações», a de-

finição de prioridades e a sua articulação, entronca assim nas principais críticas feitas ao documento, nomeadamente por ter um exagerado pendó cultural, fraca quantificação das opções e inexistência de um claro modelo de desenvolvimento.

Aspectos criticados

O Conselho do Plano afirma ter se avançado «relativamente pouco» em matéria de reforma fiscal, «inserindo-se as alterações propostas fundamentalmente no regime dos vários impostos existentes». Segundo aquele conselho, a reforma do sistema fiscal deve corrigir a situação da tributação directa, nomeadamente quanto à «elevada carga fiscal sobre os rendimentos do trabalho».

O parecer salienta ainda que a crise do mercado do trabalho «não se resume ao binómio emprego/desemprego», englobando «um número substancial de trabalhadores sem emprego estável» e a «existência de trabalho clandestino em larga escala». O Conselho espera que o aumento de emprego de 1 a 2 por cento previsto naquele documento não venha agudizar esta situação.

O Conselho critica o montante das dotações atribuídas à investigação científica e tecnológica na Proposta de Orçamento do Estado, afirmando não serem «consentâneos com os que, em termos relativos, foram há muito atingidos noutros países com potencialidades semelhantes às portuguesas».

O parecer expressa mais uma vez a sua preocupação relativamente ao volume global das receitas das Autarquias que «não reflecte ainda o peso do Poder Local no contexto do desenvolvimento regional».

Nas quatro linhas que o parecer lhe concede, o Conselho do Plano afirma que se deveria dar mais importância ao problema dos salários em atraso.

Sindicatos contra

O sector sindical votou contra a proposta de lei, pelas mesmas razões por que o havia feito relativamente ao projecto de Grandes Opções do Plano, considerando não ter o Governo efectuado «alterações significativas».

Segundo os sindicatos, as Grandes Opções assentam «na lógica de intensificar a exploração dos trabalhadores e entregar ao capital privado todo o poder económico», na qual se integra a preocupação de moderar os rendimentos do trabalho e reduzir a sua parte no rendimento nacional gerado.

Na sua declaração de voto, a parte sindical afirma que a proposta «ressuscita os elementos doutrinais do corporativismo», apelidando-o de «novo conceito de empresa» e que preconiza um modelo económico de «ainda mais intensa integração», baseando-se no atrofamento do mercado interno e «orien-

tação da actividade industrial para a procura externa».

Este modelo, na sua opinião, conduziria a economia portuguesa para «especializações empobrecedoras, baseadas em exportações de tecnologias vulgarizadas e em baixos custos de mão de obra», enfrentando a concorrência dos países em vias de desenvolvimento.

Empresários a favor

O sector empresarial privado votou favoravelmente o parecer sobre a proposta de Grandes Opções, declarando que «boa parte das orientações e das medidas de política consignadas, bem como perspectivas de médio prazo» têm sido as salientadas por aquele sector.

Os empresários sublinham a consagração no documento da necessidade de «modernização da estrutura de oferta, pela via de um forte investimento», que passa pela criação de um clima de confiança e pela capacidade de mobilização e canalização de poupanças para o investimento produtivo.

Na sua declaração de voto é afirmado o regozijo pela «explicitação da inadiável necessidade de europeizar a legislação laboral» e pela política de redução dos custos unitários de produção, particularmente no que se refere aos relativos ao factor trabalho e aos encargos fiscais e financeiros.

As principais críticas do sector empresarial privado vão para a omissão da articulação, em termos do aparelho produtivo, entre o sector público e privado, a falta de instrumentos de dinamização da oferta no ramo da Construção, a insuficiente reforma fiscal subjacente à proposta, criticando a manutenção do Imposto Extraordinário sobre Lucros, a suspensão de incentivos dirigidos à compra ou subscrição de acções e que seria fundamental a dedução de lucros retidos e investidos no período de realização do investimento.

Plano de 1986

O Conselho do Plano aprovou também um parecer sobre o Plano de 1986, tendo registado «o desfasamento entre a lei 10/86 e a apresentação ao Conselho do projecto de Plano para 1986, o que só teve lugar em 2 de Outubro».

No parecer é afirmado que, apesar do mesmo se ter passado noutros anos, «nem por isso deixa de suscitar uma grave interrogação quanto à eficácia e até quanto à credibilidade do sistema de Planeamento entre nós vigente».

O Conselho acrescenta não parecer admissível «que um esquema articulado de programas, acções e medidas a executar durante um ano apenas se torne efectivo e vinculativo quando esse ano vai adiantado».

VAMOS VIVER O PAÍS TERRA A TERRA

50% de redução

Está na hora de se meter no comboio e conhecer Portugal de verdade.

O País terra a terra. Agora, os destinos certos são Castelo Branco e Setúbal. Porque, entre 15 e 30 de Novembro, a CP oferece-lhe 50% de redução no seu bilhete inteiro de ida e volta.

Basta que as suas viagens tenham início em Período Verde e não sejam interrompidas.

É tempo de viver Portugal.

Vale a pena ir de comboio.

VISITE CASTELO BRANCO E SETÚBAL-ENTRE 15 E 30 DE NOVEMBRO, E APROVEITE A CP OFERECE NOS BILHETES DE IDA E VOLTADA UMA REDUÇÃO DE 50% NA TAXA DE PASSAGEM

Para mais informações, contacte a estação mais próxima ou a sua Agência de Viagens.



Comboio, a opção dinâmica.

Uma tarde animada por Almeida Santos

João Almeida

Não há dúvida que o parlamento gosta de animação.

Os deputados do partido do Governo queixam-se das intervenções que «não fazem críticas construtivas», criticam com mau humor as que são «pouco profundas» e empenham-se na demonstração que, afinal, as dotações para os vários ministérios não desceram, muito pelo contrário.

Contudo, deixam passar sem grandes resistências, as intervenções mais contundentes e as declarações mais duras, como foram as de Octávio Teixeira, Correia Gago e de João Cravinho, e, sobretudo, pelam-se por uma boa risada, mesmo vinda da oposição, que corte um pouco a sonolência do debate.



Almeida Santos na AR: As Grandes Opções postas a nu e a ridículo

Este foi o mérito da intervenção de Almeida Santos, «candidato a primeiro-ministro» pelo PS nas últimas eleições, que conseguiu calar o hemisfério na expectativa da piada seguinte. Com uma ironia azeda, colando e comentando citações do texto das Grandes Opções do Plano, Almeida Santos, «disse o que não se deve dizer», nas palavras do deputado social-democrata Montalvão Machado, e fechou o seu discurso, corroborando as críticas pertinentes do deputado comunista José Magalhães sobre a exiguidade dos recursos, desordem nas contas e ausência de uma política para a Justiça.

Um discurso que não logrou arrancar um sorriso ao primeiro-ministro Cavaco Silva nem aos membros do seu gabinete que tiveram, aliás, uma presença bastante cinzenta ao longo da sessão de ontem.

Um discurso que deixou o PRD sentado, sem aplaudir, contrastando com as palmas dos deputados do PS, PCP, MDP e Verdes. Talvez um prenúncio, esperado, do que se irá passar esta noite.

As principais intervenções

Saliente-se, a título de apontamento, os aspectos levantados pelas principais intervenções. Octávio Tei-

xeira do PCP afirmou que, ao apresentar variados valores para o défice, subavaliando receitas e sobreavaliando despesas e recusando-se a fornecer estudos sobre as receitas fiscais, o «Governo pretende inibir a Assembleia da República de aprovar propostas concretas corretoras» do Orçamento.

Um Orçamento que, no seu entender, pressupõe a «escandalosa» situação de «impôr administrativamente ao Sector Empresarial do Estado uma diminuição de 8 por cento dos seus investimentos» enquanto prevê um aumento de 15 ou 16 por cento para o sector privado, reduzindo as transferências para o primeiro a 52 milhões de contos e aumentando-as para o segundo, no total de 173 milhões de contos.

A intervenção do deputado do PRD, Correia Gago, incidiu principalmente sobre as Grandes Opções para 1987. Aquele deputado criticou o facto do Governo privilegiar o investimento privado, não utilizando, por preconceito, «a alavanca de que o Governo dispõe para abrir caminho e dar exemplo: o investimento público». Afirmou ainda estar em desacordo com a opção de crescimento moderado do consumo privado, cuja maior expansão permitiria escoar os produtos dificilmente expor-

táveis. Criticou ainda a determinação de trabalho barato como estímulo a investir. «Que modernização é esta? Que papel atribui o Governo a Portugal na especialização internacional de produção?», perguntas que ficaram por responder.

Correia Gago finalizou a sua intervenção sobre a manutenção da situação precária das empresas públicas, tendo afirmado que, ao reduzir transferências e indemnizações compensatórias, o que Governo, «na prática, vai fazendo, masoquicamente, é cair de branco elefantes que eram normais».

«O ministro dá-nos álgebra»

Diferente foi o tom da intervenção de João Cravinho, deputado do PS, esperada com alguma expectativa, que sublinhou, logo de início, que «o voto do PS depende da resposta do Governo a condições mínimas», tendo acrescentado que «o PS não aceitará cobrir com o seu voto a mistificação macro-económica».

João Cravinho afirmou que «estamos perante um governo que sabe muito bem o que faz, mas não quer que o país

também o saiba». Um governo, incapaz de reformas de fundo, um «executivo provisório em campanha eleitoral permanente, que precisa de «encenar uma crise artificial» de eleições.

Segundo aquele deputado, «as GOPs não revelam as Grandes Opções de qualquer Plano», mas sim «as Grandes Omissões», tendo acrescentado que «para preparar o futuro, o país precisa de prioridades certas, políticas concretas, programas e projectos de investimento e de desenvolvimento» e que, em vez disso, o ministro das Finanças «dá-nos álgebra».

Viva, feita sobre apontamentos, e com muitas buchas ao texto original, José Magalhães do PCP fez uma intervenção contundente que, apenas teve o ataque titubeante do social-democrata Licínio Moreira.

O ambiente morno do fim da tarde foi quebrado pela intervenção de Almeida Santos que, ao seu estilo, começou: «Eis-nos em presença de um Orçamento de vacas gordas e de ideias magras», acrescentando, mais à frente, «é claro que este governo em nada contribuiu para a gordura das vacas».

Em pouco tempo, as conversas habituais entre depu-

tados durante os debates silenciaram-se e, acompanhando o texto da intervenção previamente distribuído, seguiram as palavras do deputado. Almeida Santos desfiou um texto feito de citações das Grandes Opções do Plano e críticas violentas como quando disse «grave é sermos governados por quem mostrou ter uma visão do nosso futuro tão grotesca, tão retrógrada, tão decadente e tão enevoada como a que se espelha na confusão mental a que o Governo chamou o Plano Anual e o Plano de Médio Prazo». Opções que considerou de «devaneios literários de péssimo gosto para retoma de visões passadistas», na linha «de uma Política Cultural da Borda D'Água».

E sobre as palavras do ministro das Finanças em que disse haver estratégia, progresso e controlo, Almeida Santos afirmou preferir «o Cohen do actualíssimo Eça: «Há talento, há saber».

Almeida Santos, apoiando as afirmações de José Magalhães, retratou a situação da Justiça, tendo perguntado «conhecem os Senhores Deputados o orçamento dos Corres nos últimos anos?» e respondeu «do mesmo se queixa o próprio ministro. Não há!...»

No tempo dos pedidos de esclarecimento, Montalvão Machado do PSD afirmou, em tom abatido, ter Almeida Santos dito «o pior que se

pode dizer. Chamou-lhe coisas inadmissíveis», tendo acrescentado que o povo, «o bom povo português» não era da mesma opinião daqueles «dizeres hilariantes».

Na resposta, Almeida Santos contrapôs dizendo que «o Governo escreveu coisas tão lamentáveis que, lê-las em voz alta, é uma crítica mordazíssima». Apesar de achar que «a definição das opções é correcta», Almeida Santos afirmou se deveria ter o sentido do ridículo e acrescentou que mandaria «o texto para o teatro de revista». Almeida Santos sublinhou a responsabilidade do PSD na situação da Justiça, afirmando que, para o tempo que esteve no Governo, «não se trata de um plano de médio prazo, mas de longo prazo».

O debate vai prosseguir durante o dia de hoje. Durante a tarde, está prevista uma reunião da Comissão Directiva do PRD, que contará com a presença de Ramalho Eanes, para debater a posição daquele partido. A sessão deve terminar à noite com a intervenção final de cada partido, estando a cargo de António Capucho (PSD), António Guterres (PS), Carlos Brito (PCP) e Adriano Moreira (CDS), e ainda com um discurso de encerramento do primeiro ministro, antes da votação na generalidade das propostas de lei do Orçamento do Estado e das Grandes Opções do Plano para 1987.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$55	57\$55
ALEMANHA FED. (marco)	73\$30	74\$50
ÁUSTRIA (xelim)	10\$30	10\$50
BÉLGICA (franco)	35\$19	35\$69
BRASIL (cruzado)	38\$50	63\$50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$35	109\$85
(notas de 5 a 1000)	106\$85	110\$35
DINAMARCA (coroa)	19\$40	19\$80
ESPAÑA (peseta)	150\$58	151\$78
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$25	150\$75
(notas de 5 a 1000)	147\$75	151\$25
FINLÂNDIA (marka)	29\$80	30\$40
FRANÇA (franco)	22\$40	23\$00
HOLANDA (florim)	64\$90	66\$00
IRLÂNDIA (libra)	200\$75	204\$75
ITÁLIA (lira)	\$096	\$111
JAPÃO (iene)	\$861	\$916
NORUEGA (coroa)	19\$45	19\$95
REINO UNIDO (libra)	209\$00	213\$50
SUÉCIA (coroa)	21\$20	21\$70
SUIÇA (franco)	88\$15	89\$65
VENEZUELA (bolívar)	5\$20	6\$20

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 ps.

Para instalar o processo «float»

Covina inaugura investimentos de 10,6 milhões de contos

A Companhia Vidreira Nacional (Covina) inaugura hoje um novo processo de fabrico, ao acender-se o forno «float», cujo investimento foi da ordem dos 10,6 milhões de contos.

Esta nova unidade, cujo forno demora mês e meio a aquecer, vai produzir chapas de vidro com uma largura de 3,20 metros e um comprimento até 6 metros — disse um informador do IPE — Investimentos e Participações do Estado. Ficam directamente ligados a esta unidade 240 pessoas

para uma laboração continua de sete dias por semana e 24 horas diárias.

A linha «float» possui uma capacidade de produção bruta diária de 280 toneladas, podendo passar às 320 toneladas se o mercado o justificar.

Numa segunda fase, dentro de sete anos, essa capacidade elevar-se-á até às 400 toneladas diárias.

Com este investimento, a empresa vai deixar de importar vidro «float» para poder corresponder em qualidade às exigên-

cias dos seus clientes dos mercados automóvel e construção civil.

A unidade de produção da Covina que labora com o processo «Pittsburgh» produz actualmente 100 toneladas de vidro por dia, boa parte para exportação.

O processo «float» ocupará 23 mil metros quadrados de área coberta e desenvolver-se-á ao longo de dois anos.

Os custos de exploração do novo processo são menores do que os existentes na Covina no que respeita ao consumo de fuel

e à mão-de-obra, com poupanças da ordem, respectivamente, dos 49 e 15 por cento.

O processo «float» garante, também, uma melhor qualidade do vidro obtido e maior expansão da unidade fabril.

Actualmente os principais mercados externos da empresa são a Comunidade Económica Europeia e a EFTA com 37 por cento, a América Central e do Sul (23 por cento), Médio Oriente (21 por cento), outros países europeus (13 por cento) e África (6 por cento).

Águeda: Recreativo de luto

O presidente do Clube Recreio Desportivo de Águeda, Augusto Soares Coutinho, faleceu vítima de acidente. O sinistro, conforme um comunicado da direcção do Recreio Desportivo de Águeda, ocorreu na região de Setúbal.

O eng. Augusto Florindo Soares Coutinho contava 38 anos e era casado. O acidente ocorreu quando o presidente do clube aguedense regressava à sua terra, vindo de tratar de um negócio em Aljustrel. Durante seis horas e vinte minutos tudo se tentou, no Hospital de Setúbal, para combater a morte: os esforços da ciência foram inóportes.

O malgrado dirigente (com obra muito válida ao serviço do Recreio), deixa três filhos menores, dois deles integrantes da turma futebolística de iniciados do seu clube de sempre.

A família enlutada, a expressão do novo profundo pesar.

Farense: mais estrangeiros

O peruano German Leguia, que Fernando Barata foi buscar ao Elche (Espanha) para jogar no Farense, rescindiu com o clube algarvio. A saída de Leguia da equipa do Farense já era esperada após a divulgação da intenção do clube algarvio (que ocupa a última posição do «nacional» da 1.ª divisão) em contratar outro futebolista estrangeiro. O elemento escolhido pelo Farense deverá sair de um lote formado pelo galês Jim Stelt (Whitexham) o inglês Rossnier (Queen's Park Rangers) ou um jogador holandês.

O Farense já tem dois estrangeiros na sua equipa: Fortes (espanhol) e Peter Eastoe (inglês), para além de um guineense (Ciro, naturalizado português) e um cabo-verdiano (João Cabral, igualmente naturalizado português). A turma de Faro apresenta ainda nas suas fileiras oito brasileiros: Jorge Andrade (um dos melhores marcadores do «nacional»), Orlando, Pires, Luísão, Celso Cajuru (guarda-redes), Rufino, Nilsson e Lucas («Coscada», irmão de Mueller, o «internacional» brasileiro que jogou no «mundial» do México).

Recorde-se que, na 2.ª feira, o guarda-redes Delgado rescindiu com o Farense e outro jogador poderá vir hoje a também rescindir o seu contrato.

"Marialvas": "chicotada"

Os maus resultados futebolísticos provocaram «chicotada psicológica» no Marialvas, de Cantanhede: o técnico Silvestre cedeu o lugar ao adjunto, Arménio Tomé.

Heysel: triste rescaldo

Três apoiantes da Juventus foram condenados à revelia no Tribunal Correccional de Bruxelas, a penas entre os 15 meses e dois anos de prisão, em consequência dos incidentes do Estádio de Heysel, em 1985. Umberto Salussoglia, condenado a dois anos de prisão e 300 dólares de multa, foi filmado pelas câmaras de televisão empunhando uma pistola. O réu justificou a sua ausência, alegando que sofre de hepatite.

Claudio Aedito e Fausto Spedicato foram condenados a 15 meses de prisão e a uma multa de 300 dólares, por actos de vandalismo e agressões às forças da ordem.

Os incidentes (que provocaram a morte de 39 espectadores) ocorreram a 29 de Maio de 1985, no Estádio de Heysel, em Bruxelas, momentos antes do início da final da Taça dos Campeões Europeus em futebol, entre a Juventus (Itália) e o Liverpool (Inglaterra).

Futebol feminino: outra pirâmide

Lógico e (até ver) para continuar: o domínio do futebol feminino prossegue em terras nortenhas, até porque a Associação de Lisboa titubeantemente espera que uma entidade de emergência do marasmo tome conta do pleno desenvolvimento da modalidade. Para depois se arvorar em dona do barco, o trivial.

Entretanto, digamos que começou a desenrolar-se o campeonato lisboeta. Nesta edição, participam sete formações: Académico de Alvalade, Odivelas, Carcavelos, ISEF, e as estreantes Vialonga, Costa do Estoril e Tenente Valdez.

O duelo mais importante da

ronda de abertura processou-se em Carcavelos (Campo da Quinta Nova), com direcção de João Queiroga (Lisboa) auxiliado por Eduardo Amorim e José Madeira. As turmas:

CARCAVELOS: Luísa; Maria João Neves de Sousa, Paula Jordão, Tina Lagoas (cap.) e Elsa; Carla, Ana Bana, Isabel e Beca (João Pereira, 41 m); Fani (Lina, 46 m) e Ana Maria. Treinador: Nuno Cristóvão de Almeida.

TENENTE VALDEZ: Cristina; Beta, Nela, São (cap.) e Olga; Guida, Fátima, Bé Portugal e Ana Conde; Carla e

Beta Valente. Auxiliar técnico: Alfredo Cerqueira.

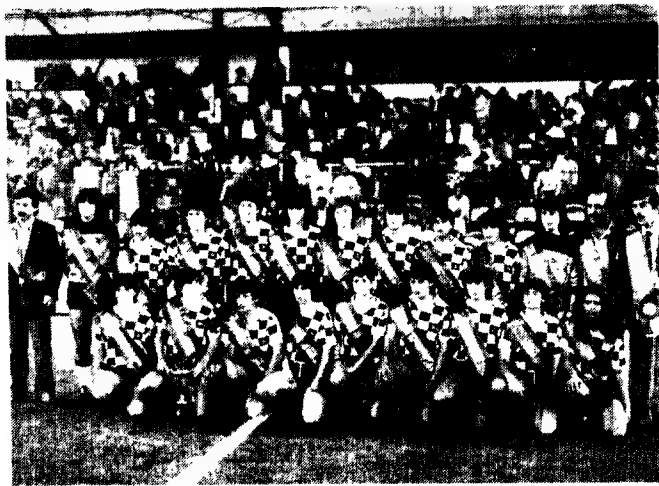
Golos: Beta Valente 47 m) e Ana Maria (63).

Chegando ao intervalo com o marcador em branco, depois de ter exercido grande pressão sobre o Tenente Valdez sem no entanto ter criado oportunidades para marcar, o GS Carcavelos sofreu um golo precedido de falta (habilitosa, mão de Ana Conde) e descontrolou-se bastante. A partir daqui, o Tenente Valdez defendeu ainda mais a preciosa vantagem alcançada no marcador mas acabaria por vir a sofrer o empate num dos poucos lances em que a equipa da «linha» actuou com cabeça, tronco e membros.

Na parte final do jogo, o Carcavelos pressionou a equipa visitante, remeteu-a para a sua área, ainda rematou uma bola a um poste na marcação de um livre directo, mas actuou mais com o coração que com a inteligência, jogando demasiadas bolas para o ar quando as circunstâncias aconselhavam a que se jogasse pelo chão.

O empate final acaba por ajustar-se ao desenrolar do jogo, premiando o labor defensivo do Tenente Valdez e castigando o fraco trabalho ofensivo da equipa da casa.

Outros desfechos da ronda: Odivelas, 2-Costa do Estoril, 1 e Académica de Alvalade, 12-Vialonga, 1.



Boavista: titulares nacionais por direito próprio e, também, desatenção da Associação lisboeta, que pouco liga ao futebol feminino e se prepara para ser ultrapassada no instante em que as raparigas exigirem (em termos futebolísticos) lógica de alforria

Mundial de ralis

Salonen vence o RAC

O finlandês Timo Salonen, num Peugeot 205 Turbo 16, venceu o Rali RAC, última prova da temporada pontuável para o campeonato mundial de marcas.

Na segunda posição, a 1 minuto e 22 segundos de Salonen, classificou-se Markku

Alen, em Lancia Delta S4.

Com este segundo lugar Alen passa a liderar com 104 pontos o Campeonato do Mundo de Pilotos, seguido de Kankkunen com 103. Este título será decidido de 5 a 7 de Dezembro próximo, no Rali dos Estados Unidos.

O título mundial de marcas

foi conquistado pela Peugeot, que totalizou 137 pontos (seis vitórias), contra 128 pontos (três vitórias) da Lancia.

Na classificação final do Rali RAC posicionou-se o finlandês Juha Kankkunen, também em Peugeot 205 Turbo 16, a 6 minutos e 5 segundos de Salonen.



Abel de Figueiredo: figura popular da Rádio Comercial, estará esta noite conduzindo o colóquio nos «Ases», da lisboeta Rua Lopes

Ases F.Clube:

colóquio

em dia de anos

Esta noite (21 e 30) na festa de aniversário do Ases Futebol Clube (Lisboa), tem lugar um colóquio em que intervêm Abel Figueiredo (Rádio Comercial), os «internacionais» de futebol Veloso, Litos e José António, o técnico Mário Wilson, o antigo árbitro Raul Nazare (portador das insígnias da UEFA) e o jornalista Neves de Sousa, nosso companheiro de Redacção. Tema-base: obviamente o futebol, centro e trono das atenções maiores do desportista deste País.

Modalidades

Andebol: Ferpinta e Valongo venceram fora os seus dois jogos em atraso da primeira jornada do Campeonato Nacional de Hóquei em Patins da I Divisão.

Resultados: Famalicense-Ferpinta, 2-7 e Sanjoanense-Valongo, 5-6.

Acertado o calendário, a classificação é a seguinte, após três jornadas:

1.º Barcelos e Parede, 9 pontos; 3.º Benfica, 8; 4.º FC Porto e Sesimbra, 7; 6.º Sporting, Juv. Viana, Oliveirense e Ferpinta, 6; 10.º Paço de Arcos e Valongo, 5; 12.º Sanjoanense, 4 e 13.º Sporting Tomar e Famalicense, 3.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Salvaterra de Magos, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal EP Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1118, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcanena, de uma modificação da linha aérea a 30 KV para o PTC ACN II de Malhou com a montagem de um troço, com 191 metros, do poste n.º 12 ao referido PTC.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Outubro de 1986

Pe'l'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Salvaterra de Magos, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1154, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Salvaterra de Magos, de uma linha aérea a 30 KV com 996 metros do poste n.º 8 da linha para o PT SMG 34C da Sociedade Agrícola e Predial Moena ao PT SMG 39C de Jaime Barata Pereira, sito na Quinta de S. João - Campo de Salvaterra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Outubro de 1986

Pe'l'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Coruche, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1152, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Coruche, de uma linha aérea a 30 KV, com 857 metros, do poste n.º 32 da linha para o PT CCH 20C da Sociedade Investimentos Prediais ao PT CCH 62C de JCA Magalhães-Agrícolas Atlânticas SA sito na Herdade da Formosa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Outubro de 1986

Pe'l'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

Xadrez

Portugal: empate e derrota

Na jornada de ontem das Olimpíadas de Xadrez, a decorrerem no Dubai, Portugal empatou 2-2 com o Canadá, no sector masculino, e perdeu 2-1 com o Bangladesh, no feminino.

Nos encontros mais importantes da jornada masculina, a União Soviética empatou com a Jugoslávia 2-2, a Inglaterra venceu a Hungria por 2,5-1,5 e Cuba derrotou a China por 3-1.

De salientar também a vitória da Argentina sobre a Alemanha Federal por 3,5-0,5. Quanto à selecção da União Soviética alinhou sem o campeão mundial Garry Kasparov no encontro com a Jugoslávia e que a partida deste encontro entre o ex-campeão do mundo Anatoly Karpov e o grande mestre jugoslavo Ljubojevic foi ganha por este último.

A classificação geral no sector masculino é liderada pela União Soviética com 15,5 pontos, seguida da Jugoslávia, Inglaterra e Cuba, todos com 15. Em 5.º, 6.º e 7.º lugares encontram-se, respectivamente, a Bulgária, Islândia e a Argentina, com 14,5 pontos.

Em mulheres a URSS bateu a Jugoslávia por 2-1, a China venceu a Roménia por 2,5-0,5, a Inglaterra derrotou a Alemanha Federal por 2-1 e Cuba e o Brasil empataram, 1,5-1,5.

Na quinta jornada do sector feminino a Hungria também triunfou sobre a Polónia por 2,5-0,5, a França ganhou à Espanha por 2-1 e a Argentina venceu a Nova Zelândia por 3-0.

O desporto desfocado ou as pessoas que o desfocam

O nosso camarada Bruno Neves, repórter fotográfico profissional de reconhecido mérito, de há longos anos colaborador do «DL», apresentou no recente Congresso dos jornalistas uma comunicação de valor que, em síntese, nos permitimos publicar. Eis o teor-base das palavras daquele nosso companheiro:

O jornalismo desportivo é habitualmente um «tema» se parântesis, nestas assembleias de discussão, um dos problemas da classe. É, no entanto, importante que a «massa associativa» (digo eu) se pronuncie sobre a real eficácia de normas éticas no jornalismo desportivo. Isto, porque se trata de uma área em que a Informação e a opinião produzem, quando a destinação é ainda possível, aparece clara, perigosa e impunemente enfeudada a procedimentos clubísticos. Diria mesmo que, neste particular da isenção e objectividade, o desporto é bem pior que a política.

Neste sector, mandam e podem os messianismos de vária ordem e cor, recorrendo com facilidade a mecanismos de manipulação que estão abertos nas secções desportivas e nas Redações em geral, pelo facto de pupularem os chamados «co-

laboradores desportivos».

Qual é (pois) a eficácia de um código deontológico que, não abrangendo esses «colaboradores desportivos», (os quais garantem grande parte da Informação e mesmo Opinião produzida) se torna evidentemente, ineficaz perante o «fr-te».

Eles, os dirigentes desportivos, não têm pejo em telefonar para as Redações indicando qual o «homem», que pretendem para esta ou outra reportagem, a simples «cobertura» do espectáculo.

É a esta imagem que estou directamente ligado, anos a fio de jornalismo profissional. Assistindo, sem instrumentos legais para reagir, à obrigatoriedade, imposta pelos tais Mecenas, de usar aquele colete numerado nos campos de futebol. Espécie de colete de forças que ostentam profissionais, colaboradores ou o simples amador em busca de mais uma bonita foto para o álbum artístico do dito director. Digo eu!

Mas esse «colete de forças» já não basta. Os Mecenas, quando não gostam deste ou daquele (sobretudo daqueles profissionais que procuram respeitar o código de honra da classe), chegaram já ao ponto de impedir a sua entrada nas instalações desportivas do clube, vedando-lhe,

impunemente, o direito elementar do acesso à Informação.

Raros são os casos em que os órgãos de Comunicação Social fazem pesar a sua força na opinião pública, confrontando-se com os tais Mecenas. Mas (felizmente) existem alguns.

O exemplo mais recente foi o do jornal francês «L'Equipe», o qual reagiu a insultos e impedimento do exercício profissional na pessoa de um jornalista dos seus quadros, votando o dirigente e o clube em questão ao esquecimento. Nem uma linha, nem uma foto...

Eis um caminho que, não dependendo exclusivamente dos jornalistas, abre uma perspectiva real de seriedade e qualidade — um binómio que devemos preservar a todo o custo para podermos manter a confiança do público.

E aqui, em Portugal? Aqui, vamos indo até aos estádios enquanto nos deixarem.

Conclusão: a nossa deontologia no jornalismo desportivo não passa de deontologia clubística aguda.

Faço um apelo aos jovens que querem abraçar a carreira de jornalismo aqui presentes: que se cuidem ante os polvos «Desportivos» pois são piores do que os tubarões políticos...

Bruno Neves



Paris, na passada semana, durante a festa da «Adidas» para entrega dos seus prémios anuais aos melhores futebolistas. Careca (entre Luís Feist e Manuel Fernandes), troca impressões com os jornalistas Rui Cartaxana, Neves de Sousa e Ribeiro Cristóvão. Sim: é muito natural que venha para o futebol europeu — afirmou o «craque» que o Benfica não conseguiu recrutar há duas épocas

Careca em Itália?

Os «internacionais» brasileiros Careca e Casagrande poderão transferir-se para o Torino (de Itália) e Atlético de Madrid, respectivamente, caso os clubes cheguem a acordo. Careca, segundo o melhor marcador do campeonato do mundo disputado no México, poderá assim fazer companhia ao seu compatriota Júnior, no «plantel» do Torino, enquanto Casagrande é apontado

como certo nos «merengues» depois do interesse dos madrilenos em Jandir (do Fluminense) ter esbarrado nas exigências do clube brasileiro. Nos meios desportivos brasileiros fala-se igualmente no interesse do Brescia pelo defesa Ricardo (também do Fluminense), por quem já ofereceu 200.000 dólares (mais de 30 mil contos).

Microscópio

Ténis: As norte-americanas Martina Navratilova e Pam Shriver e a checoslovaca Hana Mandlikova qualificaram-se, facilmente, para os quartos-de-final do «masters» feminino de ténis.

Navratilova venceu a sueca Catarina Lindqvist por 6-3 e 6-0, enquanto Pam Shriver bateu a italiana Rataella Reggi por 6-3 e 6-1.

Na partida mais equilibrada da jornada, Hana Mandlikova derrotou a norte-americana Terry Phelps, com os parciais de 6-2 e 6-4.

TÉNIS DE MESA: Organizado pelo jornal «O Casapiano» vai realizar-se no próximo dia 13 de Dezembro um Torneio de Ténis de Mesa destinado a homenagear

o dirigente Leonel Tavares, que nos últimos 15 anos tem vindo a dedicar intensa actividade ao desporto português. O torneio decorrerá no Pavilhão de Desportos do Inatel e as inscrições encontram-se abertas na sede daquele jornal (Largo do Conde Barão, 50-2.º — telefone 607995).

ATLETISMO: Dentro das comemorações do 12.º aniversário, a União Desportiva e Cultural de Aldeia do Sobralinho (UDCAS) leva a efeito no dia 7 de Dezembro pelas 10 horas a III Mini-maratona, prova autorizada pela Federação Portuguesa de Atletismo e Associação de Atletismo de Lisboa.

Pavilhões desportivos polivalentes

Boa iniciativa da Direcção-Geral dos Desportos: a edição de uma publicação denominada «Pavilhões Desportivos Polivalentes», adaptação da obra «Ginásios polivalentes», editada pelo Comité Olímpico Nacional de Itália, da responsabilidade dos arquitectos Maurício Bellioni e

Enrico Carbone.

Com apresentação do professor A. Mirandela da Costa, que foca a «Ausência de uma tradição na arquitectura desportiva portuguesa», procura acudir aos chamamento das autarquias, «sem meios bibliográficos que lhes permitam orientarem-se

na complexa e melindrosa implantação de instalações desportivas».

«Pavilhões desportivos polivalentes» é um bom contributo «no âmbito específico do equipamento desportivo, uma chamada de atenção ao ordenamento do espaço para jogos

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 47/86

DE 23 DE NOVEMBRO DE 1986

Penalti: 221 211 111 1111; O Algarve: 121 2X1 121 XX12; Jornal de Amarante: 221 211 111 1111; Jornal da Beira: 221 211 XX1 111X; Correio de Coimbra: 221 211 1X1 11X2; Correio do Vouga: 221 211 121 1111; A Defesa: 221 211 2X2 2112; Defesa de Espinho: 221 2X2 222 21X2; Diário de Lisboa: 22X 21X 1X2 1XXX; Diário de Viseu: 221 211 XX1 X11X; Folha do Domingo: 2X1 21X 111 121X; Ecos de Cacia: 221 211 X11 X1X2; O Emigrante: X12 X1X 21X 2X1X; Eu Sei Tudo: 221 211 X12 X111; Jornal de Felgueiras: 2X1 21X 11X X112; Jornal do Fundão: X21 211 111 111X; Gazeta das Caldas: X21 211 12X 111X; Gazeta de Felgueiras: 221 21X 111 11X2; Rádio Totobola: 221 211 X11 X121; Linhas de Elvas: X21 211 1X1 221X; Litoral: 121 211 XX2 211X; Maria da Fonte: 221 211 X11 X112; O Mensageiro: 221 211 X1X 211X; No Estúdio e no Estádio: 221 21X XX1 1111; Notícias do Douro: 121 211 X1X X11X; Notícias de Felgueiras: 221 X1X 112 X111; Notícias de

Guimarães: X21 X11 XX2 X11X; Notícias de Viseu: X21 XX1 1X1 1111; Reconquista: 221 X21 1X1 X1X2; Rádio Alentejo: X21 211 111 1111; Clube da Manhã/RDP Comercial: 2X1 221 122 2222; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 221 211 1X2 2111; Secção Desportiva/RDP Comercial: 221 21X 112 X111; Tempo e Resultados/RDP Comercial: 221 211 122 X111; Jornal da Lixa: 221 111 112 1111; Estúdio 64: X11 X12 12X 1X12; Rádio Sports: 221 212 212 1111; Jornal de Santo Tirso: 221 211 X22 211X; Jornal de Sintra: 221 211 XX2 2111; Voz do Ave: 221 211 1X2 11XX; A Voz do Domingo: 1X1 211 111 X111; Voz de Lamego: 221 X11 X22 1111; Desporto Regional: XX1 21X 11X 11X1; Pista de Dança: 221 211 111 111X; Sons da Madrugada: 121 22X 22X X112; Snack-Bar: 12X 2X1 1X2 121X; Dribling: 221 211 111 X11; Notícias de Évora: 221 211 2XX X11X; Boomerangue: 121 X11 X11 211X; Programa da Manhã:

X2X 22X 2X2 X1X2; Música com Elas: 221 2XX X21 X1XX; Fotografias: X21 221 X1X 22XX; Fora de Jogo: 121 2X1 2X1 21X1; Bola ao Centro: 22X X21 X21 2111; Grande Sábado: X2X 1X1 X11 XX2X; Canal Mais: 1X1 2XX 211 X1XX; Sintonia Desportiva: XX1 X21 2X1 2X2X; Fim-de-Semana Desportivo: 221 X11 1XX 111X; Panorama Desportivo: XX2 211 X12 X1X2; Comércio de Leixões: X21 X11 2X2 X111; De Tudo um Pouco: XX1 X11 1XX 11X1; Jornal de Gaia: XX1 X11 1X2 211X; Jornal da Graça: 22X 211 112 X112; Jornal de Notícias: 221 211 XX2 X111; O Primeiro de Janeiro: 221 211 11X 1111; Quadrante Norte: X21 211 1X2 X111; Repórter do Dia: 221 211 111 2111; Resenha Desportiva: 221 211 111 1111; Alvo Desportivo: 1X1 11X 1XX X11X; Rádio Alvo: 121 X11 121 1XX1; Alvo: 221 11X 11X X112; Alvo Suplemento: X11 X11 XX2 X11X; A Voz dos Rídiculos: X21 211 112 111X; Rádio Placard: 221 11X 12X 21X1.

assim vai o totobola

	R E S U M O			B O L A S (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Beira Mar-Varzim	11	22	41	2	4	6
2. Trofense-Braga	3	11	60	1	2	9
3. Guimarães-Setúbal	67	6	1	10	1	1
4. Felgueiras-Chaves	5	16	53	1	3	8
5. Farense-E. Amadora	59	8	7	10	1	1
6. U. Madeira-Fafe	55	16	3	9	2	1
7. Sant. Cacém-U. Leiria	41	23	10	7	4	1
8. Marinhense-Águeda	33	27	14	5	4	3
9. Mirense-Espinho	31	16	27	5	3	4
10. Freamunde-Aves	25	31	18	4	5	3
11. Gil Vicente-E. Lagos	62	7	5	10	1	1
12. Tirsense-Sacavenense	52	18	4	8	3	1
13. Torralta-U. Coimbra	30	28	16	5	5	2

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
221 211 111 X111



Sporting: 80 anos

A direcção do Sporting Clube de Portugal e a Comissão do 80.º aniversário da colectividade de Alvalade estão convidando a Comunicação Social para a sessão solene (seguida de beberete) que terá lugar na Sala do Bingo, às 10 e 30 de sábado. Na ocasião serão entregues os emblemas aos associados do «leão» com 25 anos de filiação clubista.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE LISBOA 1.ª JUÍZO

ARREMATACÃO 1.ª PRAÇA
Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 3 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal - Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a SOTEXTO - Fotocomposição e Artes Gráficas, Lda, com sede na Rua António Enes, 18-R/C Esq., em Lisboa, no processo executivo n.º 6461/81

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 - Um computador de Artes Gráficas, marca «Compugraphic», de fabrico americano com o n.º 2055 de série, electrónica, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor presumível de 600 000\$00 (seiscentos mil escudos).

Verba n.º 2 - Uma máquina de revelar (artes gráficas), marca PC13 n.º série 289-011-670, fabrico americano, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 350 000\$00 (trezentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 3 - Uma máquina de revelar (artes gráficas), marca «MULTILINE», n.º série 10 974, fabrico americano, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 350 000\$00 (trezentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 4 - O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Rua António Enes, n.º 18-cave-Esq. em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 13 806\$00, a que se atribui o valor presumível de 300 000\$00 (trezentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 17 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)

O Lq. Trib.
(F. Lopes)

«D.L.» 20/11/86 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Abílio Lopes Cardoso, Meritíssimo Juiz de Direito do Oitavo Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber que por este Juízo e Segunda Secção, correm seus termos uns autos da acção com processo comum - sumário - emergente de contrato individual de trabalho, registados sob o n.º 24/84 em que e autora, Eufrásia Conceição Dias Afonso, residente na Calçada da Quintinha, n.º 2 - 7.º andar em 1000 LISBOA e réus, João Pedro Amadeus Cruz e outros e notificado EUGÉNIO SILVA CAVANEIRO, com última residência conhecida na Rua Francisco Metrass, n.º 42 - 3.º C, cave direita e subcaves esquerda e direita em Lisboa, para, sob cominação legal, comparecer neste Tribunal, sito na Avenida Casal Ribeiro, 48 - 5.º, no dia 15 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, a fim de se proceder a audiência de discussão e julgamento nos autos referenciados, pelo que deve apresentar as suas testemunhas na audiência e que deve comparecer pessoalmente, sob a cominação de, se faltar e não justificar a falta ou não se fizer representar por mandatário judicial, ser condenado no pedido (art.º 89.º n.ºs 1, 2 e 3 do Cod. Proc. Trabalho)

Lisboa, 16 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
Abílio Lopes Cardoso

O Escrivão adjunto,
(ass. ilegível)

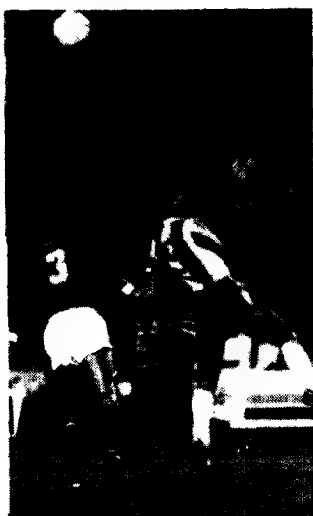
«DL» 20/11/86 - 1.ª Pub.



André desfaz-se da perseguição de Vando



Jaime Pacheco passa por Nunes como uma seta



Gomes: mais um belo golpe de cabeça

Antas: empate a um golo para a "Supertaça"

Benfica: águia ao alto vai somando e sonhando

Excelente resultado para a turma de Mortimore mas, de qualquer modo, a franquear a porta ao êxito final a qualquer das turmas que esgrimem pela Supertaça futebolística: o Benfica deu ontem um passo importante para a revolução da sua decantada crise interna, ao empatar a um golo frente ao Porto no estádio das Antas, da primeira «mão» do troféu «Cândido de Oliveira».

A formação comandada por Mortimore cometeu (inclusive) a proeza de ter sido a primeira a marcar, logo aos 3 minutos (por intermédio de Rui Pedro) e apenas uma falha da defesa Oliveira permitiu ao FC Porto chegar ao empate, por Gomes, aos 32 minutos.

Praticamente o jogo abriu com o golo dos benfiquistas, a culminar uma boa jogada de contra-ataque: o jovem Rui Pedro, com um forte remate que levou o esférico a tocar ainda na perna de um adversário e enganar o guarda-redes Zé Beto abriu a contagem.

Porém, logo no minuto seguinte a equipa de Artur Jorge esteve próxima do empate, por intermédio de Fernando Gomes, que rematou fortíssimo de cabeça: mas o guarda-redes Neno correspondeu com uma grande defesa, aliás a primeira de uma noite de «show».

A partida foi pautada pelo entusiasmo dentro e fora do relvado e por um futebol de bom nível técnico e tático, com os portistas mais presentes no ataque, e os benfiquistas muito perigosos nas respostas. O guarda-redes Neno, que regressou no domingo à equipa principal da Luz, foi a grande figura do encontro: e o principal obstáculo ao ataque portista.

Aos 32 minutos (e depois de insistência atacante) o FC Porto chegou ao empate: mas, graça a um erro do defesa Oliveira, que cortou mal um lance, para os pés de Futre, que efectuou de pronto o cruzamento para a cabeça de Gomes, que não perdeu.

Os momentos de perigo continuaram a suceder-se entre uma baliza e outra e o guarda-redes Zé Beto teve oportu-

nidade de realizar boas defesas, especialmente ante a ofensiva do brasileiro Chiquinho.

No período complementar, a velocidade diminuiu um pouco, embora a equipa norte-nordestina tenha continuado mais balanceada no ataque e o Benfica sempre perigoso nos lances de contra-ataque, onde sobressaíram Chiquinho e Vando, ambos brasileiros. Um problema rubro: o técnico dos «encarnados» foi forçado a substituir (cedo ainda) Manniche por Rui Águas, devido a problemas físicos do dinamarquês.

No FC Porto estiveram em evidência Jaime Pacheco, Celso e Gomes, enquanto entre os benfiquistas Neno, Dito, Veloso, Chiquinho e Vando foram as figuras em destaque.

Sob direcção de Azevedo Duarte (Braga) que só entrou no terreno à hora exacta em que deveria principiar o jogo, alinharam:

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Celso, Eduardo Luís e Inácio (Sousa, aos 31 m); Jaime Magalhães, Jaime Pacheco, André; Gomes e Futre.

Benfica: Neno; Veloso, Oliveira, Dito e Álvaro; Rui Pedro (Samuel, aos 86 m), Vando, Nunes e Diamantino; Manniche (Rui Águas, aos 20m) e Chiquinho.

Cartão amarelo a Eduardo Luís (aos 39 m) Quim (aos 79 m) e a Vando (aos 82 m).

As perguntas que fazemos

- Verdade (ou não) que o jogador Madjer foi afastado da 1.ª linha do Futebol Clube do Porto por ter tido o «desplante» de, em órgão de Comunicação Social, criticar a direcção técnica da sua equipa?
- Verdade (ou não) que Armando Carmezim vai suceder a Armando Biscoito na posição de secretário-geral do Sporting, por pressão de um grupo (escasso) de sportinguistas que se erguem contra a figura de João Rocha e (por charmeira) de todos os nomes que associou à presença da sua personalidade à frente dos «leões»?
- Verdade (ou não) que um erro da Associação de Futebol de Lisboa permite uma diferente concepção de situações em relação ao jogador Franque e à sua ligação com o União de Leiria, que pode ser impeditiva da utilização (presente) pelo Atlético?

Jogou-se futebol pela Europa

As selecções de futebol da RDA e da França empataram, ontem, em Leipzig, por 0-0, num jogo do Grupo 3 do Campeonato da Europa das Nações. Sob a arbitragem de Courtney (Inglaterra), as equipas alinharam:

RDA: Mueller; Schoessler, Stahmann, Rohde, Doeschners-tuebner, Liebers, Steinmann (Richter, 63), Pastor-Kirsten (Sammer, 77), Thom.

FRANÇA: Bats; Ayache, B. Boli, Battiston, Amoros; Poul-lain, Le Roux, Tigana, Platini (cap.); Stopyra, Papin (Bellone, 83).

Classificação: 1.º, URSS, 5 pontos; 2.º RDA, 4; 3.º, Islândia, 2; 4.º, França, 2; 5.º Noruega, 1.

No Grupo 5, a Holanda e a Polónia igualmente empataram (0-0). O jogo realizou-se em Amesterdão, sob a arbitragem de Quiniou (França), e as equipas alinharam:

POLÓNIA: Kazimierski; Pawlak, Krol, Wojcicki, Wdowczyk; Karas, Boniek, Pruszk, Rudi (Tarasiewicz, 45); Dziekanowski, Smolarek.

HOLANDA: Van Breukelen; Silooy, Rijkaard, Spelbos, Van Tiggelen; Van't Schip, Wouters, Koeman (Bosman, 45), Tahamata (Van Der Gijp, 73); Gullit, Van Basten. A classificação: 1.º, Polónia, 3 pontos; 2.º, Holanda, 3; 3.º, Grécia, 2; 4.º, Hungria, 0; 5.º, Chipre, 0.

Em Bruxelas, a Bélgica e a Bulgária empataram 1-1, com 0-0 ao intervalo, em jogo do Grupo 7. A classificação: 1.º, Bélgica, 4 pontos; 2.º Escócia, 4; 3.º, Eire, 2; 4.º, Bulgária, 2; 5.º Luxemburgo, 0.

«Esperanças»

Um golo de Stoll (aos 80 minutos) de jogo garantiu à Suíça uma igualdade frente à Itália, em jogo do grupo dois da fase de qualificação do Europeu de Esperanças, de que faz parte Portugal. A Itália, que se estreou no grupo, actuou no Estádio Municipal de Empoli e inaugurou o marcador aos 42 minutos, por Roberto Onorati, na conversão de um livre directo.

A Itália, que defronta Portugal no próximo jogo do grupo (a 11 de Fevereiro) acabou por ceder o empate a dez minutos do termo do jogo, quando o seu guarda-redes Fabrizio Lorieri não sustentou a conversão de um livre, permitindo a recarga fatal de Stoll.

As equipas alinharam: Itália: Lorieri; Ferrara, Maldini, Zanoncelli e Benedetti; Costacurta, Berti, Onorati e Giunta (Lerda); Notaristefano (Gazzaneo) e Comi.

Suíça: Tschudin; Rey, Widmer, Tornare (Fluri) e Sauthier (Buetzer); Stiel, Haejb, Taddei e Stoll; Andermatt e Kunz.

Classificação:
J V E D G P

Suíça	3	1	2	0	4-2	4
Portugal	2	1	0	1	3-3	2
Suécia	2	0	1	1	0-2	1
Itália	1	0	1	0	1-1	1

«Olímpicos»

Encontros de qualificação para o torneio olímpico: Hungria, 2-Irlanda, 1 e Espanha, 1-Suécia, 1.

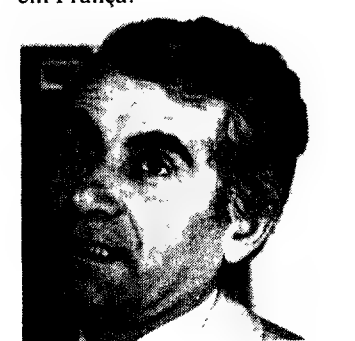
Calendário muda

A Federação Portuguesa de Futebol autorizou as seguintes alterações à jornada de domingo, relativa à 2.ª eliminatória da Taça de Portugal: Assim, teremos no sábado pelas 15 horas: Caldas - Monte de Caparica, Lousada - Lixa, Torralta - União de Coimbra e Vitória de Guimarães - Vitória de Setúbal; às 16 horas: Nacional - «Os Marialvas» e União da Madeira - Fafe, pelas 20.30 horas.

Juniores treinam
Os dezasseis atletas convocados para os trabalhos finais da selecção nacional de juniores «A» voltaram, ontem, a treinar-se no Estádio Nacional em duas sessões. Hoje, a selecção treina em Montemor-o-Novo, às 15 e 30, com o União local, no seu campo relvado, e no domingo, jogará com o Estrela da Amadora, às 9 e 30. A turma nacional actua no dia 26 em França.

Reservas lisboetas

Jogos para o torneio entre reservas lisboetas: Benfica, 4 - Estrela da Amadora, 2; Belenenses, 1 - Torriense, 0; Estoril, 1 - Sacavenense, 0; e Oriental, 0 - Atlético, 1. Classificação: Benfica, 16 pontos; Belenenses, 15; Sporting, 13; Estoril, 10; Atlético e Sacavenense, 7; Amadora, 6; Torriense, 5; e Oriental, 3.



Radisic: o preparador físico jugoslavo volta ao Sporting a 1 de Dezembro, para trabalhar com Manuel José

Reservas lisboetas

Júlio Amador é o novo técnico do Santiago do Cacém, sucedendo no cargo a Manuel Gamito.

Bibliografia desportiva

«Futebol»
Da responsabilidade da Federação Portuguesa da modalidade e tendo como director César Grácio (secretário-geral do organismo futebolístico da Praça da Alegria, brevemente a radicar-se no Jamor) a revista «Futebol» aflora capítulos envolventes do jogo-rei que merecem diverso considerando. Assim, aí temos «Psicologia desportiva» (de Renzo Vianello), «Medicina desportiva» (José Manuel Rodrigues Bento), «Metodologia do treino» (Bote-lho de Melo e Manuel de Oliveira), «História desportiva» (U. Rudolph Rothenbuler), «Arbitragem desportiva» (Harry H. Cavan e Istvan Somos), «Instalações desportivas» (Pedro de Almeida), «Direito desportivo» (Edmundo Caira), «Organização e administração» (Joseph Wilson e Carlos Godinho) e, ainda, «Estatística desportiva» (Jerzy Talaga).

Com portugueses,

começa amanhã em Salónica

Segunda Bienal de Jovens Artistas

No seguimento da última Bienal que decorreu no ano anterior em Barcelona, vai realizar-se em Salónica, na Grécia, de 21 a 30 deste mês a 2.ª Bienal dos Jovens Artistas dos Países do Mediterrâneo.

Portugal foi convidado a estar presente através de um convite endereçado pela Comissão Organizadora à Secretaria de Estado da Juventude, tendo o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) sido incumbido de assegurar e coordenar a participação de uma delegação de jovens artistas portugueses.

Trata-se duma importante manifestação cultural, onde estarão presentes cerca de 600 jovens de diversos países, designadamente de Portugal, Grécia, Espanha, França, Itália, Jugoslávia, Chipre e Malta.

A representação portuguesa será constituída por 35 jovens que integrarão diferentes áreas e que se julga oferecerem a necessária qualidade artística para se assegurar uma participação condigna do nosso país na referida Bienal.

Passamos a citar os nomes dos jovens escolhidos, alguns deles bem conhecidos no meio artístico em Portugal: Ana Vidigal, Pedro Proença, Xana, Pedro Portugal, Paulo Neves e Pedro Tudella no domínio das Artes Plásticas, Jorge Colombo na Banda Desenhada, José Eduardo Rocha na Arte Postal, Álvaro Feijó no Cinema, Inês Pedrosa e Isabel Aragão respectivamente na Literatura e Poesia, António Pedro Ferreira e Maria Timóteo na Fotografia, Inês Simões e Victor Neto na Moda, Rui Órfão na Performance/Vídeo, Jorge Spencer e Francisco Freire na Arquitectura. No domínio da Música participarão os grupos «Rádios Macau» e «Shish» respectivamente na área do Rock e da Música Contemporânea. A Dança será representada pelo Grupo «Oficina Coreográfica» dirigida por Ruben Marks. Na área dos debates que se proces-

sarão durante a Bienal participarão Alexandre Melo, jornalista crítico de arte e António Seguro, secretário coordenador do Conselho Nacional da Juventude.

A deslocação deste grupo de jovens à Grécia resultou dos esforços conjuntos e da colaboração havida entre a Secretaria de Estado da Juventude, Secretaria de Estado da Cultura, Câmara Municipal de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta Bienal de Arte visa proporcionar um espaço aberto à criatividade, originalidade e ao intercâmbio entre as produções artísticas dos jovens participantes, bem como reafirmar e reforçar a identidade cultural existente aos países do mediterrâneo, aspecto que ultrapassa a sua mera unidade geográfica.

A Comissão Organizadora pretende que os jovens artistas dos referidos países, que já constituem uma realidade cultural e artística com as suas particularidades e um património histórico comum, assumam a consciência da tradição cultural e civilizadora mediterrânica, mais rica e diferente da que a de outros países cujos modelos culturais são por vezes sobrevalorizados junto dos países da Europa do Sul.

A Bienal decorrerá junto à baía da cidade de Salónica em diversos pavilhões e edifícios históricos expressamente recuperados para o efeito, onde se realizarão todas as manifestações artísticas no domínio das diferentes exposições, projecções de filmes e vídeo, espectáculos musicais, etc.

Simultaneamente decorrerão debates e sessões de trabalho entre os participantes e um Seminário sobre o tema «Intercâmbio Cultural entre os Jovens do Mediterrâneo». Nos dias 22 e 23, realizar-se-á um «Forum», que será um grande encontro, onde participarão importantes personalidades intelectuais dos países da Europa, sobre o tema «O destino e aspectos culturais da Europa do Mediterrâneo».

Franklin («Say a Little Prayer»), Wilson Pickett («In The Midnight Hour»), Joe Tex («Hold What You've Gout»), Sam and Dave («Soul Man») e Booker T. and The MG's («Green Onions»).

Fora desta série, foi igualmente importado um álbum com os grandes êxitos de Percy Sledge, também um nome da música «soul» norte-americana dos anos 60 («When a Man Loves a Woman» e «Warm and Tender Love»).

Pianista arménio dia 25 na Gulbenkian

Integrado na actual temporada musical da Fundação Gulbenkian, realiza-se no próximo dia 25, no Grande Auditório, às 18 e 30, um concerto de piano pelo artista arménio Aroutiun Papazian, que interpretará obras de Mozart (Sonata em lá maior, K. 331); de Chopin (Três Mazurcas, op. 59 e Sonata em si bemol maior, op. 35) e de Debussy (Doze prelúdios, 1.º livro).

Nascido em Arménia, União Soviética, e vivendo nos Estados Unidos desde 1984, Aroutiun Papazian foi galardoado com a medalha de bronze e revelou-se como o pianista favorito do público no ano de 1980, do Concurso Internacional de Piano Frederico Chopin. A grande categoria dos seus concertos e o acolhimento que tiveram entre o público teve como resultado ter sido convidado para actuar na Polónia durante dois meses mais do que o previsto, período em que deu mais de 20 concertos. Obteve já o 1.º lugar no Concurso Internacional Viana da Mota, em 1979 e foi galardoado também com a Medalha de Prata do Concurso Internacional Bedrich Smetana, em Praga, em 1974 e o primeiro prémio do Concurso Transcaucasiano (URSS), em 1972.

Iniciou os seus estudos aos seis anos e aos 10 foi aceite na

Escola Superior de Música Tchaikovsky, onde se diplomou em 1972, recebendo ainda a Medalha de Ouro da Escola. Aos 12 anos apresentou-se com a Orquestra Sinfónica Estatal da Arménia e apenas com 16 anos deu o seu primeiro recital a solo no Auditório da Filarmónica de Erevan. Prosseguiu os seus estudos e no período de 1972 a 1977 foi o único aluno a quem foi atribuída a bolsa de estudos «Lenine», a mais prestigiosa na União Soviética. Continuou o seu trabalho de pós-graduação no Conservatório de Moscovo, estudando com o grande pianista e

musicólogo Yakov Milshtein, já falecido. Em 1979 foi nomeado solista do Gosconcert de Moscovo tendo realizado depois várias digressões por diversos países europeus, incluindo Portugal e Canadá. Estreou-se na Costa Oeste da América, com a Or-



questra Sinfónica de Santa Bárbara e tocando ainda em Los Angeles.

Papazian estreiar-se-á no Wigmore Hall, de Londres, em Dezembro.

Teatro "O Bando" em Madrid

O grupo de teatro O Bando apresenta uma nova versão da peça «Afonso Henriques» e participa em diversas outras realizações no quadro das primeiras semanas internacionais de teatro para crianças, que decorrem até 4 de Dezembro em Madrid.

A semana em curso é dedicada a Portugal, um dos sete países participantes, ao lado da Espanha, Dinamarca, França, Checoslováquia, Colúmbia e Itália.

A organização destes encon-

tros, iniciados em 28 de Outubro, é da responsabilidade da Acção Educativa, em colaboração com o Ministério espanhol da Cultura.

Cada um dos países participantes teve a «sua semana», durante a qual os grupos convidados levaram espectáculos à cena e participaram em cursos, colóquios e conferências.

João Brites, actor e encenador de O Bando, revelou à Anop que, na versão de «Afonso Hen-

riques» a apresentar em Madrid, aparece em cena uma nova personagem, um padre interessado pelas coisas históricas, que vem ver se o que se diz sobre o primeiro rei de Portugal corresponde ao que está escrito nos arquivos do Vaticano».

Encarna a personagem o actor espanhol José Luís Santos, do Centro Dramático de Madrid.

No âmbito da sua participação, O Bando ministra um curso subordinado ao tema «O Trata-

mento Teatral da História no Teatro para Crianças sob uma Perspectiva Crítica» e João Brites profere uma conferência sobre «Criação, Promoção e Produção do Teatro para Infância em Portugal».

O actor e encenador Carlos Fragateiro, do grupo teatral Tela, de Leiria, está também presente na semana, para uma conferência sobre «Teatro para Crianças e Jogo Dramático».

Arte portuguesa em Bordéus

Uma exposição de arte portuguesa contemporânea foi inaugurada na Biblioteca Municipal de Bordéus pelo presidente da câmara, Jacques Chaban-Delmas.

Integram a mostra, organizada pela «Árvore», do Porto, 100 obras de pintura, escultura e tapeçaria.

Na cerimónia inaugural usou da palavra o reitor da Universidade, Eduardo Calvet, que destacou a colaboração prestada na organização da exposição pela Câmara Municipal de Bordéus e pelo Centro Cultural Miguel Torga.

Por seu turno, em declarações à agência EFE, Jacques Chaban-Delmas informou que, «Num futuro imediato», a sua mulher visitaria o Porto «numa manifestação mais da irmandade» vigente desde 1978 entre Bordéus e a capital do Norte de Portugal.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Juízo e 3.ª Secção do Tribunal Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de TRINTA DIAS, no sentido de dar conhecimento a MARIA AMÁLIA GIL ROMERO, MADEIRA MARIA GIL PARAMÉS, e ANA MARIA GIL PARAMÉS, todas residentes na Av.ª Duque de Avila n.º 49, em LISBOA, como representantes de FELICIANO PARAMÉS DOMINGUEZ, de que se encontra designado o dia 19 de DEZEMBRO, próximo, pelas 10 horas, neste Juízo, para serem ouvidas sobre a nomeação de liquidatários e prazo para a liquidação judicial, na Acção Especial de Liquidação de Património que corre pela 3.ª Secção deste Juízo, sob o n.º 197-C e lhes é movida por ANTÓNIO SARRICO DOS SANTOS que também usa assinar ANTONIO SA RICO DOS SANTOS

Lisboa, 12 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,

(ass. ilegível)

O Escrivão adjunto,

(ass. ilegível)

«DL» 20/11/86 — 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DE COIMBRA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução Sumária n.º 341/85 2.ª secção

Exequentes - Sidónio Ferreira, casa-

do, de Bela Vista-Ferreira do Zêzere.

Executado - Maria Isabel Brites

Monteiro Marques e Maria da Nazaré

Ferreira Brites, residentes em Boala

Carapinheira, Montemor-o-Velho

Coimbra, 12 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,

a) Luís Diogo Ribeiro Loureiro da Fonseca

O Escrivão Adjunto,

a) Fernando Tomás

«D.L.» 20/11/86 — 2.ª Pub.

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
As 21.30 h.

TOURO

Texto:
ABEL NEVES

Encenação:
JOÃO MOTA 4.º MÊS

2 ÚLTIMAS SEMANAS

DOMÍNGO AS 17H

veja teatro a
preços reduzidos

TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO ÚNICO - 150.00

PR. ESPANHA (T. 726 0818)

SUB SEC M/12A

APOIO GULBENKIAN R.COMERCIAL

Carta para Rui Bento onde se fala de um andaluz chamado Cepeda

Soliloquio

Praça de Touros de Madrid. Domingo, 28 de Setembro de 1986. Novilhos dos filhos de Pablo Martinez Elizondo para José Luis Bote, Rui Bento Vasquez e Fernando Cepeda.

Meu caro Rui Bento:

Aqui estou, finalmente, na penitência pelo meu silêncio, a responder às cartas que me tem escrito dessa terra de Salamanca, que agora também é sua. Cartas acompanhadas por recortes da Imprensa espanhola sobre as suas actuações, prémios, triunfos. Mas aos recortes prefiro a singeleza das palavras, na caligrafia e na expressão, os votos de que eu passe estupendamente, a maneira despretensiosa como fala da temporada que leva, «dentro das circunstâncias penso que bem, com muitas ganas». E as ganas são coisa essencial para ser aquilo que você quer, toureiro: se não quisesse, não andava por essas terras de Espanha, a pôr a carne no assador, ganhando a pulso cada actuação, metendo-se na primeira dúzia dos novilheiros, toureando em Madrid uma tarde, e outra, e outra. Por algo será.

O seu primeiro acerto começou na escolha do caminho por onde se chega a matador, não de trazer por casa. Você foi para Espanha, por lá ficou, vendo, sentindo, aprendendo a tourear e, sacrifício ainda maior, aprendendo a esperar, sofrimento de dias intermináveis. Foi nessa espera que aconteceu o nosso único fugaz encontro, numa tarde de Junho do ano passado, em Salamanca. Você estava no átrio do Grande Hotel, em meio do bulício taurino que sempre precede o festival das «Hermanitas». Estava você, decerto sentindo uma calada pena, de não ser um dos novilheiros que completavam o cartaz de luxo. Paula, El Viti, o «Yiyo», que daí a semanas se tornaria saudade. À saída do hotel dei com o Vicente de la Calle, o seu moço de espadas, que também foi do José Falcão até ao ponto final do malogrado sonho: e falámos do mesmo tema, da luta desigual para ir encontrando sítios, contratos onde não te peçam que tudo seja por tua conta, na praça arriscar a vida, e na bilheteira as notas que se não vierem tens de pôr, se as não arranjares nada feito.

Guardei desse dia, meu caro Rui Bento, a lembrança do seu olhar, onde se reflectia, atrás da incerteza de um horizonte nublado, o brilho da esperança de que no céu algum claro se abrisse, azul. E fui fazendo projectos de ir vê-lo algures, numa

arena de Espanha onde esse azul para si acontecesse. Mais de um ano passou, e sempre o acaso desfazendo minhas intenções. E as suas cartas chegando, nesta temporada sim, finalmente, o mundo taurino começava a saber que você existia. Até que, numa manhã da semana passada, ia eu pela madrileña Plaza del Carmen, acabavam de afixar o cartaz da novilhada domingueira, dei com o seu nome: Rui Bento Vasquez. Em vez do «pueblo» que em meus falhados projectos imaginara, Vitigudino ou Peñaranda de Bracamonte, ia afinal encontrá-lo na praça grande da capital maior, das Espanhas e do toureiro.

E chegaram no domingo as cinco da tarde. «Las cinco en punto de la tarde», como nos versos de Lorca. Terríveis lhe chamou o Poeta. Terríveis mesmo sem um menino trazendo um branco lençol para mortalha, sem a cal já prevenida, sem grupos de silêncio nas esquinas, avisadores de agonias. Terríveis não de ser as cinco da tarde, mesmo com a ilusão no lugar do luto, nesse portão das quadrilhas da praça de Madrid. E ali estava você, a planta erguida e disposta, aguentando o peso brutal do medo de não ser. Eram as cinco da tarde, e ali estava você, vestido de azul e ouro. Do outro lado, na trincheira, cabelo embranquecido, camisola também azul, Vicente preparava-lhe as armas e os enganos sem bordados. E das bancadas o vozear da gente, essa alegria que pode de repente fazer-se ameaça, império, antes disso do que indiferença.

Mas as cinco da tarde passaram, você dobrou o cabo dessa tormenta. Com as suas muitas ganas. Arrimando-se nos quites (fico-me com as chicuelinas ao segundo da tarde, excelentes, sem esquecer o valoroso alarde com que esperou o quinto à saída dos curros, os joelhos em terra, o capote estendido à sua frente, as mãos atrás das costas, entregando ao peito o desafio). Bandarilhando decidido (à incerteza daquele sesgo, que ficou meio, respondeu com o espectáculo do par seguinte, rodou na cara do touro, aguentou-lhe num quiebro a investida, ganhou outra vez a simetria das hastes para cravar, emocionante). Trasteando com valor, em faenas que foram de

mais a menos, mas sem outro fingimento além de não usar a espada verdadeira, e aqui e além com toureiro garbo (como nos passes em que no seu primeiro, um cardeno de quatro anos cuja faena brindara à praça, levou o touro desde as tábuas do sete até aos médios, onde se descarou com ele antes de o embarcar pela direita, em muletazos harmoniosos e ligados). Matando com decoro (apesar das cinco entradas de que precisou para abater os dois novilhos, recolher no primeiro a ovação, escutar como no segundo se dividiam as opiniões). Mostrando que Portugal tem um novilheiro capaz de interessar, nos três tercios da lide, a primeira praça do mundo, não a deixar indiferente. Mesmo sem ter ainda um sabor determinado, e toureando como que apressado, as ganas tomando o lugar do sentimento que a classe dos novilhos pedia, a nobreza do sangue temperada pelo picante da casta.

Você deve ter sentido isso, mais do que ninguém. E oxalá não tome, como coisa normal e tolerável, a sensação de ter feito bastante, mesmo ficando aquém do desejado; oxalá não seja esse o impulso instintivo e conformado para se ajudar a si mesmo. Isto embora seja certo que noutro dia, fazendo precisamente a mesma coisa, você podia ter saído da Monumental entre aplausos mais calorosos do que aqueles com que o despediram, a si e ao José Luís Bote, que não repetiu os prometedores luzimentos de quase menino, quando alternava com Joselito e El Fundi: restou ao madrileño a desculpa do lote menos claro, para andar assim nervoso e des centrado. Mas nesta tarde, meu caro Rui Bento, a esfriar o calor dos aplausos, você teve contra si, além da classe evidente dos novilhos de Martinez Elizondo, outra classe ainda mais evidente, a do espada que o cartaz em terceiro lugar anunciava.

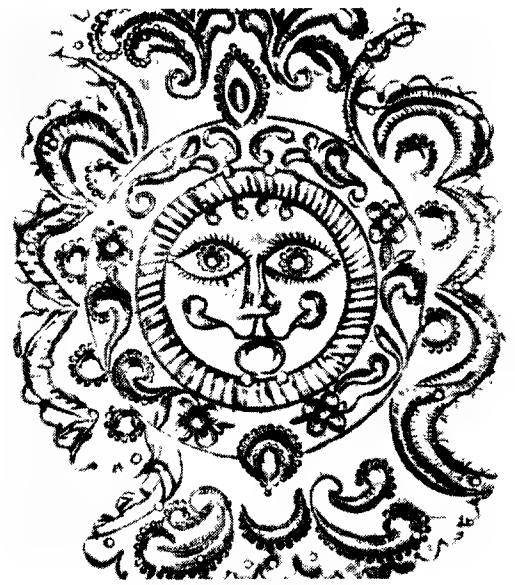
«Fernando Cepeda, de Gines, nuevo en esta plaza». Uma tarde bastou ao jovem andaluz para estar a pontos de ser, se a fortuna lhe protege o ânimo, toureiro também de Madrid: ou seja, toureiro de toda a parte. Um desses poucos que, na expressão de Rafael El Gallo, fazem do toureiro uma coisa simples: ter lá dentro um mistério, chegar à praça, e contá-lo.

Não pareceram os fados sorrir a Cepeda, quando o seu primeiro novilho saiu coxo, teve que ser recolhido; consolação foi tornarmos a ver Florito, maiorial da

praça, o regalo da serena presteza com que leva seus amestrados cabrestos, três lhe bastam. Veio o sobrero, dos irmãos Martinez Uranga, com mau estilo nas varas, recuos e cabeceios nas bandarilhas, algumas coladas na muleta. Mas Cepeda foi destapando o frasco por onde saía o aroma de um toureiro que ia embriagando as incertezas do novilho, até terminá-las de vez com uma estocada. E a volta à arena foi já o prenúncio dos clamores que estavam para vir.

Não preciso contar-lho, meu caro Rui Bento, porque você foi testemunha, até mais próxima. Mal começada a faena ao último da tarde, e já pela praça alastrava esse rum-rum anunciador de toureiro grande. Cepeda dava ao inimigo a distância justa, marcava-lhe os três tempos com vagares de quase retardador. Que naturais, minha mãe: Mas todo o trasteio era um conjunto só, uma malha tecida com novelo de veludo, com um fio sem emendas, numa sucessão assombrosa, que enchia a praça inteira de um deleite que chegava ao fundo da alma, às profundezas onde as grandes emoções se guardam. Um pinchazo, antes da estocada certa, roubou ao moço de Gines a saída pela porta grande, reduziu o prémio a uma orelha. Mas que importa isso, quando se toureia assim, quando toda a gente sai da praça sentindo o gozo colectivo de ter um toureiro, de julgar encontrada a resposta à pergunta que Corrochano não sabia responder: «Que és torear?»

Essa resposta, julgava o maestro que a sabia Joselito, e viu como o matou um touro, naquela tarde de Talavera. Nas páginas desse livro de Corrochano, que eu não sei se você leu, meu caro Rui Bento, e se não leu não deve perder, está a eterna incógnita do toureiro, e também o carácter efêmero do julgamento que sobre ele fazemos, apoiando a razão naquilo que vimos, e já não vemos. E sempre, em cada época, o tal mistério que cada toureiro guarda: esse mistério que está para além da lição que, nesta tarde de Madrid, mostrou ter aprendida; esse mistério que você, meu caro Rui Bento, precisa agora de descobrir no sentimento; para na arena o contar por palavras suas, simples como as cartas que de si oxalá possa continuar recebendo. E não precisa de tornar a pedir desculpas pelas moléstias — quando são bem maiores as que o esperam, às cinco de cada tarde, terríveis e afinal desejadas.



Uma das peças de ourivesaria, desde hoje no Museu Gulbenkian, integrada na Exposição «Três Séculos de Ourivesaria Hispano-Americana»

Exposições

- Na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian, inaugura-se hoje, às 18 horas, a exposição argentina «Três Séculos de Ourivesaria Hispano-Americana», pertencente ao Museu Isaac Fernandez Blanco. Às 19 horas, na sala de conferências, o prof. Adolfo Luis Ribera profere uma conferência subordinada ao tema «Ourivesaria hispano-americana».
- Na Galeria do Hotel Albatroz, em Cascais, patente uma exposição colectiva de pintura, escultura e tapeçaria dos artistas Aida Sousa Dias, Ana Johnson, Juan Diaz Duran, Francisco José Simões, Gisella Santi, Helena Justino, Walter Koch, Óscar Guimarães e Xavier. Todos os dias das 10 às 23 horas.
- No DITEC — Espaço Arte, na Av. da Igreja, 46-A, até final do mês, de segunda a sexta das 14.30 às 19.30 e aos sábados das 10.30 às 13 e das 15 às 19.30, «Desenhos na Obra de Thomaz de Mello/Tom — Mini-Retrospectiva 1940-1986».
- Na Zona dos Congressos Permanentes da Fundação Gulbenkian, a exposição fotográfica «Monumentos e Sítios do Património Mundial», no âmbito do 40.º aniversário da UNESCO.
- No Atrium da Imprensa (Casa da Imprensa — Rua da Horta Seca, 20), uma exposição de aquarelas de Paulo Ossião. Patente até 18 de Dezembro, de segunda a sexta, das 10 às 20 horas.
- No Clube 50, de terça a sexta das 17.30 às 20.30 horas, sábados das 15 às 20 horas, quartas-feiras também das 21.30 às 23.30 horas, uma exposição de Pintura e Desenho de Carlos Martins Pereira.
- Na Galeria Municipal da Amadora, até 23 do corrente, estão expostos trabalhos de pintura, desenho, escultura e tapeçaria da autoria de Fidalgo, Henrique Faria e Lucas dos Santos. No âmbito desta exposição realiza-se no próximo dia 14, pelas 21 horas, um colóquio sobre o tema «Bruxas e marginais na pintura europeia ao longo dos séculos». Horário da exposição: das 15 às 23 horas.
- Na Galeria Ana Isabel — R. da Emenda, 111-1.º, uma exposição de pintura de Vera de Castro, até dia 29 do corrente. Patente ao público de segunda a sábado das 14 às 19 horas.
- Na Galeria «Espace Alliance» — Rua Braamcamp, 13-1.º, até 29 de Novembro, a primeira exposição individual de Manuel de Sena. Das 10 às 13 e das 14 às 20 nos dias úteis.
- No Museu Municipal de Santiago do Cacém, até 30 de Dezembro uma exposição de pintura de Manuel Espírito Santo Guerreiro.
- Na Galeria Espace Alliance, R. Braamcamp, 13-1.º a primeira exposição individual (em Portugal) de Manuela de Sena.
- Na Galeria de Sant'Iago na Rua Luís de Queirós, 26, em Almada, uma exposição de obras de artistas portugueses e estrangeiros que pode ser visitada todos os dias das 11 às 20.

Música

- Decorre na Fundação Gulbenkian, desde ontem até ao dia 30, na Sala Polivalente do CAM, o ciclo «Performance-Arte» exclusivamente a cargo de «performers» portugueses, como são os casos de Rui Órfão, Gerardo Burmester, Silvestre Pestana, Fernando Aguiar e Manoel Barbosa. Em «Performance-Arte» os artistas utilizam vários «media» e expressões artísticas: música, artes plásticas, poesia, vídeo, diaporama e expressão corporal. Telectu compõe e apresenta ao vivo a música das «performances» de Rui Órfão, Fernando Aguiar e Manoel Barbosa.

História e Cultura de Moçambique em Coimbra

A História e a Cultura de Moçambique vão constituir o tema da Quinta Semana de Cultura Africana que o Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra realiza nesta cidade até 22 de Novembro.

O programa da semana inclui três exposições, de índole etnográfica, documental e bibliográfica, que se inaugurou segunda-feira, na sede do Instituto.

Aspectos da cultura material de Moçambique, a presença deste país na Imprensa portuguesa nos anos 1975-86 e as mais recentes publicações oriundas da nova república, serão evidenciados nessa exposição.

Filmes e diaporamas sobre Moçambique ilustrarão várias palestras a proferir no auditório da Reitoria da Universidade, Instituto de Antropologia, Fa-

culdade de Letras e Chiado.

Etno-psicologia, aspectos sociais da música e dos bailados chopos, acesso histórico e antropológico à cultura maconde e passado e presente da ilha de Moçambique são alguns dos temas das conferências.

António Rita-Ferreira falará sobre as causas do êxodo de Moçambique, depois do 25 de Abril, da população de origem europeia

e asiática.

Sobre a cooperação de Portugal com Moçambique e a economia deste país no contexto da integração regional e do sistema capitalista mundial proferem conferências os especialistas António Silva e Carlos Fortuna.

Uma brasileira, Elisalva Madruga, da Universidade de Paraíba, versará o tema «Percursos da Literatura Moçambicana»

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Alfa Club

T. 763319

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Shopping Center de Lisboa

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

CLUBE PRIVADO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

SEXO A CHINESA
(inf. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

UMA TREMENDA CONFUSÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cinebloco

— T. 556824

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h

JOVENS SEM RUMO
(maiores 16 anos)
24 h

Cinebolsa

AS VIÚVAS SEXUAIS
(porno)
(inf. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

O MACACO DE FERRO
(n/ac. a m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estádio Anabela

FX — EFEITOS IMORTAIS
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estádio Sheza

PERIGOSO! AMERICANOS NA EUROPA QUE PARÓDIA DE FÉRIAS — PARTE II
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GINGER E FRED
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
EXORCISTA
(inf. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

TOOTSIE
(maiores 12 anos)
Ciclo Dusty Hoffman
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

OPERAÇÃO ORION
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

LUA-DE-MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

REVOLUÇÃO
(maiores 13 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

CARMEN
(maiores 12 anos)
21.45 h

Gemini

— T. 734009

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(maiores 10 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas

— T. 631162

DUELO MORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.00 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A VINGANÇA DO LEOPARDO
(inf. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

BURLONAS DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(inf. a men. 18 anos)

Pathe

— 821933

NOITES DE PAIXÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 23.30 h
EU SEI QUE VOU TE AMAR
(m. 16 anos)
21.30 h

Sala 2

A CORTINA RASGADA
(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 19, 21.30 e 24.00 h
SCHMUTZ
(m. 16 anos)
16.30 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 21.30 e 23.30 h

DANCING IN THE DARK
(m. 16 anos)
19.00 h

Sala 4

O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
16.45, 19, 21.30 e 23.30 h
A LENDA DA FORTALEZA SURAME
(m. 16 anos)
14.30 h

Roma

T. 889192

MAD-MAX, AS MOTOS DA MORTE
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

CAÇA ÀS VIRGENS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

PAPLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro
— «Academia dos Doutores», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio
— «Oficial e Cavalheiro» às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

AMADORA — Babilónia
— «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores
— «A experiência de Filadélfia», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme
— «As Forças do Universo», às 21.30 h (m. 16 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António
— «A Minha Professora», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril
— «Terror na Auto-Estrada», às 17 e 21.15 h (maiores 18 anos)

ALGÉS — Cinema 2000
— «Dois Super-Polícias em Miami», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

MEIRAS — Alto da Barra
— Sala 1 — «Nova Iorque Foa de Horas» às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Desaparecido em Combate», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Ternos Laços», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Duelo Imortal», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Os Inimigos», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadaense — «Os Dez Mandamentos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Oficial e Cavalheiro», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (n/ac. m. 18 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Código do Silêncio», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Rebelde Misterioso», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «A Cor Púrpura», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «As Forças do Universo», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

Lisboa — PERMANENTE
— **ALTO DO PINA:** Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO:** Dileña, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE:** Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO:** Labor, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO:** Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE:** Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680911); **CHELAS:** Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA:** Universal, R. Acto Taborda, 5-7 (T. 544158); **LUMIAR:** Alameda, Al. das Linhas de Torres, 20-1-B (T. 790942); **MARQUES DE POMBAL:** Ribeiro & Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTIM MONIZ:** Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL:** Higien, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Catela Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHIA:** Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREIRO
— **APEADEIRO:** Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE:** Castro Fonseca, R. 4 de Infância, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE:** Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35 (T. 7140081); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS:** Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **IGREJA DE AROIOS - CHILE:** Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **PAMPULHA - JANELAS VERDES:** Nazário Pinto, R. Presidente Ariaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO:** Sá da Bandeira, R. Marques de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES:** Brinquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ:** Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI - RESTAURADORES:** Galénica, D. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BRANDOA - AMADORA:** Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, A. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **ALFARIM:** Lino (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL:** Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às

22 horas; **MONTIJO:** Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SE-TUBAL:** Mira, R. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Até às 22 horas.**

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Palla, 17-19 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmão Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OELRAS:** Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 22 horas; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE:** Artur Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vienda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ES-TORIL:** Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-DORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; DA-MAIA:** D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ:** Pereira Monte Abraão (T. 4375566). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM:** Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS:** Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 20-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA:** Misericórdia, Vila Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290888).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVEM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Porto
DE DIA E TODA A NOITE — LUSO-FRANCESA: R. Sá da Bandeira, 140; **SÃO JERÔNIMO:** R. de Santos Pousada, 622; **SAÚDE:** Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 689, a Costa Cabral; **CAMEIRA:** R. do Heroísmo, 90; **ALVES:** P. do Exército Libertador, 62.



TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mírita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30; sáb. e dom., às 16 h

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb., às 21.30; domingos às 17.00 h

«O TOURO», de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«NO REINO DA FANTASIA», pelo TIL.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

«AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT», de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Porto — Cooperativa do Povo Português

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

«TODA A NUDEZ SERA CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Sábados, às 18.00; domingos, às 11.00

«FECHA OS OLHOS E ENTRA NA HISTÓRIA», de Alexandra Solnado. Encenação de Agostinho Macedo. Interpretação de Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo e José Boavida, entre outros.

Teatro de O Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«MEMÓRIAS DE UM CORPO», de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carneiro. Interpretação de José Figueiredo.

Teatro D. Maria II — Sala Experimental

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

«JONAS», de E. G. Berreuby. Encenação e interpretação de Domingos Semedo.

Teatro Maizum — Casa dos Tabuenses

R. Pousas de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Vallada.

Setúbal — Teatro de Animação

R. Dr. Anibal Alvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De 5.ª a domingo, às 21.30

«ALVES & C.ª», de Eça de Queiroz. Dramatização e encenação de Fernando Gomes. Intérpretes: Asdrubal Teles, Carlos Rodrigues, Cristina Melo, Fernando Amedo, Filomeno Gonçalves, Gil António, Isabel Ganhão, João Manuel, Mana Simões, Nuno Mello, Pompeu José e Rui Paulo.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Teatro da Academia Almadaense

R. Capitão Leão, 64 — Tel. 275 21 75

5.ª e 6.ª-feira, às 18.30 e 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

Grupo de Campolide

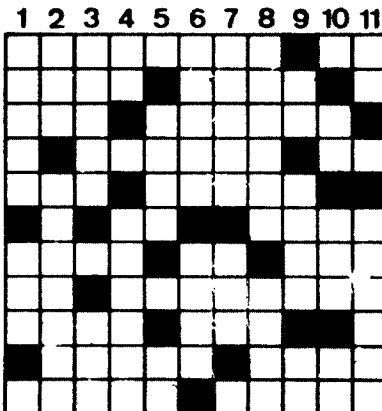
«GEORGE DANDIN», de Molière. Encenação de Joaquim Benite. Intérpretes: Adelaide João, Alfredo Sobreira, António Assunção, Carlos Gonçalves, Ema Paul, Luís Vicente, Teresa Esteves e Vítor Gonçalves.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 889

HORIZONTAIS:

- Filho do Titã Japeto e irmão de Atlas. Vossa senhoria.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Alegria.
- Negativa. Doce de péra.
- Obscuridade. Existe.
- Antepassado. Cidade de Itália.
- Aqui. Vagueia.
- Afasta. Letra grega. Preposição e artigo (pl).
- Crómio (s.q. e inv). Agrupadas.
- Espanco. Pequeno simio do Brasil.
- Janota. Cabo da costa de Portugal.
- Arquipélago da Oceânia, pertencente aos EUA. Mamíferos desdentados.



VERTICAIS:

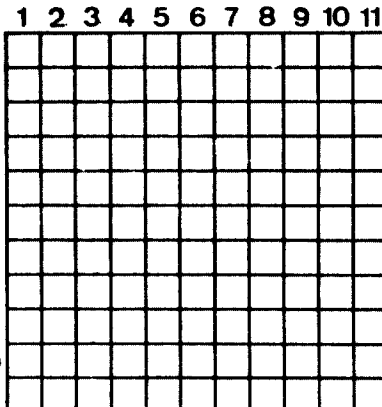
- Mamífero carnívoro do Himaláia. Artigo.
- Esteiro. Maçadora (fig).
- Planta também chamada ervilha-de-pombo. Preposição.
- Moderato. Dinheiro (pop).
- Mamífero carnívoro afim do leão. Seguir.
- Sinal ortográfico. Instrumento para fiar à roca.
- Terenos duros e lisos onde se malham e secam cereais. Ilha do Estado da Baía.
- Empregasse. Palmeira da Amazônia.
- Compaixão (inv). Cidade da Roménia. Porco (inv).
- Interjeição que exprime admiração. Rate. Cobre (s.q).
- Solitário. Esmoncas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 718

HORIZONTAIS:

- Chefe de tribo, em Moçambique. Remate.
- Vagueia. Reis.
- Aia. Cálculo aproximado.
- Transmitir por testamento. O mesmo que oca (mineral).
- Ancoraram.
- Antes de Cristo. Uma das partes do Mundo.
- O mesmo que dourado. Deginação genérica das plantas herbáceas.
- Equipas. Livras do perigo.
- Covil. Poeta e gramático grego autor de epigramas e poemas místicos.
- Moveras o colo.
- Equipamos.



VERTICAIS:

- Vila e sede de concelho (AVEIRO). Crómio (s.q).
- Equipe. Talho.
- Penhasco. Sacrifica.
- O mesmo que uma (ant. e pop). Surgir.
- Semelhamte ao cirro. Medida de líquidos da Alemanha, Holanda e Suíça.
- Ósmio (s.q). Apelido. Batráquio.
- Escoraram.
- Abreviatura que designa o sistema de unidades que tem por base: o metro, a tonelada-massa e o segundo. Desenrugo.
- Passava o dia em jejum (gir. Bras).
- Motejo. Espaço de doze meses.
- Pertences. Mituro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 888

HORIZONTAIS:

- AMOR. Cm. COM.
- Marema. Cria.
- Orara. Iró.
- Rir. Rebecca.
- Al. Ciosos.
- Odes.
- EC. Ia. Camba.
- Aggruparias.
- Mac. Ar. Ras.
- Apri. Gamela.
- Oau. Asam.

VERTICAIS:

- AMOR. SE.
- Maria. Campo.
- Orário. Gara.
- Rer. Dirceu.
- Merceau.
- Ca. Eis. PAGA.
- Ibo. Caras.
- Crestar. Má.
- Croco. Mirem.
- Oi. As. Baal.
- Mas. Passas.

PROVERBIO: Amor com amor se paga.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 717

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|-------------------|-------------------|
| 1 Jarcandá. Em. | 1 Jamaica. Ela. |
| 2 Aviara. Vila. | 2 Avó. ED. Dar. |
| 3 Moscas. Icar. | 3 Riscado. Ega. |
| 4 Cab. As. Se. | 4 Caçariam. |
| 5 Arestas. | 5 Árabe. Ramal. |
| 6 Cedi. Má. Aar. | 6 Arabe. SM. Ce. |
| 7 Adoar. Iça. | 7 Atalhara. |
| 8 Machado. | 8 Avisa. Ador. |
| 9 Ede. Meadas. | 9 CI. Saída. |
| 10 Lagoa. Ro. Sr. | 10 Elias. Acossa. |
| 11 Ara. Liarias. | 11 Mareara. Rs. |

Antena Um

16.00: Rocklândia; 18.00: Regressos; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.40: Um grande intérprete; 17.00: Integra; 17.33: Suite Pastoral, de Chabrier; 18.00: Quarteto, em sol menor, K. 478, de Mozart; 18.40: «Uma Cantata de Natal», de Vaughan Williams; 19.42: Solos de piano; 20.40: Rapsódia, em mi bemol, para saxofone e orquestra, de Debussy; 20.52: «Variações, sobre uma Gallarda de John Dowland», de Scheidt; 21.00: Música instrumental; 21.30: Missa, em dó menor, de Mozart; 23.45: Intérpretes portugueses; 00.00: Música orquestral; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; 14.00: Peça-nos em directo; 15.00: Bola tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RTP

18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

«O Pequeno Inventor», «O Patinho Cuac Cuac» e «Feira de Bonecos — Dia de Feira».

18.50 — Par ou Ímpar

19.15 — Debate sobre o Orçamento do Estado e Grandes Opções do Plano

20.00 — Telejornal

20.25 — Boletim Meteorológico

20.30 — Direito de Antena.

«Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra»
«Associação Portuguesa de Contabilistas»
«Associação Portuguesa de Compras e Aprovisionamento»

20.35 — Viver a Vida

4.º episódio: Eduarda chega à sala principal que dá acesso à sala do pai, onde se encontra Isolda, Henrique e Marcelo. Cumprimentos informais. Eduarda, que é uma mulher lindíssima, toma café. No lugar onde se encontra Marcelo parece que há uma quarta parede, pois Eduarda simplesmente não o vê. Ele percebe isso perfeitamente, mas não consegue deixar de reconhecer que Eduarda é uma bela mulher, mimada pelo pai sendo por isso «snob» e orgulhosa. Marcelo continua a tentar junto de Henrique aproximar-se de Saboya só que Henrique nada mais faz de que lhe lembrar que a segunda-feira é um dia de juízo... Não vê o sufoco em que estou?... Passadas algumas horas Henrique consegue falar de Marcelo a Saboya. Este assina os documentos e enquanto isso Henrique pergunta-lhe «ele é mesmo primo do senhor?» «A mãe dele é minha prima» diz. Simultaneamente tira os sapatos, desabotoa o colarinho, afrouxa o nó da gravata, joga-se no sofá, confortavelmente. «Aí lembra-se de Marcelo? Henrique manda entrar Marcelo para eu lhe falar um pouco.» Mas Henrique, solícito, diz-lhe que sossegue... «Eu mostro-lhe a empresa, levo-o para almoçar, faço as honras da casa Saboya mostra-se encantado com a solução. «Ótimo Henrique, arranje-lhe uma coisa qualquer para ele fazer, trate do salário, deixo isso nas suas mãos. Diga-lhe para ir um dia jantar lá a casa conhecer a família.» Henrique vai ao encontro de Marcelo dizendo-lhe que ele já se pode sentir funcionário da empresa. Marly procura Marcelo no hotel barato, onde ele se hospedara só que não o encontra. Marcelo a essa hora almoçava com Henrique numa mesa do elegante refeitório da empresa enquanto lhe vai dizendo algumas «novidades»: «Rudy não faz nada, Eduarda não é filha do patrão, foi adoptada desde pequena. Os pais tiveram um desastre, e só a filha escapou, que sorte». Mais tarde Marcelo entra na firma, não perde tempo em telefonar à mãe dando-lhe a boa novidade. Ela fica radiante não cessa de fazer perguntas, Henrique no fim do dia de trabalho convida-o a ir dar um passeio: quando o carro pára Marcelo reconhece o local onde está e apavora-se. «Não demoro desce comigo» diz Henrique. Não, eu espero mesmo aqui, diz Marcelo que não quer ser reconhecido por Marly, só que Denise descobre-o. «O que é que há minha gente? É o Marcelo. Começou a trabalhar ontem na empresa. Cuidado que ele é um Saboya, primo do «homem». Marly e Denise olham-se perplexas.

21.20 — Europa



Às 22.25, no 1.º canal, o último episódio da obra de Claude Lelouch «Uns e os Outros»

21.50 — Telemundo

«Agricultura»

22.25 — Uns e os outros

Último episódio: Depois da tabulosa gala do «Boler» no Trocadero vamos encontrar os camiões da Cruz Vermelha e da Unicef chegando à Tailândia. A receita da gala transformara-se em sacos de arroz. Num campo de refugiados próximo da fronteira com o Camboja, procede-se à distribuição dos sacos. Milhares de homens, mulheres e crianças percorreram a pé centenas de quilómetros para obterem estes preciosos grãos de vida. Edith, encarregada de fazer uma reportagem para a televisão, está também presente, ao lado de Charles, o realizador. Charles, é protótipo do francês de classe média, obcecado por bites e que dormina, de boa vontade, com Edith. Mas enquanto Charles e Edith discutem as portas do seu confortável hotel, à sua volta o espectáculo é de miséria...

Realização: Claud Lelouch.

23.25 — 24 Horas

23.55 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias

16.25 — Europa TV

O Tempo

16.30 — Tempo dos Mais Pequenos

«Ploom», «Plastinots» e «A Família Partridge»

17.00 — Countdown

17.45 — O que vai pelo Mundo

18.10 — Almanaque

Um programa sobre Goethe

18.15 — O Tempo

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Eurodesportos

19.30 — Spectrum

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

29.º episódio

20.30 — Uma Família às Direitas

4.º episódio

21.00 — Jornal das Nove

21.35 — A Quinta do Dois

Programa de humor, de música e de entrevistas, a partir do diálogo radiotónico captado na cabina (Maria Helena d'Eça Leal e Cândido Mota), de convidados que serão entrevistados pelo autor e apresentador do programa (Carlos Cruz).

23.30 É de Ler

Amanhã



18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Par ou Ímpar
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.10 — Viver a Vida
20.40 — Este é o Meu País
20.55 — Duarte & C.ª
21.50 — Hitchcock apresenta
22.15 — 14 Horas
22.45 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!
16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — 5.ª Dimensão
20.30 — Uma Família às Direitas
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Contraponto
22.30 — O Bravo Soldado Schweick
23.30 — Uma Boa Ideia
23.40 — É de Ler

AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Uns e Outros
Último episódio

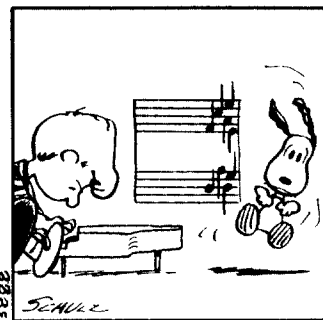
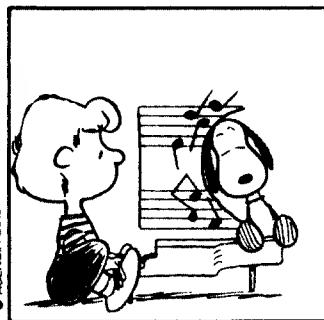
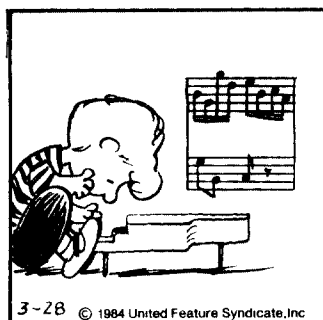
RTP 2

A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Viver a Vida»



Vieira da Silva obteve prémio Florence Gould

A pintora portuguesa Vieira da Silva, recebeu ontem na Academia de Belas Artes de Paris, o primeiro grande prémio Florence Gould, no valor de 50 mil dólares, cerca de 7500 contos. O facto levou Mário Soares e Maria Barroso a enviarem à artista um telegrama de felicitações, considerando a atribuição como «mais um testemunho do reconhecimento e admiração mundiais por uma obra que tanto honra Portugal».

Por sua vez, a pintora declarou em Paris que está encantada «mas o que preciso é de tempo, não é de dinheiro». E justificou: «O tempo não é elástico e ainda há outras coisas que quero fazer».

A pintora, com o cabelo apanhado atrás e vestida de negro desde a morte do marido, o artista húngaro Arpad Szenes, disse ainda que os prémios lhe impõem mais pressões e aumentam as suas obrigações para com o mundo.

O prémio foi atribuído para «fortalecer as relações culturais franco-americanas» e celebra a memória de Florence Gould, uma respeitada mecenas das artes que morreu em 1983, com 87 anos. O galardão é escolhido anualmente por um júri de dez membros nomeado pela Academia de Belas Artes de França.

Vieira da Silva, de 78 anos, expõe, até dia 30, na Galeria Jeanne Bucher, em Paris, 20 das suas telas mais recentes.

Preso por corrupção esteve ligado à "Operação Kubango"

Ângelo d'Aça Castelo Branco, um dos três elementos da Brigada da Inspeção Económica detidos pela Polícia Judiciária por «fortes indícios de corrupção», esteve ligado em 1982 à «Operação Kubango» (tentativa de golpe em Moçambique com o apoio de sul-africanos), na qualidade de colaborador de Ângelo Correia, à data ministro da Administração Interna.

Nesta perspectiva, Ângelo d'Aça, ex-turriel miliciano que, em 1980, esteve detido por suspeita de envolvimento na morte de um outro agente da Inspeção Económica, terá tido vários contactos, na zona da Costa de Caparica, com elementos dos Serviços Secretos do regime de Pretória.

Recorde-se que Ângelo d'Aça, o chefe de brigada Fernando Passos e o agente Leonildo de Almeida são acusados de terem extorquido centenas de contos a várias empresas, em troca do silêncio de alegadas irregularidades, sobretudo nas zonas de Sacavém, Prior Velho, Vila Franca de Xira e Alenquer.

PS debate o seu futuro no concelho de Loures

O Partido Socialista vai debater no próximo sábado quais as suas tarefas no concelho de Loures. A análise decorrerá em três painéis que têm por tema a acção do PS no passado, presente e futuro, e nas conclusões, especial destaque será dado para a organização do partido.

Entre os convidados, contam-se os responsáveis do Secretariado Nacional do PS dos pelouros de Organização e Autarquias, deputados do concelho à Assembleia da República, membros da Comissão Nacional residentes em Loures, secretário coordenador da FAUL e responsável pelo sector das autarquias, presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, e primeiros vereadores do PS das Câmaras que fazem fronteira com o concelho de Loures.

No encontro estarão ainda como convidados, vereadores e membros da Assembleia Municipal.

D/E/C/A/R/A/S/



LENITA GENTIL é a atracção, amanhã à noite, de um «disco club» de Albufeira agora em lançamento e que se pretende como um novo espaço aberto à divulgação da música portuguesa. A direcção deste estabelecimento foi entregue a Fernando Correia, conhecido locutor dos quadros da Rádio Comercial. E é pela sua iniciativa que já estão asseguradas as presenças de Maria Armada, nos dias 28 e 29, e de Carlos do Carmo a 6 de Dezembro. A 14 e 15 deste mês tinha sido a vez de Carlos Alberto Moniz.

EUGÉNIO SALVADOR regressa amanhã ao elenco da peça «Isto é Maria Vitória», depois de um afastamento de cerca de um mês devido a doença cardíaca (tinha adoecido no dia 11 de Outubro). O popular actor estreou-se profissionalmente no teatro em Novembro de 1927, com a revista «Grão de bico». A sua primeira ocupação foi o futebol, tendo integrado a equipa principal do Benfica, clube de que é sócio benemérito. Participou em mais de 20 filmes e considera que a peça de maior sucesso em que participou foi «Mulheres de sonho», que se estreou em 1960.



MARIO VARGAS LLOSA é um dos dos mais fortes candidatos deste ano ao prémio literário «Miguel de Cervantes», considerado o Nobel das letras hispânicas. O seu mais forte rival, segundo os especialistas, é Augusto Roa Bastos, do Paraguai. O nome do autor galardoado será oficialmente anunciado em 18 de Dezembro. O prémio foi instituído em 1976 e tem actualmente uma dotação de dez milhões de pesetas, qualquer coisa como dez mil contos. Destina-se a premiar o conjunto da obra de um autor indicado pelos vencedores de anteriores edições e diversas Academias de Espanha, América Latina, Estados Unidos e Filipinas.

VLADIMIR NABOKOV, o autor da conhecida obra «Lolita», volta a ser editado na União Soviética, agora com uma antologia das suas obras, segundo informou a agência TASS. A agência não deu informações mais concretas sobre as obras incluídas na recolha, nem sequer se nela estará incluída «Lolita», um romance que relata a obsessão de um homem de meia idade por uma adolescente. Em citação da



TASS, o crítico soviético Oleg Mikhailov afirma que «Nabokov é o único escritor russo importante cuja obra foi elaborada fora do país».

MANUEL FERREIRA foi agora publicado na União Soviética em língua ucraniana, numa edição de 30 mil exemplares do seu romance «Hora di bai», que já tinha uma versão em russo, datada de 1979. Manuel Ferreira foi apresentado ao público soviético em 1977 com o conto «A tristeza do senhor Lima», incluído na antologia «Novela portuguesa contemporânea». Depois, viu publicado naquele país vários outros contos e o seu romance «Voz de prisão».

HUMBERTO COELHO continuará à frente dos destinos do Sporting de Braga, segundo a decisão tomada em reunião efectuada entre o treinador e a direcção do clube minhoto. Fica assim sem efeito a chicotada psicológica que parecia indispensável em consequência da má carreira do clube, este ano, no campeonato nacional. A contestação a Humberto Coelho passaria não pela sua actuação em campo mas mais pelo seu feitio «ego-centrista».

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	6°
VIANA DO CASTELO ..	12°
VILA REAL	8°
PORTO	12°
COIMBRA	11°
CABO CARVOEIRO ...	15°
CASTELO BRANCO ...	—
PORTALEGRE	9°
LISBOA	12°
ÉVORA	11°
BEJA	7°
FARO	9°
SAGRES	10°
PONTA DELGADA	18°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.58 3,80 m	10.34 1,40 m
17.22 3,50 m	22.41 1,50 m
Dia 21	
05.34 3,60 m	11.13 1,60 m
18.02 3,30 m	23.21 1,70 m

Do novo Hospital de Coimbra Corpo clínico reage a despacho de Beleza

O corpo clínico do novo Hospital Central de Coimbra reagiu «muito desfavoravelmente» a um despacho da ministra da Saúde que obriga os médicos a afixar o horário de trabalho à porta dos respectivos gabinetes.

Uma fonte hospitalar adiantou que os directores e chefes de serviço do novo hospital decidiram não acatar a norma e protestaram junto da ministra da Saúde. O director clínico do hospital e membro da Comissão Instaladora, Lopes Cavalheiro, afirmou que «houve forte reacção dos médicos ao despacho, mas ninguém se demitiu».

Lopes Cavalheiro referiu que aquele despacho surgiu na sequência de uma inspecção do Ministério aos serviços e criou «uma situação desagradável».

«A situação criada não é satisfatória e espero que se resolva dentro em breve, através do diálogo», sublinhou aquele médico, o qual referiu ainda que «a insatisfação dos médicos «já foi comunicada à ministra e aos outros hospitais de Coimbra».

Artistas estão com pouco trabalho para o Natal

O Sindicato dos Artistas de Teatro e Espectáculos recebeu apenas, até hoje, dois pedidos de actuação em festas de Natal para crianças. Um representante do Siarte referiu que só têm surgido contactos para contratação dos tradicionais palhaços.

A mesma fonte acrescentou que, à semelhança de outros anos, «este período está muito mau e os pedidos têm vindo a baixar». Uma das causas apontadas pelo representante sindical «é a acentuada crise económica e a incapacidade de as pessoas dispenderem dinheiro em diversões».

Surto de ficções

JÁ SAÍDOS

NO PRELO

- David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz
- Pierre Kyria, A Morte Branca
- Baptista-Bastos, Viagens de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura
- Mário Dionísio, Monólogo a duas Vozes

DE súbito, um surto de ficções: aos 59 anos, David Mourão-Ferreira resolve publicar o seu primeiro romance, centrado numa série de personagens femininos. A mulher, as mulheres ocupam o centro do seu universo. Como o próprio autor já explicou, trata-se de «um romance que ele gostaria de ler». Depois de «Jangada de Pedra», de José Saramago, este «Amor Feliz» é um dos principais candidatos ao prémio da APE relativo a este ano.

Ao mesmo tempo, Mário Dionísio regressa aos contos, com um «Monólogo a duas vozes» que recorda «O Dia Cinzento e Outros Contos» de 1944, mas onde se sente igualmente a presença de «Não há Morte nem Princípio», romance que publicou em 1969.

Também Baptista-Bastos lança a segunda edição do seu romance «Viagem de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura», sobre o qual Óscar Lopes, em posfácio, diz que é «o melhor poema-narrativa desde 1950, pelo menos, em Portugal».

Last but not least, de Pierre Kyria publica em tradução portuguesa o seu romance «A Morte Branca» escrita em Portugal e sobre vidas portuguesas. O autor, crítico literário no *Le Monde* e no *Magazine Littéraire*, vai no seu terceiro romance, que foi particularmente bem recebido pelos seus pares franceses.



David Mourão-Ferreira

Chancelas destes lançamentos: Mourão-Ferreira sai na *Presença*, Mário Dionísio na *Dom Quixote*, Baptista-Bastos em *O Jornal* e Pierre Kyria na *Salamandra*, tendo lançado ontem mesmo o seu livro no Instituto Franco-Português. Entretanto, o último romance de Urbano Tavares Rodrigues é esperado para os próximos dias, editado pela Europa-América, e Mário Neves publica na *Inquérito* uma memória da sua experiência como primeiro embaixador português em Mos-



Pierre Kyria

covo (texto que, naturalmente, não faz parte do «surto de ficções» aqui noticiado).

Só duas palavras acerca de «A Morte Branca» de Pierre Kyria:

Porque «precisava de respirar o Atlântico» («o Mediterrâneo gastou-me, fatigou-me os olhos, ressequiu-me os pulmões»), Pierre Kyria, 48 anos, francês, bacharel de Arte pela Universidade de Nova Iorque, decidiu fazer uma escala em Lisboa, até par-



Baptista-Bastos

tir para a América. Percebeu depois que era «tarde de mais», que «não poderia ir muito longe», porque foi em Lisboa que a «Nobre Dama, que me seguiu, me fez estar à espera». Foi a génese de «A Morte Branca», eco de de muitas experiências, incluindo noites do Texas Bar (do Cais do Sodré, pois claro) e longas conversas na «York House», espécie de entreposto da cidade, onde gente de terras e espaços saboreia, em discreto conforto, os mistérios de uma Lisboa que muitos dos seus



Mário Dionísio

naturais desconhecem. O autor de «Mademoiselle Sarah», prémio dos «Quatre Juries», 1975, descobriu na nossa cidade (e contou-o) que «todo o homem, mais cedo ou mais tarde, imagina a própria morte» e descobriu que a sua própria morte «será branca...». Magníficas, também, as descrições da paisagem ribeirinha e do Tejo, «...o rio está ali, é lá que vive, calmo e amplo, como flanco de um animal estirado...».

Págs. 3, 4 e 5

Mário de Carvalho avança com «A Paixão do Conde de Fróis»

MÁRIO de Carvalho, o autor desse espantoso livro «Era Uma Vez Um Alferes», prepara-se para, dentro de dias, abanar de novo o panorama literário cá do burgo com outro título que vai causar furor. Chama-se «A Paixão do Conde de Fróis», é editado pela Rolim e o lançamento, embora ainda sem data marcada, está a rebentar.

Mas, perguntará o leitor, que conde é esse? E que história é essa a da sua paixão?

Mário de Carvalho, a quem pusemos essas interrogações, sorriu placidamente, e naquele seu jeito meio envergonhado e tão característico de quem fala como quem sussurra, explicou:

«Bom, trata-se de um jovem conde muito rico e muito valdevinos, que se meteu numa zaragata em Lisboa, à noite, como convinha, aí por volta de 1761/2...»

«Mas é uma história com base real ou é tudo inventado? Isto é: esse conde existiu?»

«Ora bem, a história tem uma base real, pois tudo se passa na altura da famosa Guerra dos Sete Anos. Melhor ainda: certamente lembra-se da versão portuguesa da Guerra dos Sete Anos, com a invasão de Portugal pela Espanha e pela França, uma guerra tão tonta que os espanhóis acabaram por se ir embora,

talvez por cansaço, não se sabe. Ganhamos essa guerra por falta de comparação do adversário...»

«E que é que o conde de Fróis tem a ver com isso?»

«Já lá vou. O conde meteu-se na tal zaragata, talvez um negócio de saias, e o marquês de Pombal, como castigo, manda o Fróis para a Índia.»

«E ele foi?»

«Não. Já nessa altura havia as cunhas e como tal o nosso amigo conde de Fróis foi parar a S. Gens, uma pequena praça de armas perto de Miranda do Douro, naturalmente inventada por mim...»

«Por falar nisso e antes que esqueça: o conde de Fróis existiu mesmo ou o nome é também inventado?»

«A personagem tem uma base real, mas o nome é inventado, claro. Aliás tive o cuidado de ir ver se não havia nenhum conde com esse nome para não ferir susceptibilidades nobiliárquicas. É que depois, se tivesse existido algum conde de Fróis, lá vinham os seus descendentes a público dizer que a história não era assim, mas assado...»

«Voltando ao conde e a S. Gens. Que aconteceu depois?»

«Depois aconteceu que o governador da pequena praça morreu e o nosso conde, sem querer, ficou governador interino — exactamente na altura em que a tal Guerra dos Sete Anos arrancava...»



Mário de Carvalho

E de tal modo o nosso homem leva o castigo a sério que resolveu, contratado e contra todos, inclusive contra a vontade de Lisboa, defender a praça até ao fim.»

«E depois?»

«Meu caro, o resto não conto. O melhor é comprar o livro quando ele aparecer por aí à venda...»

«OK, OK. Mas já agora mais uma questão, uma vez que estamos a falar em guerras. Ouvi dizer que a versão, para televisão, do «Era Uma Vez Um Alferes», já está pronta. Certo? Para quando a sua passagem no pequeno ecrã?»

«Bom, as filmagens estão prontas. É um trabalho que se integra numa série de quatro fitas do Luís Filipe Costa sobre os anos que já passaram — três sobre o fascismo e uma sobre o depois de Abril. Agora quanto ao «Era Uma Vez Um Alferes» não sei quando vai passar na TV ou até se vai passar...»

«Ora essa — isso quer dizer que há problemas?»

«Houve problemas, sim senhor, mas não quero falar disso.»

«Pronto, não se fala (por agora...). Mas gostava de lhe perguntar uma coisa que me intriga: essa história do alferes, que está contada de uma forma exemplar, resulta da sua experiência da guerra ou foi-lhe contada

por alguém que esteve em África?»

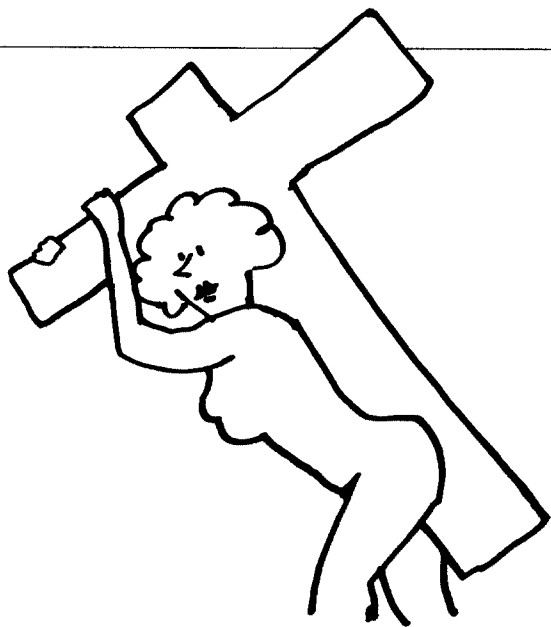
«É um misto. Não estive na guerra em África mas estive em Mafra... Ora bom, a história baseia-se numa inesquecível aula de minas e armadilhas que tive no convento... Soube depois que casos parecidos com o do tal alferes aconteceram na realidade durante a guerra, como foi a história de um comando negro no Norte de Angola.»

«Morreu do mesmo modo que o alferes?»

«Não, esse safaram-no. Mas o importante é que histórias dessas, com uma ou outra variante, aconteceram mesmo.»

A conversa, rápida e informal, chegara ao fim. No ar apenas a curiosidade enorme pela leitura da «Paixão do Conde de Fróis», a mais recente obra saída da imaginação proverbial de Mário de Carvalho, um jovem advogado na casa dos quarenta, que, depois de uma incursão pela política profissional, rapidamente a deixou para dar largas ao muito que tem dentro de si para contar aos outros. E para quem ainda não conhece, é urgente ler, entre outros livros de Mário de Carvalho, «A Guerra Inaudita da Avenida Gago Coutinho» e «O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana».

Ribeiro Cardoso



«A Crucificada», José Gil, Relógio d'Água

UMA estória construída de um modo fragmentado é esta «A Crucificada» de José Gil. É tão exageradamente partida que quase torna impossível a comunicação. Portanto, o meu desagrado quanto à forma com que se apresenta. E que continuo a pensar na ineficaz intervenção de um texto desta espécie. O qual parece ser dirigido a uns escassos intelectuaizinhos cujo deleite será o hermetismo de um discursar onde a procura de clareza terá de ser efectuada por eles. Donde se conclui que esta escrita é elitizante e de um esoterismo insultuoso para o leitor comum. Aquele que atinal necessita de ler. Deixar de considerar a literatura como algo a que certas esquisitas minorias se dedicam — eis o que se impõe.

Porventura, julgar-se-á que fui insensível à estrutura deste livro... Desiludam-se porque me agradou bastante o ritmo poético que o atravessa. Aquilo que nele se diz. Retiro: a vida esquizofrénica de uma mulher obcecada por múltiplos aspectos psíquicos. E nos quais se salientam as suas fobias sexuais. A receosa compreensão dos outros e o autoconhecimento da sua própria contraditória sensibilidade. Temas que li com o prazer de alguém (o autor) ser capaz de tão fundamente mergulhar nas atecções do ser humano. Passo a citar: «la levá-la com toda a certeza à

retrete dos homens e não à das senhoras era tão despassarado tão puro ele mas que ia ser da minha Isabelle lá nos homens aquela gente ali da estação tão indiferente tão capaz de tudo». Ou: «Gosto de ficar assim metida na toca, no seio de uma cidade e criar à minha volta o maior silêncio. Mil coisas acontecem então. Talvez esteja a nevar. Está, sem dúvida. Está neste momento a nevar num livro (...)».

De modo algum é inquietante o que a personagem deste livro conta à sua amiga. Contudo, no fim do seu discurso, fica-se com a noção de se estar repleto de coisa nenhuma. Dessas manifestações tão habituais no existir de alguns de nós — eu sou um desses!

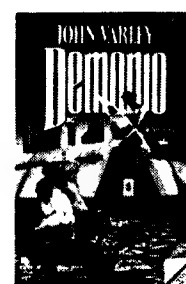
Não sou psicóloga, mas este livro seria um excelente objecto de análise para os especialistas do assunto. E digo isto não pelo facto de a narradora ser uma mulher, mas por certas e insólitas fixações (a dos «rabos») que nela se vertem. Passo a citar: «Olha para mim com um olho terrível esse cu fixa-me com dureza sem me dar qualquer possibilidade de fuga (...) mas isto é uma doença este cu.»

Entim!... Um livro a ser lido, especialmente pelos entendidos nas literárias lides, é este de José Gil. E, quanto aos outros leitores, melhor será que apliquem o seu dinheiro num outro qualquer.

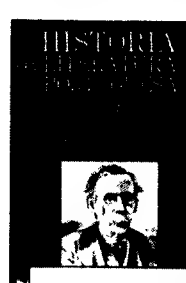
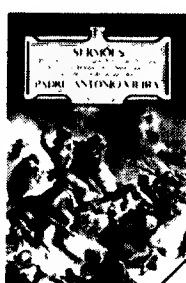
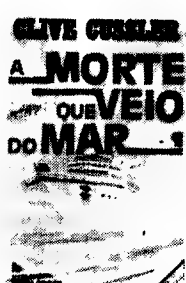
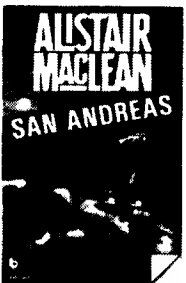
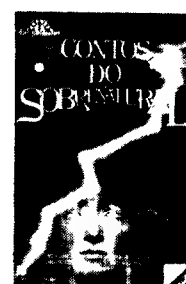
Ana Paula Portugal

O LIVRO DE BOLSO PARA A SUA BOLSA

ESTE MÊS
NO SEU LIVREIRO



- MARE ALTA ESTELAR — I e II — David Brin — «Ficção Científica»
- DEMÔNIO — I e II — John Varley — «Ficção Científica»
- UM TÚNEL NO CÉU — Robert A. Heinlein — «Ficção Científica»
- CÉU ABERTO — A. B. Guthrie, Jr. — «Western»
- O FERRÃO DA MORTE — Ruth Rendell — «Clube do Crime»
- QUE CAMINHO PARA A MORTE? — Ellery Queen — «Clube do Crime»
- A MENTE PERVERSA DE MR. J. G. REEDER — Edgar Wallace — «Clube do Crime»
- CONTOS DO SOBRENATURAL — Diversos — «Pêndulo»
- SAN ANDREAS — Alistair MacLean — «Guerra & Espionagem»
- UM LUGAR BELO E PACATO — John Simpson — «Guerra & Espionagem»
- A MORTE QUE VEIO DO MAR — Clive Cussler — «Guerra & Espionagem»
- SERMÕES — Padre António Vieira — «Grandes Obras»
- HORIZONTE PERDIDO — James Hilton — «Grandes Obras»
- HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA — VI — Teófilo Braga — «Grandes Obras»



Oito séries diferentes — sempre obras de qualidade

EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

Sempre

«Depois do olhar», José Manuel Mendes, Livros Horizonte

O bviamente que há rostos no escuro. Basta que apaguemos as luzes da nossa caa: através da pulsação do sangue nas artérias temos o entendimento claro dos olhos, do nariz, dos lábios... Essa, porém, é uma sensação física. Não é, de maneira nenhuma, a idealização de um rosto.

Dir-se-ia que, na escuridão, somos uma escultura que se pode tocar. E a própria mão com que nos tocamos escultura ainda é. Até um simples cabelo.

Sendo assim as coisas, sendo assim o contacto, como é que surge a idealização do rosto, subtraído de toda e qualquer materialidade?...

Através, por exemplo, da poesia.

Atentemos neste poema de José Manuel Mendes, inserto em «Depois do olhar», livro editado por Livros Horizonte:

«A chuva viaja no olhar/um momento imóvel sobre o rio/dos ombros desertaram as aves/a tarde dói: ácida e fria/outro tempo marulha/na espiga morna das palavras: uma testa/dentro da cidade: outro tempo/de téteis percursos fecundado//agora a noite traz a harmonia/do teu rosto/deixa-o assim: a florescer nas/águas do poema como trigo».

Aqueles dois versos («Agora a noite traz a harmonia/do teu rosto») são a prova do juízo acima emitido. Este rosto que nos dá JMM desenha-se no campo do espírito, prescinde de qualquer matéria — e, sendo poesia, é também música.

Dirá o leitor que há palavras muito concretas, com peso, materiais, no poema transcrito. Sem dúvida que há. Diríamos que constituem o contraste relativamente ao rosto enunciado. Mas estamos em crer que é nos versos «Agora a noite traz a harmonia/do teu rosto» que a poesia se imiscui na atenção mais tunda do leitor. Por outras palavras: o leitor pode tocar o seu rosto com as mãos, mas há um rosto incapaz de ser tocado, quase um conceito — e é precisamente esse rosto, recortado na noite, que ilumina o texto poético. E ele que salva todas as outras palavras do poema: é a sua luz, a sua magnífica imaterialidade. Numa palavra: a sua suprema clareza.

Pedro Alvim

«Viagem de um Pai e de um Filho pelas ruas da amargura», Baptista Bastos, ed. «O Jornal».

«Pela sua densidade e multiplicidade de níveis significativos, esta «Viagem» deve ser o romance português moderno (apenas moderno?) que mais se aproxima de uma poesia.»

A afirmação é do prof. Óscar Lopes, que num magnífico posfácio, de cerca de 30 páginas, a esta segunda edição de «Viagem de um Pai e de um Filho pelas ruas da amargura», prova, de um modo definitivo, a importância da escrita deste jornalista-escritor chamado Baptista-Bastos, B.B. para os amigos, senhor de uma prosa que é espanto.

Nos 18 breves capítulos deste pequeno-grande livro «fervorosamente escrito», Baptista-Bastos conta-nos uma história com muito de real e muito de imaginado que, passe o lugar já comum, se lê de um fôlego. Pelo menos, assim me aconteceu — quando apareceu a primeira edição, e, de novo, agora que a segunda aí está. E certamente outras edições aparecerão, pois este livro de B.B., estou absolutamente seguro, vai constituir um grande êxito neste fim de ano literário, em que todas as editoras apostam.

Recorrendo de novo a Óscar Lopes e ao seu posfácio que intitulou, com algum humor e muito rigor, «O Nome do Pai ou uma Viagem às ruas centrais de Baptista-Bastos»:

«Vindo do lado esquerdo da noite, um velho dialoga na taberna com o filho, que já é quarentão e se sente um falhado, e a conversa parece por vezes continuar em passeio, entre a colina da Ajuda e a zona portuária do Tejo, numa cidade onde as três figuras centrais (é o Pai, é o Filho, e vai depois avultar também a Mãe como *dramatis figura* patética): eis o epicentro de um grande sonho, entre solo, duo e trio.»

É uma viagem emocionante, essa que B.B. nos conta com maestria, muita ternura, muito humor, muito sarcasmo também, recorrendo ora à sua imaginação fantástica, ora à memória que, afirma, «é como um sonho virado ao contrário». E o resultado é esse que o prof. Óscar Lopes, figura maior do nosso mundo literário, aponta sem receio: «(...) O livro dos livros novelístico da sua (de B.B. obviamente) geração, se não de toda a literatura portuguesa de aquém 1950».

R.C.

Algures na noite

(excerto do conto)

CUMPRIRA decerto as instruções. Comparecera decerto pontualmente. A vida inteira fora assim.

Viu-o contornar o lado leste do pinhal, penetrar nele naturalmente. E, de súbito, um tiro. Outro tiro.

Escrevia apressadamente, sem reler, sem emendar. Ou pensava mais do que escrevia, querendo embora apontar tudo, separar o certo do incerto ou só provável, formular perguntas bem precisas. Depois organizá-las. Traçar um plano muito claro. Para evitar que se iludisse mais tempo o verdadeiro e único problema: quem matou o Jacinto?

E aí parou. Só a chuva batendo na vidraça. Teria ouvido alguma coisa? Imaginara ouvir? Viu as horas: Três e vinte. Era apenas a chuva.

Mas estava ali alguém. Sentia-lhe a presença do outro lado da porta. Pousou a caneta. Afastou a cadeira sem ruído. Levantou-se cuidadosamente, avaliando num relance a situação. O dono da estalagem desconfiara dele. A história da botija tinha sido um estratagemma. Para ver o que fazia. Para confirmar que lá estava. O homem telefonara à Polícia, ela chegara, estava pronto.

Impossível saltar pela janela ou desfazer-se de tanta papelada. Não podia engoli-la nem queimá-la. Aliás, se saltasse pela janela, encontraria gente à sua espera. Nunca a Polícia entraria ali no quarto sem ter primeiro cercado a casa toda. Era inútil tentar.

Militante de segunda, pois, ou mesmo de terceira: para um bom militante, nunca nada é inútil.

Mas a Polícia a proceder assim? Sobretudo àquela hora e naquele fim do Mundo? Meteu os papéis na pasta a trouxe-mouxe, empurrou-a para baixo da cama, dirigiu-se à porta, ainda sem abrir.

— Quem é?

Do outro lado, nada. O mínimo ruído. Já na camioneta procedera sem pensar ou pensando de mais. Só porque os olhos de um passageiro se cruzavam com os seus. Estava a ficar doente.

Ou não. Leves toques na porta. Agora não podia duvidar Batia mesmo.

Deu então a volta à chave, tão lentamente quanto pôde. Abriu. E viu na sua frente, emergindo do escuro do corredor, uma rapariga que sorria. Do seu espanto.

— Não se assuste...

Pouco mais baixa do que ele. Muito loura. Embrulhada até ao queixo num casaco de peles, continuava a sorrir, visivelmente divertida com o embaraço que causava. Divertida, entrou por ali dentro.

— Mas que é isto? Deve estar enganada.

— Que é isto pergunto eu. Levantado a estas horas, com um frio destes e a botija para aí abandonada...

Ele olhou para a botija, que estava de facto para aí abandonada. Não mais se lembrara dela. Pr que a não metera entre os lençóis? Burro, três vezes burro.

Como se isto tivesse a mínima importância quando lhe entravam pelo quarto dentro e o punham naquela situação sem dúvida ridícula.

Correr com a intrusa por um braço ou ir fechar a porta que ficara escancarada? Empurrar a rapariga para o corredor era fazer barulho, acordar gente. Fechar a porta simplesmente seria aceitar entrar naquela jogatana difícil de entender. Uma gaja da vida? Ali?

Ela agarrara na botija, apertava-a ao peito a aquecer as mãos. As calças do

pijama de flanela, largas e enrugadas, descendo-lhe até aos pés e encobrindo-os, tornavam-na grotesca e, ao mesmo tempo, infantil.

— Escusa de estar espantado. Não tinha sono, saí do quarto, vi aqui luz, bati. Que é que isto tem de extraordinário?

— Na verdade...

— A verdade é um brilhante no cu da minha avó. Não complique. Nada me chateia mais que uma noite de insónias. Fico com os macaquinhos todos a fever. Se você também não dorme, podemos conversar.

— Conversar? A estas horas?

— Oh as horas: Isso para mim não conta, fique já sabendo. Se não quer continuar aqui, vamos lá para baixo. O lume está aceso toda a noite.

Ele olhava-a, ainda mais de pé atrás. Qual gaja da vida: Propor-lhe ir para baixo era mais que suspeito. Estariam lá os tipos. Ela entregava-o, tinha a missão cumprida. Era da Pide. Mas que poderia levar a Pide a actuar de modo tão bizarro? Cercava a casa, entrava à bruta, revistava o quarto, levava-o, acabou-se. Para quê a rapariga?

Deu olhadela à cama: a pasta não se via.

— Escute. Não sei quem é nem o que quer. Mas são três e meia da manhã.

— E eu sei quem você é? Que é que isso interessa? Não pense que quero ir consigo para a cama. Nada de parvoeiras. Vamos mas é lá para baixo, que aqui brrr, isto é um gelo.

Ele voltava à sua, enervado por não conseguir resolver aquilo numa vez. O tempo que perdia:

— É muito tarde. Acho melhor voltar para o seu quarto. Talvez consiga adormecer. Não tem nada para dormir, um comprimido? Além disso, veja bem, acordaríamos toda a gente.

Ela fez um trejeito com a boca. De troça, naturalmente. Depois olhou-o com dó. Podia ser que fosse dó.

Era bonita, muito jovem. E, embrulhada no casaco de peles vestido por cima do pijama, sem largar a botija, tinha o ar evidente de quem manda nos outros e só faz o que quer.

— É tolinho de todo. Quem é que vamos acordar? Só cá está o meu pai. E esse lhe garanto eu que não acorda.

«O senhor Ferreira», pensou o suposto Aníbal da Fonseca

— Aliás, ele é que tem a culpa disto tudo com aquela mania de não querer dormir em casa.

Atirou com a botija para cima da cama, embrulhou-se ainda mais no seu casaco, abriu a porta, fê-lo passar à frente. Ao que ele obedeceu, admirado, pois claro, consigo mesmo, sem perceber o que estava a acontecer-lhe. Não se esqueceu, contudo, de fechar a porta à chave, que guardou no bolso.

— Para que é isso? Já lhe disse que não está cá mais ninguém. Não há gatinhos, descanse. Nem vejo o que lhe haviam de roubar...

Não vira a pasta, portanto. Não sabia da pasta. Não sabia de nada. Por ele, ia sabendo alguma coisa: estavam sós («isto está quase vazio», dissera o estalajadeiro); o tal senhor Ferreira era o pai dela e tinha as suas manias: não queria dormir em casa.

Andaram na escuridão, o longo corredor. Ao chegarem à escada, ela pegou-lhe na mão a conduzi-lo. Realmente a conduzi-lo apenas, naquela casa que, ao

que se estava vendo, conhecia de olhos fechados. E só lhe abandonou no último degrau para acender a luz. E apagá-la logo. Não era a luz de cima que ela queria. Era outra, muito menos intensa, dum candeeiro de abajur de louça verde que havia ao pé dum cadeirão de verga, num dos cantos.

Ninguém na sala. O breve instante em que a luz do tecto esteve acesa deixou-o descansado: nem viva! Não se tratava de Polícia. E o lume estava aceso, como ela garantira, um lume lento de grossos toros de sobreiro, quase sem chama, que era um prazer senti-lo depois das horas que passara no quarto, sem se lembrar da botija.

A chuva não cessara. Ouvia-se ali ainda mais porque havia talvez um empedrado à porta da estalagem.

Instalado no velho sofá onde estivera antes a beber com o dono da casa, viu a sua estranha companheira levantar as abas do casaco. Abria-as bem, virada para o fogão, para receber em cheio todo o calor.

Quantos anos teria? Quem seria?

Assim de costas, era só umas calças enrugadas dos pés a meia perna, um casaco de peles todo aberto em movimento de ave, um cabelo mito claro.

— Ouça lá. Que diria a bebermos qualquer coisa?

E voltou-se, sem apertar o casaco. Já sem frio e sem reservas. Também ele a olhou doutra maneira. Interessado. O que visivelmente a satisfazia.

— Não deve haver aqui coisa que preste. Talvez ginjinha.

Era louca de todo. Já estava atrás do balcão a procurar.

— Porto de pacotilha, uísque barato, bagaceira ordinária. A ginjinha. Tem de ser a ginjinha. Cá está ela.

Ele falou, com ironia:

— Não sei se está lembrada de que isto tem um dono. Talvez ele não aprecie esse à-vontade todo...

— Quem? O Tamanqueiro? Era só o que faltava:

Mais novidades: o dono da estalagem chamava-se (ou chamavam-lhe) Tamanqueiro (teria sido nos seus tempos sapateiro, teria feito tamancos) e a rapariga dispunha ali de poderes excepcionais.

Ela sentou-se ao lado dele com a garrafa de ginjinha e copos, radiante. Radiosa. O calor afogueara-a um pouco, tornava-a apetecível.

— Quer explicar-me alguma coisa disto tudo? Você é uma hóspede ou é a dona da casa?

Ela riu com as pálpebras descidas. Estava a encher os copos.

— Mas não tem nada que explicar. O Tamanqueiro trabalhava para o meu pai. Um dia houve umas coisas por aí. Foi o meu pai que o livrou de sarilhos e o ajudou a montar isto. Deu-lhe a casa, emprestou-lhe dinheiro. E eu sou filha, não é?

Acendeu um cigarro que tirou dum maço abandonado na mesa do candeeiro. Depois outro. Fumava sem cessar. Lembrava um barco do século XIX, rio acima, de chaminé airosa e fumegante.

— Não quer?

— Não fumo.

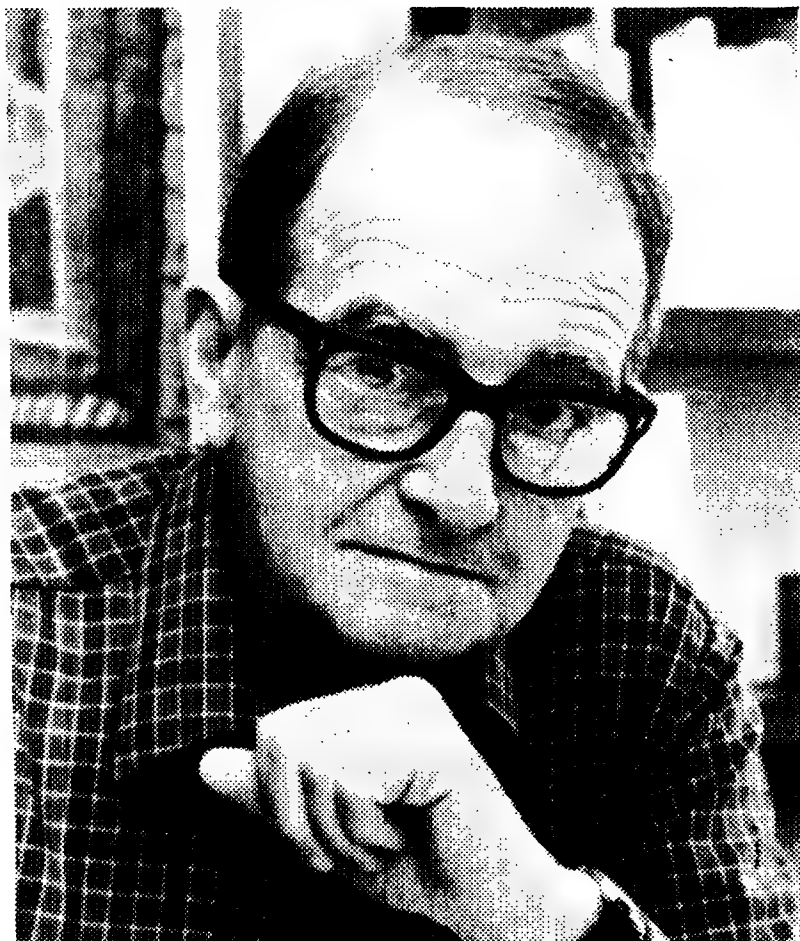
— Ah não fuma...

Como se dissesse: este é pírulas, está visto.

Monólogo a duas vozes

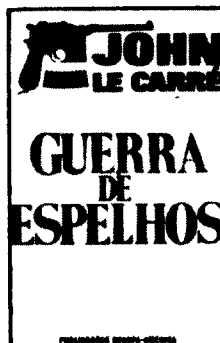
Mário Dionísio

Ed. Dom Quixote



MÁRIO DIONÍSIO

3 AUTORES ESTILOS ÊXITOS



JOHN LE CARRÉ

GUERRA DE ESPELHOS

«Superior a *O Espião que Veio do Frio* é uma narrativa trágica e esmagadora acerca de espões... humanos», afirma o *New York Herald Tribune*. Um livro que nos traz de volta o Circus, Controlo e George Smiley, envolvidos num caso em que um departamento inglês decide infiltrar um agente, mas ficando a dúvida sobre se o inimigo só estará do outro lado da fronteira.

GENE WOLFE

A CIDADELA DO AUTARCA

É o culminar da narrativa de Severian, iniciada com *A Sombra do Torturador*. Severian prossegue a sua jornada épica pelas terras de Urth e é empurrado para norte por personagens estranhas e terríveis.

«Totalmente original, novo, incomparável... a primeira exploração de um mundo novo», assim definiu Ursula K. Le Guin esta saga, composta ainda pelas obras *A Garra do Conciliador* e por *A Espada do Lictor*.



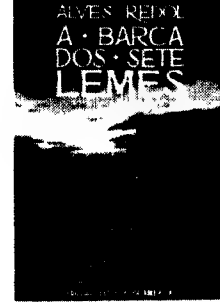
ALVES REDOL

8.ª edição

A BARCA DOS SETE LEMES

A tragédia singular de um homem, os problemas dos homens e da sociedade em páginas empolgantes que constituem um romance que assinala uma fase culminante da criação romanesca na obra do grande escritor neo-realista português.

A oitava edição desta obra, (já editada em inglês e em italiano) abre com um estudo de Alexandre Pinheiro Torres sobre a personagem principal e é um precioso auxiliar na compreensão do significado da obra de Redol.



À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS

EUROPA-AMÉRICA... a memória no futuro

Aos dias sucederam-se as semanas

Aos dias sucederam-se as semanas. A cor do céu mudou e a da água também. O Outono deixara irromper os tons glaucos e as primeiras chuvas depositaram uma luz cinzenta trémula, ao longo das ruas. O sol tornou a parecer, todavia um pouco menos quente, um pouco mais pálido, remoçando as tintas agonizantes de um Outubro enevado. Houve alguns dias que pareciam ainda de Verão, mas a noite chegava depressa, fresca, húmida.

Já tinha esquecido o impulso violento que tivera uma noite. Tinha sido apanhado novamente pela rotina. Vivía entre a lembrança dos meus anseios do passado e a repetição mecânica dos factos mesquinhos do dia-a-dia, ao sabor dessa oscilação que produz os meses, os anos, as recordações. Encontrava-me raramente com Mr. Ponsford que saía agora menos. Mme Dos Santos confidenciou-me que ele se sentia cansado e que ficava horas e horas no quarto, a escrever.

Uma bela tarde, enquanto ia passeando, avistei, de repente, o seu chapéu de pastor anglicano, por detrás de uma montra de uma loja. Tê-lo-ia reconhecido em qualquer sítio, assim preto e de abas largas. Mr. Ponsford encontrava-se em pé, em frente de um balcão encerado: fitava um homenzinho de bigode que estava a pesar qualquer coisa, numa minúscula balança de cobre. A loja era uma mercearia oriental: na montra e nas prateleiras, viam-se substâncias esquisitas, pós e sementes, em tacinhas ou em frascos, líquidos espessos, cor de ocre ou vermelho acaju, expostos à vista entre caixas e embalagens castanhas. Ia para entrar na loja quando ele vinha a sair.

«O senhor por aqui, disse ele, admirado, por acaso conhece esta loja?»

— Não, mas avistei-o ao passar.

— Estava a comprar chá. Acho o da pensão muito mau. Não está de acordo?

— Não sei bem...

— Hum: Já percebi, respondeu passando um dedo pelos lábios. Como bom francês, não é grande apreciador de chá.

— De facto, não sou.

— Pois bem, eu sou e muito. Não é para espantar, não acha? Imagine, acrescentou, puxando-me pelo braço, que sou eu que faço a minha própria mistura.»

Enquanto caminhávamos, conti-



a Morte Branca

PIERRE KYRIA

nuou a descrever os méritos próprios dos chás da China, Índia ou Ceilão, escolhendo com cuidado os termos para qualificar um aroma, citando nomes exóticos. Falava com entusiasmo, mas eu apenas lhe prestava uma atenção distraída. Eis como ele era: durante semanas, fingia que não conhecia as pessoas, depois, no primeiro encontro, punha-se a falar de variedades de chás: Olhava para ele, atentamente. Estava mais magro, cabiam dois dedos entre o colarinho demasiado largo e o pescoço, tinha a barba mal feita e alguns pêlos brancos brilhavam nas covas da cara e perto das orelhas. Eu andava depressa de mais e tive de retardar o passo para o acompanhar. Senti-lhe a pressão dos dedos, no meu braço. Não conseguia afastar do meu espírito a acusação de Mrs. Crums. Estava na companhia de um assassino. Antes de atravessarmos uma rua, parou e olhou para mim fixamente.

«Por que é que me está a observar dessa maneira, senhor Ansard? Estou mudado, não acha?»

— Não, nem por isso...

— Vá lá, não faça cerimónia, tenho vindo a decair nos últimos tempos. Estão a puxar-me para... para o outro lado, disse com um gesto vago.

— Então, não exagere, disse eu, maquinalmente.

— Além disso, parece que está a tentar decifrar algo na minha cara. O que é que desta vez lhe disseram de mim?»

Sorriu, mas como evitar que eu des-



cobrisse uma frieza irónica no fundo dos seus olhos azuis?

«Nada, pode ter a certeza», respondi, sendo agora a minha vez de o arrastar.

Já não me lembro do que dissemos depois. Nada que valesse a pena ser fixado. Estou a ver o café do porto onde chegámos. Estávamos perto dum molhe, sozinhos na esplanada. Barcos pançudos andavam de um lado para o outro do Tejo. A cada chegada, a cada partida, a rua, o terraço diante da estação fluvial enchiam-se de uma multidão apressada — funcionários com fatos de fazenda ou de linho e segurando uma pasta, soldados de farda cinzenta e botas pretas, com o bivaque inclinado sobre um dos olhos e punhal à cintura, camponesas balouçando sobre as ancas cestos de vime tapados com um pano. Deviam ser mais ou menos cinco horas. O movimento da multidão fazia pressentir a noite, ainda que uma luz intensa, cor de cobre, caísse sobre os rostos morenos e rudes. Era a arraia-miúda de Lisboa que fugia da cidade ou para lá voltava.

Mr. Ponsford tinha mandado vir ginjinha. Saboreava, com lentidão, o licor, um pouco doce de mais mas delicioso, passando o álcool de um lado para o outro da boca para reencontrar, através do líquido espesso como xarope, o gosto acre do caroço. Havia naquele movimento sensual da sua boca como que a expressão da paciência — a paciência dos breves minutos de gozo que uma longa vida de solidão e de renúncia pode ensinar.

Ouvia-se o títio das eléctricas nas ruas vizinhas. Crianças faziam banzé perto das barreiras brancas do molhe, um vendedor de lotaria apregoou o próximo andar à roda com uma voz áspera e arrastada, o sol seguia a curva que o tornaria a aproximar da água, antes de se sumir lá longe, atrás do flanco arredondado das colinas. Ele falava pouco. Às vezes, fazia comentários sobre o que via, embora não fosse, deu-me a impressão, senão por delicadeza, para me fazer lembrar que não estava esquecido da minha presença. Mal acabava então as frases, mas o seu olhar bastava para exprimir o que não tinha dito. Ele confessava a nostalgia que sentia por não se poder confundir com aquela multidão que dispersava em direcção ao lar, à família. Embora a poucos metros dela, ele estava, no entanto, a trinta anos de distância. Quantas vezes teria espreitado a debandada alegre das crianças, o amoroso caminhar dos pares, o vai e vem daqueles homens, daquelas mulheres, nos cruzamentos das cidades, ao longe dos parques, das ruas, dos cais: Ninguém esperaria por ele, em parte alguma, ao fim do dia. Ele sabia disso, tinha-o repetido para si próprio durante anos e anos. Haverá algo pior para se dizer a si próprio?

O que eu sabia acerca dele tinha menos importância do que eu imaginava. Mesmo que me tivesse contado tudo sobre a sua vida, esta ter-me-ia ainda deixado intrigado. Como ousaria dizer-lhe: «Sei que vive de todas essas vidas que se desenrolam à sua volta, que se dá conta do que as guia e as anima, com inveja, com amor, com a paciência triste do testemunho familiar, para não se abstrair do resto dos homens quando o resto dos homens se esqueceu de si.» Ouvindo tais palavras, ele teria troçado, por orgulho, tornaria a ser o homem sarcástico, afastado dos outros, o estrangeiro na cidade, que não perdoa a quem o fique a conhecer depressa de mais e a quem tenha pena dele.

Entre ele e eu, nada era fácil, evidente ou definido. Só comunicávamos aos arrancos ou para estabelecermos uma ruptura. Encontrava-me no ponto de excitação da existência, enquanto ele já não se encontrava senão nessa zona intermédia, sombra da vida, quando a morte está próxima. Jovens passaram por nós a rir, dirigiram-se

para o cinema cuja campainha se ouvia. Deram-nos uma olhadela rápida, concederam-nos um segundo da sua alegria, um segundo, uma imagem que se repetirá absurdamente mais tarde. Não tínhamos nada em comum, excepto o lugar que havia a nosso lado, destinado a um ausente. Tinha sonhado com Jean-Louis, alguns dias antes. Tinha-o visto durante um segundo, a partir, contente, para a primeira sessão de cinema das quintas-feiras com o mesmo rosto que tinha na fotografia.

Mr. Ponsford bebia a ginjinha, eu fumava um cigarro. Anoiteceu. No nosso silêncio, estavam, como que ao fundo de uma extensa álea bordejada de árvores, duas silhuetas vagas dirigindo-se para nós. Não era preciso falarmos para sabermos disso. Nesse momento, gostaria de ter escrito a Jacqueline: «queria que tivesses um filho meu, havia de ser um rapaz. Dar-lhe-ia o nome de Jean-Louis.»

Voltámos para a pensão, seguindo ao longo do Tejo. A cidade tinha acendido as luzes lilases e amarelas, já não havia ninguém nos bancos, debaixo das árvores, por causa do ar fresco. Grinaldas de luzinhas enfeitavam os recortes da ponte Salazar que se lançava de um ímpeto em direcção à estátua do Cristo-Rei, rectilínea e branca sob a luz dos projectores, com os braços abertos, na outra margem do Tejo.

«Em suma, falamos pouco, senhor Ansard, disse ele, depois de uns momentos de silêncio.

— Não era necessário...

— Onde pairávamos nós os dois, há alguns instantes?»

Não dei resposta. Ele parou.

«Volta para a pensão?»

— Sim.

Portanto, já não vai aos bairros mal afamados do porto? perguntou com ironia, recomeçando a andar.

— Digamos que vou lá agora muito menos.

— E por quê?

— Porque estou farto.

— Bem sei, disse ele, o prazer gasta.

Mas o senhor não é daqueles que se agarram sempre à mesma coisa nem mesmo ao prazer, não é verdade?

— Receio que sim.

Uma Morte Branca
Pierre Kyria
Ed. Salamandra



BAPTISTA-BASTOS

Tenho um livro sobre os joelhos

TENHO um livro sobre os joelhos.

Sentei-me na beira da cama ainda há pouco, depois de ter caminhado, durante quanto tempo?, de um lado para o outro do quarto. Juntei as letras, procurei soletrar em voz alta as palavras de uma das páginas, na vã tentativa de organizar as ideias e de fixar o pensamento no conteúdo do que está escrito. A experiência ensinou-me que ler, algumas vezes, é uma sedução — não uma sedução. A harmonia interior tão ardentemente ambicionada é-me negada rudemente pela tentação infernal de relembrar, até à dor, o caos lancinante das minhas aflições, as quais se transformam em incomodidades físicas.

Assusto-me quando me vejo ao espelho; tomei a precaução elementar de me observar poucas vezes, por temor em estudar o meu rosto fatigado, imoto, em visionar esta impaciência aplacada pelo correr de anos e anos desiludidos, durante os quais apenas fiz um peso inútil sobre a terra. Sou um homem reprovado e pretendo extrair-me da própria pele.

Reprovado e pesado de suportar, deformado, destruído — mas quem me fez assim? Esses rostos de ausência que são a pátria não possuída e sempre negada, a mulher imponderável, transparente num seguro mistério, as duas não amadas e que são apenas uma e uma? Sou a vossa coisa, o vosso objecto adormecido, domesticado, manipulado e remanejado; isto. Escolheram a vossa vida e impuseram a minha; este silêncio que me envolve em expansão é uma sentença dolorosa que se prolonga sem piedade.

Procuo, agora, sentado na beira da cama, ouvir a minha voz antiga, sólida e sólita, mas é uma ideia perversa, uma resistência suspeita àquilo em que me tornei. A morte não colhe apenas os mortos e eu, afinal, recusei os riscos de uma existência aberta, para me submeter a esta reclusão sem distâncias. De novo caminho de um para o outro lado do quarto, na ânsia ilusória de fatigar o corpo, remover os pensamentos nefastos que se libram, adejam, parecem desaparecer e lá voltam, tumultuosos e

implacáveis. Examino com minúcia as mãos, as unhas; conto as rugas das dobras dos dedos, as ramificações das veias, apalpo-as ligeiramente, depois comprimo as têmporas, esrego novamente os olhos, acaricio brevemente a cabeça, estou encharcado em suor, o suor é gelado, estremeço de frio — ou de medo? Torno ao livro, impondo com esforço uma certa tranquilidade às preocupações que me oprimem, mas as palavras baralham-se-me, bailam, sou atraído pelo rumor de pessoas falando na rua, por passos que procuro identificar, pelos sons provindos do rio. Uma rugosidade na pintura do tabique prende-me a atenção; a sua forma empolada lembra uma alga violácea e gelatinosa. Fixo-a intensamente e presumo que se moveu, adquiriu vida própria, e que dois minúsculos buracos são olhos obstinados que me fitam numa imobilidade ameaçadora. Aproximo-me e tateio-lhe a superfície, meço-lhe o volume, tento avaliar o conteúdo do seu

Continua na pág. 5

Veja você ao que eu cheguei

Touro, ascendente Peixes. Câncer, ascendente Escorpião.

Veja você ao que eu cheguei: esgueirar-me ao lusco-fusco — tão comprometido quanto o meu descaro o permite — para dentro da asséptica livraria de um desses centros comerciais, catitas e pelintróides, em que nos últimos tempos Lisboa se desentranha; depois, já só descaradamente, dirigir-me para o recanto onde sei que dormitam — em merecida promiscuidade com outras frioleiras da mesma linhagem — tratados, guias, compêndios, manuais de astrologia. Ao balcão, lá para o fundo, apenas uma empregada, absorta e bonitinha, com o ar angélico de quem preferiria comer chocolates («come chocolates, pequena; come chocolates!») ao fadário de estar ali aviando livros. Entre nós dois, mas de costas para mim, meio oculto por uma estante giratória, também apenas um cliente.

Não me foi difícil executar, na maior impunidade, o meu caviloso e humilhante projecto: só questão de reabrir um manual de antemão escolhido nas páginas de antemão assinadas; só questão, em seguida, de rapar da esferográfica e de uma folha de papel já preparada para o efeito. Poupá-la-ei ao suplicio de lhe transcrever aqui na íntegra o que os autores do referido manual (eram dois) opinavam acerca dos nativos do Touro com ascendente em Peixes. Mero cortejo de lugares-comuns: contactos fáceis e numerosos: propensão para criar climas (?); amor das artes, da natureza e dos prazeres, mas (sic) sem materialismo excessivos; etc., etc. E tudo isto assim rematando: Atracção pela Virgem. Oh, que manual mais desactualizado! Para não falar já da inexistência de virgens no mundo de hoje, Virgem é o signo da minha mulher.

Em contrapartida, os dois astros em matéria de astros não só se esmeraram como até acertaram em cheio, julgo eu, no que respeita à minha nativa do Câncer com ascendente em Escorpião. Baseada você no que já conhece, veja lá se não é perfeito: *Sensibilidade e intuição em extremo, quase medium. Sonhos premonitórios, pressentimentos; muita ansiedade. Um encanto envolvente, poderoso. Gosto pelas viagens, pelas eva-*

sões... quaisquer que elas sejam. Na infância, acontecimentos bruscos ou pais separados. Vulnerável à depressão quando a realidade lhe escapa. E o mais importante: Atracção pelo Touro.

Enquanto, com íntimo júbilo, ia eu copiando estas clarividentes palavras, não deixava de me intrigar, de cada vez que olhava na sua direcção, qualquer coisa de também clandestino, pelo menos de insólito, no comportamento de outro solitário frequentes que por ali rondava. Sempre de costas para mim, e creio que não tendo sequer dado pela minha presença, tinha entretanto passado a freneticamente esmiuçar, com os olhos e os dedos, as prateleiras de mais uma estante giratória. Era alto, magro, excessivamente bem enfiado para o tempo que fazia e para os tempos que correu. Manifestava, na curvatura da espinha, aquela tensão um pouco suspeita que deve poder caracterizar — numa livraria de tal género, eclética e permissiva *ma non troppo* — tanto o libertino de ambições modestas como o estudioso mal encaminhado. E nem ao alargar o pescoço para as prateleiras mais altas a curvatura se lhe atenuava.

Depois de minuciosa perquirição nesta segunda estante, ei-lo a seguir esquadrihando as lombadas de um escarpate fixo e, finalmente (agora quase de costas), as que se alinham na parte inferior de uma comprida banqueta. É daí mesmo que justamente o vejo retirar três, quatro, cinco volumes de idêntico formato, que atabalhoadamente se apressa, ainda agachado, a aconchegar debaixo do sovaco esquerdo. Um dos volumes escorrega-lhe então de sob a manga da fatiota (bom tecido tropical de cor atracete) e ao voltar-se, a três quartos, a fim de o recuperar, distingue-lhe a ampla testa abaulada de antigo menino-prodígio, a promissora calvície de futuro sábio, o nariz apurado de fanático da disciplina, a face encovada de bom puritano, a boca fendida a canivete e quase rapada de beiços: enfim, e como você já deve ter percebido se o não descrevi muito mal, o moralíssimo perfil do seu pediátrico marido.

Nem sei quem me retém, no entanto, de logo lhe revelar a minha presença, como se contagiado — estas



coisas são pagajosas — por quanto se adivinha de furtivo nos seus modos e movimentos. Mesmo assim me aproximo, depois de o ver e ouvir levantar-se. (Estalido de articulações.) Sigo-o então de perto, a dois passos das suas costas, enquanto rapidamente se encaminha para o balcão, sobre o qual arremessa os cinco volumes que acabou de exumar. Nessa altura já topei de que livros se trata; e ouço distintamente a empregada perguntar-lhe:

«Para ofertas?»

E logo o seu marido, em ritmo sincopado, um pouco ofegante:

«Não, não. Num papel qualquer. Pode ser um saco. Todos juntos.»

Mas a empregadita, esquecendo a sua carência de chocolates e dando corda a um sorriso que lhe deve ter parado no último fim-de-semana, desculpa-se pelo facto de não dispor de sacos naquele momento, para como que à experiência extrair em seguida, de sob o tampo do balcão, uma surradíssima folha de papel partido.

«Serve, serve», exclama o seu marido, com uma voz cortante de que eu nunca o teria julgado capaz. A seguir, menos agreste, repete e acrescenta: «Serve, sim. Até é bom de mais.»

Ao mesmo tempo faz nervosamente estalar as brochuras, uma a uma, entre as pontas dos dedos. Só depois começa a passá-las, uma a uma, para as mãos da rapariga, em sucessivos gestos muito secos, quase brutais, de quem antes quisesse vê-

las destruídas que embaladas em boa ordem.

Cinco vezes os mesmos gestos. E cinco vezes, como já adivinhou, com cinco exemplares do seu livro de versos.

«Por aqui?» Mas só lhe disparo estas palavras, bem como que à queima-roupa, quando os livros se encontram enfim pardamente entrouxados e quando o seu marido já está a receber o troco das duas notas que atirara sobre o balcão. Antes que ele tenha tempo de se recompor, ainda lhe lanço: «Julguei que *você* já estivessem em férias. A sua mulher telefonou anteontem lá para casa, e fiquei a pensar...»

Não, não. Que ainda não. Isto é: que sim e que não. Que você já estava realmente em férias, que tinha até aceitado um convite (e precisou: «de uma amiga») para passar uns oito dias, dez quando muito, no Sul da Espanha. Ele é que... Por enquanto ainda não... Já agora, enfim, uns assuntos a arrumar.

Quase gagueja; tremem-lhe as mãos ligeiramente; procura humedecer com a ponta da língua a ausência dos lábios; borbota-lhe da testa umas gotas de suor. Mas de mistura com tudo isto, dir-se-ia que a minha presença lhe tirava qualquer peso de cima do peito.

Como se em torno procurasse eu algum livro, e para fingir que não dou pela estranha e contraditória perturbação do seu cônjuge, giro um pouco sobre os calcanhares, de modo a tê-lo mais à ilharga que propriamente de frente de mim. Acabo mesmo por quase lhe virar as costas; e assim o reboco, evoluindo com volubildade, desde a doca seca do balcão até junto de outro cais, melhor dizendo uma espécie de marina: o tampo, em suma, de mais uma banqueta onde estão fundeados, sob o letreiro de «novidades», livros que recentemente terão saído dos estaleiros. Mas faço-o com tanta imperícia (o diabo tece-as) que ambos estacamos, precisamente, diante de meia dúzia de exemplares, em pilha bem ordenada, quem sabe se intacta, de uma nova edição ou de um novo livro do seu amigo. O meu imediato reflexo (estúpido, concordo) é o de pegar no exemplar que se encontra por cima, a fim de lhe dar meia volta o mais dis-

farçadamente possível. Pior a emenda que o soneto: de alto a baixo da contracapa fica então a fitar-nos, com cachimbo e tudo, o sofisticado retrato do autor.

Passado o primeiro instante de embaraço, ou meio embaraço, quase me diverte a comparação de mais este figurante. Aqui apenas em efígie... E onde, neste momento, em carne e osso (decerto mais carne que osso)? Se não me engano muito, talvez no Sul da Espanha, não? Ou porventura noutras paragens de que o Sul da Espanha seja um mero alibi ou expedita metáfora.

Torna-se evidente, de qualquer modo, que tanto o cachimbo como o sujeito de meia-idade, a espreitarmos ali dessa fotografia, nada parecem dizer de pessoal, ao menos por enquanto (ora ainda bem!), à científica argúcia do seu marido; e que o seu marido estará longe de estabelecer, com todo a certeza, a mínima relação entre a sombra daquele cachimbo e alguma sombra que se tenha interposto na existência de vocês os dois. Tudo me leva a crer que por agora outras sombrinhas o inquietam: se eu terei visto ou não quais os livros que mandou embrulhar: se valerá a pena, em caso afirmativo, ser ele próprio a tocar no assunto, apresentando ou inventando qualquer pretexto; se enfim se verá ainda forçado a aturar-me por muito mais tempo, já que desatei inesperadamente a dizer-lhe quanto me alegria tê-lo encontrado e quanto gostaria de conversar com ele. Perfídia? Não. Excesso de boa vontade. Acabo mesmo por aliviar-lhe:

«E se fôssemos tomar um copo? Há um bar aqui, no andar de cima, que não chega a ser desagradável de todo...»

Embora o seu marido tartamudeie umas nobres evasivas, declarando nomeadamente que «álcool a esta hora nem pensar», lá o arrasto, a passo de chouto, por um atabafado labirinto de corredores e de escadetas. E dou finalmente com o já meu conhecido guarda-vento de ripas escuras, que louavelmente arremeda, à escala de leitaria de bairro, a entrada de um *saloon* do Far West.

Um Amor Feliz
David Mourão-Ferreira
Ed. Presença

interior, despedaça-a com um soco, partículas de tinta seca tombam a meus pés, e assim fico, longos minutos, braços pendentes, observando o soalho, os pedaços violáceos, a poeira que também se desprende em camadas quase imperceptíveis.

Dispo-me maquinalmente, não abro a cama, deito-me sobre a colcha depois de apagar a luz. Agora são as trevas; uma escuridão espessa, maciça, pesada, que se dissolve no meu corpo e o encarcera. Zumbo um insecto, certamente doído por não conseguir sair do túnel, cansado de procurar o mais ligeiro fio de claridade por onde possa escapar. A madeira do guarda-fato dá um ou outro estalido seco; sobressalto-me, descerro as pálpebras e, na imensidão escura, procuro pressentir qualquer presença impalpável, o bafo subtilíssimo de uma respiração, o bulir de um movimento: só o zumbido esvoaçante do insecto. Sigo-o e sei que parou, agora, para regressar ao voo tonto e sem destino, daqui a instantes. Aproveito a fantasia o que faria se fora ele. Rio-me na escuridão: afinal estamos ambos perdidos, numa sufocação aparentemente sem nexos, e quase me apetece dizer-lhe frases amistosas e

solidárias. Longe, ou perto?, um relógio bate horas e conto-as, conto-as até elas terminarem, muito para além das badaladas, como se inconscientemente as quisesse prolongar. Que é feito do meu insecto voador? Sustenho a respiração, sinto o corpo vibrar na expectativa, todos os sentidos despertados para o mais breve zumbido, o mínimo rumor, soergo-me, sento-me na cama, imerso em trevas, a inquietação subindo, crescendo como um vendaval que se aproxima; um retardatário volta a casa, oiço-lhe o andamento apressado, a tosse cava e curta, o recomeço do andar. Onde pára o insecto?

Surpreendo-me neste momento a pensar, de novo, na loucura, e tento suprimir das ideias qualquer indicio do meu procedimento anterior, que me parece agora inadmissível num indivíduo são. Impossível: embora entorpecido, fatigado após tamanha excitação, o insecto nocturno ressurgiu na ansiedade de companhia que povoa a minha solidão penosa. Onde estará? Poisou em algum lado e aguarda, pacientemente, qualquer pedaço de luz que o eximirá às forças malélicas das trevas, que o libertará das exigências poderosas da morte. Seduz-me pensar neste insecto fugidio, adevém-me escrúpulos, mas refreio-os

e coloco-me infinitamente acima deles. Espero o seu mais ténue sinal, e a espera alonga-se na escuridão, deteriora a expectativa, transfigura-me, creio, e transfigura-se em cólera, cólera surda, insinuada, que me invade: o último estertor, a derradeira chama? Que recebo em troca do interesse desmedido que este insecto me suscita? Martirizo-me ao pensar na sua possível morte. Improvável, tranquilizo-me. Sei, por leituras rigorosas, que os pequenos animais deste tipo possuem uma resistência invulgar e estão providos de grande astúcia instintiva. Porque não voa? Porque não manifesta a sua presença num ligeiro zumbido, num débil movimento, num fragilíssimo bafo, num fugaz adejar de asas? Começo a odiar este insecto, e logo me perturbo, estendo-me de novo na cama, perplexo, atordoado pelo tropel dos pensamentos, pelo turbilhão das ideias.

Estarei realmente a enlouquecer? Assustado perante este receio, esforço-me pungentemente por me acalmar. Mas sinto a demência pulsar no sangue, voltar no cérebro, atingindo-o com dores finíssimas, estonteantes. Descerro as pálpebras, os olhos devassando a noite, as unhas cravadas nas palmas das mãos, horto como um cadáver, sustendo o

movimento brevíssimo dos músculos, interrompendo a respiração até não poder mais, depois expelindo e aspirando suavemente o ar, atento, expectante. Correm os minutos em exasperante lentidão. Mas o silêncio não tem horas, não está subordinado às leis do tempo, torna-se insuportável porque é impossível ser contado, medido, compulsado. E eu sinto-o; sinto este silêncio leproso, repugnante, que se escoia e está ali, aqui, acolá, tão denso, espesso e compacto como as trevas. Decido acertar o silêncio pelo bater do coração: poiso suavemente a mão no peito, conto o seu pulsar, mas o pulsar é desordenado, arritmico, desarmónico.

Vem, serenidade.

Vem à grafia descoordenada dos meus pensamentos, à indelicadeza das minhas negações incandescentes, à morbidez aflita dos receios que me assediam, à circunstância simples do medo de morrer, à ternura obscura pelas rudezas apenas aparentes, ao abandono viajante numa solidão sempiterna, à incerteza ligeira da sobriedade, ao tecido sinistro que me enlouquece, às ameaças enubladas e fragmentárias; vem.

Pode-se impor os nossos próprios valores ao silêncio e à noite? Associo o

silêncio a uma cor: negra, como as trevas, e ambos se completam nessa unidade assustadora, que não é mensurável nem contável. Estremeço; não estou doente, sim esgotado de aguardar o mais ligeiro sinal do insecto. Afinal, é deste silêncio que preciso para meditar, desta escuridão que necessito para aflorar lembranças do meu mundo autónomo e pessoal. Todavia, o silêncio e a escuridão são disponibilidades vãs, a impossibilidade de me encarar e de descer ao mais fundo de mim sem me moer, sem me perturbar nem inquietar. Aprendi, no varar de anos dolorosos, que o homem nasce derrotado. Mas é sobre os escombros, os despojos, os destroços de si mesmo que deve construir a sua consciência vitoriosa: a experiência é o edifício do seu comportamento, da sua acção, da sua mobilidade. O homem que não consegue transformar a experiência acumulada num componente da sua construção moral é um homem vedado, vendado, excluído, que sequer se apropriará do seu destino singular.

Viagem de um pai e de um filho pelas ruas da amargura

Baptista-Bastos
Ed. O Jornal

Mic — 10 Anos —

Alguns autores (de obra literária ou didáctica, em livro individual ou colectivo) por ordem de publicação, desde 1976:

Fernando Grade • Hugo Beja • Júlio António Salgueiro • Ulisses Duarte • Jorge Ricardo Ramos • Abel Sabaath • Afonso Duarte • António Gedeão • Casimiro de Brito • Fernando Pessoa • Raul de Carvalho • Paulo Brito e Abreu • Antero de Quental • António Nobre • A. Ramos Rosa • Camilo Pessanha • Cesário Verde • Gomes Leal • J. Carlos Gonzalez • Mário de Sá-Carneiro • J. Travanca Rego • Armando Leal • Henrique Madeira • Pires Campaniço • Martinho Marques • Luís Filipe João • João Dionísio • Luís Cláudio Ribeiro • Bernardo Baguinho • São Bana • A. Bellini Jara • Augusto Lagos • Eduardo Olimpio • Fernando Alvarenga • Levi Condiño • M.ª Laura Madeira • Mário Machado Fraião • Andrade Santos • António Salvado • José Alberto Marques • José do Carmo Francisco • Manuel Ramos • José Manuel • Pepita Tristão

e com a participação dos pintores e ilustradores (por ordem alfabética): Abel Martin • António Ole • Artur Bual • Carlos Botelho • Clemente Silva • Fernando Grade • H. Mourato • José de Lemos • Kira • Man

MIC
APARTADO 4 — S. JOÃO DO ESTORIL
2768 ESTORIL CODEX



A TERRA E O COSMOS

Os horizontes do espaço, do tempo,
da matéria e da energia

ISAAC ASIMOV

Através da História não tem havido maior aventura que a da busca do conhecimento pelo Homem. Na presente obra Isaac Asimov descreve as etapas emocionantes dessa incessante procura — desde as grandes migrações da Pré-História até as viagens espaciais e as perspectivas de novas descobertas num futuro próximo.

Asimov percorre o vasto panorama da ciência cobrindo, em vinte e três capítulos, áreas tão diversas como a astronomia, a biologia, a geografia, a matemática, a geologia e a física. Falando das explorações, das descobertas e das invenções que transformaram os nossos conceitos sobre o mundo e das teorias e das especulações científicas que alargaram ainda mais esses conhecimentos.

Dentro das quatro esferas do universo físico — os horizontes do espaço, tempo, matéria e energia —, Asimov revela quanto o Homem tem procurado expandir o conhecimento para além dos limites do mundo conhecido, desenvolvendo teorias que lhe permitem desvendar os segredos da Terra e do Universo.

A VENDA NO SEU LIVREIRO

EUROPA-AMERICA ... a memória no futuro

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

O pecado original na pintura Figuralidade dos corpos

REFERIMOS no artigo anterior que o motivo do Pecado Original permitia articular a passagem, do ponto de vista da Representação, da Lei (o que implica sobretudo uma imanência) do Símbolo para a Regra (momento de mediação de uma «ratio») do Signo — passagem que se traduzia, no campo das próprias unidades de Representação (figurativas), na passagem do Ícone à Figura.

Passagem à Representação que se, por um lado, era *encarnada* (i.e., suportada numa relação de *referencialidade*: no pressuposto histórico de uma referencialidade sempre pós-edénica, pós-paradisiaca), por outro, se articulava sempre com um recalcado e um horizonte (tangência) de *censura*.

Num 2.º momento — e antes de passarmos a uma abordagem de várias variantes (modalidades) de (re)elaboração deste motivo *original* (e originário) da pintura —, gostaríamos de nos deter um pouco em dois grandes tipos de exemplos que, na sua diferença, (máxima, dentro de um mesmo registo), seriam paradigmáticos, i.e., constituiriam o paradigma da articulação não só deste motivo mas, através dele, da própria *situação da representação do corpo na pintura*. Exemplos que, na sua diferença, oscilariam entre um *máximo* (Masolino, Masaccio) e um *mínimo* (Tintoretto, Rubens) de *culpabilização* e de *censura*.

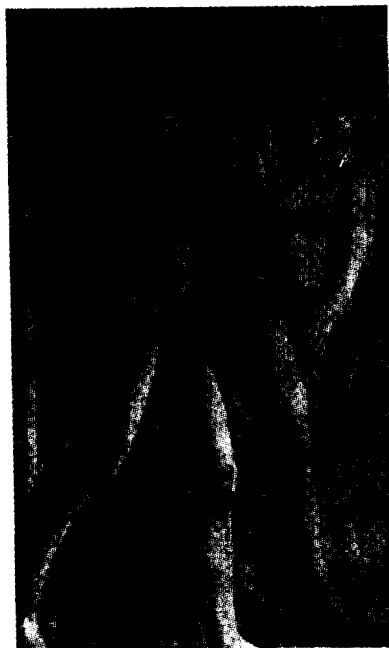
Como referimos noutro artigo, a 1.ª *censura* é a do próprio *sexo*, tomado aqui «ab initio», a partir do próprio momento (fábula: *ficção*) da *diferenciação dos sexos* que faz do motivo do Pecado Original o próprio momento (índice) da *sexualização* (da Representação) da pintura.

Na pintura medieval gótica tardia, por exemplo, a figura da mulher é sempre *deformada*, isto é, sobreterminada e contaminada (mesmo antes do «pecado original») pelo seu erro futuro. Não é assim por acaso que, ao aproximar-se da árvore, ela apresenta já indícios evidentes de medo e de erro: o ventre abobadado, a inclinação do olhar e da cabeça para a terra ou o próprio modo como tapa o sexo constituem, afinal, outros tantos seus traços e vestígios.

Deformação do corpo que deve ser lida também como uma *negação* ou uma *incapacidade* para a unidade (a formulação unitária) da figura. Não temos, assim, tanto *todos*, figuras, como uma nudez *fragmentada*, decomponível, cujos elementos disponíveis se situam tanto entre um *mais* (excessivo: o excesso de deformação das figuras) como entre um *menos* (a sua nudez reduzida) que na sua dupla falência acentuam sobretudo a incapacidade de se reformular como *unidade* a figura.

A nudez dá a incapacidade ou a resistência à Representação dos corpos, não *perspectiva* a sua elementaridade numa sua resolução unitária como figura. Assim, se a nudez *edénica* é sempre uma nudez que se censura (uma nudez de corpos informes, inorganizados, prematuros), a sexualidade, a sua positividade (marcada), é-o sempre de um modo duplamente *deficiente*: a *menos*, como um nu castrado (o custo da representação, para ele, é precisamente o *sin* ou a marca do sexo: no «Juízo final» de Giotto um demónio corta alegremente os corpos, no fundo da pintura); ou a *mais*, apresentando então todos os sinais da obscenidade e da luxúria.

Tendo como ponto de referência sintomático a *resistência* à representação do corpo na pintura medieval (particularmente a pintura dos Países-Baixos),



Masaccio, «Expulsão do Paraíso», e Masolino, «Adão e Eva» (pormenores)



é fácil dar conta da *mutação* (no sentido de uma pintura do Signo) que nos frescos de Masolino e de Masaccio (datados respectivamente de 1423 e 1425 e ambos localizados na Capela Brancacci da Igreja de Carmine, em Florença) se insinua.

Se no fresco de Masaccio (fig. [1]) persiste ainda a reminiscência de elementos tardios — p.ex., a *dramatização* (no sentido do expressionismo tumulário do gótico) da pose e das atitudes (o *acto*, mormente, é elidido, sendo dadas apenas as suas consequências: a *culpa*) —, estes elementos têm contudo como contrapartida *positiva* e acentuada *encarnação* (ou *carneização*) dos corpos (a ser entendida também como a própria *reificação*, nos corpos, dos índices de culpa — já que é a culpa que, acentuando-se, encarna, «enche de carne», *mancha de referencialidade* e (materializa os corpos).

Princípio de *encarnação* — de constituição não só como materialidade (referencialidade) mas também como unidade dos corpos — que acarreta consigo, talvez a necessidade, na representação do sexo, de uma *dupla censura*. Se a *maçã* está ausente (como metáfora do sexo — e da culpa), também o sexo é aqui duplamente escusado e *diferido*. São dois os índices que, ao mesmo tempo que o referem (assumindo um duplo estatuto metafórico e metonímico), o ocultam: por um lado, os *ramos* de arbusto (dois ramos relativamente independentes entre si que sublinham o carácter *privado*, individual, da culpa), mas também a *mão*, no caso da figura de Eva.

Tendo em conta toda a etiqueta da censura do contacto (entendido como contaminação, mácula) entre a mão e o sexo, a substituição da mão por um *índice vegetal* (parra ou folhagem) pode sempre constituir um índice de sublimação e de hierarquização (moral e simbólica) das figuras. É o que sucede, em relação a Adão e Eva, no fresco de Masaccio. Se na figura de Adão as duas mãos se desprendem, por assim dizer, na questão do (seu) sexo (elas cobrem o rosto), na de Eva (em tudo uma figura mais marcada, «expressionista»: que transporta consigo e exterioriza uma maior quantidade de culpa), as mãos permitem uma *dupla cobertura*: a do seio (a maternidade como dor, culpa) e a do sexo propriamente dito.

Na variante composta por Masolino (fig. [2]) sobre o mesmo motivo, e apesar desta obra ser ligeiramente anterior à de Masaccio, deparamos, contudo, já com uma simplificação da questão e com uma resolução da sua

problemática que traduz um *reposicionamento*, mais de acordo com o novo sistema de Representação (e da perspectiva), do momento constitutivo (já que estabelece os limites em função dos quais a forma se articula) da *censura*.

Por um lado, através da *erecção* (mais linear e menos expressionista) das figuras acentua-se a estreita relação que na pintura do Renascimento ligará as questões da perspectiva e as próprias condições de Representação (figurabilidade) dos corpos. Aqui é já como perfeitas *unidades*, num campo mais unificado e articulável, que se apresentam os corpos — i.e., eles próprios *homólogos* das questões e do sistema de Representação na pintura.

Num 2.º momento, a *perspectivação* (e linearização) das figuras (que as geometriza e integra na continuidade de um espaço infinitamente representável ou divisível), tem uma correspondência na própria *motivação referencial das figuras*: ou seja, a *naturalização* do sexo (do *acto*) como culpa. Deste modo, no fresco de Masolino, o Anjo (do Castigo) de Masaccio (figura que remetia ainda para outra lei da Representação e do Sentido) vê-se substituído por uma serpente antropomórfica, «humanizada», cuja cabeça é *feminina* (1). Ou seja, o princípio da culpa — a própria questão do sexo (veja-se a predisposição para a acção da figura de Eva: ela traz o fruto na mão, é captada em movimento, avança ligeiramente uma das pernas) — é *enquanto feminino* que é indiciado como culpa.

Se para Masaccio o *acto* de encarnação era sempre *póstumo* (o que tinhamos não era propriamente o *acto* — em que se definem, singularizam as figuras — mas o exílio, o castigo, a culpa), em Masolino ele é já em certa medida *retrospectivo* — i.e., é já a encarnação futura (a erecção dos corpos, a Natureza como sítio) que contamina, invade e *figura* o «antes» (o Paraíso).

Fernando Guerreiro

NOTA

(1) *Feminização* da serpente que resolve no sentido antropomórfico um momento de indeterminação da sexualidade da culpa que levou a que no lugar desse incógnito se tivesse privilegiado o princípio de figuração de um certo *hermafroditismo* Expl.ºs: Pol de Limbourg, «La Chute» do «*Livre des Très Riches Heures du Duc de Berry*»; os Hermafroditas [Paisagem com Hermafroditas] de uma gravura de um *Livre de Merveilles* do séc. XV (reproduzida em Edward Lucie-Smith, *Eroticism in Western World*, Thames/Hudson) — e mesmo a serpente, voltaremos a ela, do «Adão e Eva» de Hugo van der Goes.

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo XVIII

Vernissage Europalia

Saí disparado para a rua. O cerco começava a apertar-se. A morte de Kathy confirmava que, na maior parte dos casos, as artes do macabro eram teatrais, acabando quase sempre por retratar uma inépcia mal encenada. Pensei mais uma vez em sumir-me por uns tempos — receando que as coisas viessem a degenerar num atropelo de crimes nos quais me deixaria envolver sem dar por isso.

Nesta situação toda a cautela era pouca. Faltava-me o dinheiro para sair da fossa e radicar-me calmamente noutro lugar. Vontade não me faltava, mas por mais que desse voltas, não atinava como conseguir fazer dinheiro durante as próximas 24 horas. Pensei, arquitectei planos e expedientes, mas em todos eles havia demasiado risco. O pouco tempo de que dispunha não me permitia ser receptivo a todos os estratagemas, que a imaginação em galope me devolvia. Precisava de ser visitado pela sorte, ou convocado por um acaso feliz.

Caminhava apressadamente na rua Annunziata quando desatou a chover. Abriguei-me por momentos, aguardando que amainasse e tentei localizar o café *Le due Madonne*.

O ambiente estava calmo e procurei a mesa do canto, que um casal bem enfarpelado se prestava a deixar. Tudo me parecia convidar à reflexão e, neste entretanto, pedi uma bebida que me aquecesse desta malvada chuva que me repassara a mente e as roupas. A morte de Kathy ficara para trás a cena macabra era uma cena do outro mundo e o desejo de viver remetia-me para uma circunstância que pressentia ter bom desfecho. Também não sei porque é que imaginava Hans Lucas longe. A minha única obsessão era a falta de dinheiro — contudo o passado, nestes casos, é bom conselheiro e de um relâmpago vi que efectivamente isso não devia constituir problema. Continuava, apesar disto tudo, à espera de uma «chance», quando reparo que o casal que me antecederia tinha deixado por inadvertência sobre a mesa um convite para a «vernissage» da exposição «Eurpália — 1987 Firenze — Capitale Europea Della Cultura». Peguei no convite e por contágio houve logo duas ideias que me invadiram o espírito e que, por ricochete com o passado, me sugeriram que a solução estava encontrada para a minha falta de dinheiro.

Meto o convite religiosamente no bolso e saio pensando que tinha chegado o momento de pôr um ponto final sobre tudo isto. No hotel não havia novidades. Tomei um bom banho, mudei de roupa e preparava-me para sair quando me lembrei de verificar se finalmente a «vernissage» já tinha sido, ou se efectivamente poderia medir o golpe nas calmas. Mais esperançado fiquei, quando vejo escrito em letras pretas, que a «vernissage» estava marcada para o dia seguinte às 18 horas.

No meio de toda esta febre provocada por este pequeno acidente de um convite deixado por inadvertência — olho para o relógio e reparo que são duas da manhã, hora ideal para descer e procurar nesta noite invernal um bar onde houvesse rodopio e não fosse lá muito caro.

Entrei predisposto a permanecer até encontrar com-

para, embora todo este ambiente à média luz destilasse vulgaridade e transpiração.

Entabulei conversa com o «barman», sentando-me ao balcão, a fim de tactear terreno. Bebi o meu «whisky» e comecei a olhar para as beldades da noite, quando o «barman» me segreda:

Aquela ali tem umas boas tetas. Chamam-lhe a Marilyn. Só quer foder nas escadas junto à toilette e nunca quer ir com ninguém mais do que uma vez. Atire-se, porque ela não o larga com os olhos.

O bar, à medida que a noite avançava, trazia de enxurrada o que nunca o dia pode ver. De onde saíam todas as estas pessoas?

Apressava-se a pedir ao barman razões para esta enchente, quando ele me responde que todas estas pessoas vivem de expedientes. Eu, mesmo depois de tudo o que tinha visto, continuava a pensar que a Florença dos museus e da arte não poderia reservar-me antros deste calibre. O barman, sem entender o meu espanto, faz-me notar uma outra beldade, que vasculhava freneticamente no seu saco à procura do baton e do espelho.

Aquela ali, é Gioconda, tem cá um destes trazeiros que não lhe digo nada. Tresanda a perfume que até corta a respiração.

Gioconda ergue-se da mesa e saracoteando o traseiro em passo triunfal, encaminha-se em direcção ao telefone. Marca o número e repete a lição sabida. está lá — fala a

Gioconda. Estou no «Dante», então aguardo até às 4 horas.

pareceu-me ser fita. O barman comprovou-mo, dizendo que era um truque que ela cada noite representava para chamar sobre si a atenção. Levanto-me donde estou, vou para junto dela, da sua parte não há a menor resistência e o acolhimento é de perna aberta. Descalço o meu pé do sapato e sem perder tempo, por debaixo da mesa acaricio o seu antro vaginal, se afogaria uma população. Entre gemidos, diz-me que só gosta de apanhar por trás. Digo-lhe que não me desagrada, e se ela me quiser acompanhar tenho todo o gosto em animalmente a papar no hotel.

Foi o bom e o bonito.

No dia seguinte, sem demora, pu-la ao corrente do meu plano:

Preciso que você me acompanhe às 18 horas a uma «vernissage».

Ela, sem pestanejar, aceita.

Só é necessário que você se aperalte — e que colabore comigo.

Colabore? não estou a perceber.

Ora bem, o que vai acontecer é que as senhoras vão deixar os visons e zibelinas ao Deus dará num canto aconchegado junto ao vestiário e o que lhe peço é que deixe o seu casaco e saia pelo menos com dois visons, um vestido e outro no braço. Eu encarrego-me também de me enfarpelar. Como prémio oferecer-lhe-ei uma viagem.

Tudo parecia correr às mil maravilhas.

No dia seguinte encontrava-me com a linda soma da venda dos visons e em Roma deixo Gioconda com um bilhete destino Paris.

Roma convinha para viver durante uns tempos e sempre ouvira dizer a Hans Lucas que viver em Roma só podia ser para quem quisesse arriscar o pelo, ou fosse temente a Deus. Não sei em qual das duas categorias me incluo — o que é certo é que este desabafo que um dia lhe escapara da bebedeira, e que eu guardara na memória, me sugeria Roma como o local ideal para viver longe da paranóia Hans Lucas.

(Continua)



«Missão em Moscovo» de Mário Neves

MÁRIO Neves acaba de lançar o seu livro «Missão em Moscovo», que fala da sua experiência como primeiro embaixador português na União Soviética. Foi ontem, ao fim da tarde, na presença de inúmeras individualidades ligadas às Letras, à Política, à Diplomacia, assinalando-se ainda a presença de muitos militares de Abril, designadamente antigos conselheiros da Revolução.

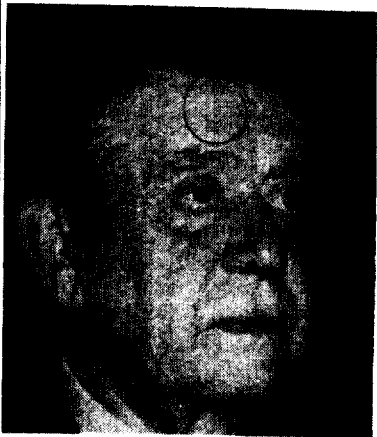
Antecedido pelo editor Francisco Lyon de Castro — que apresentou o

escritor e a obra —, Mário Neves esquematizou os dezassete capítulos que compõem o seu trabalho, recordando que o livro corresponde à realização de um esforço honesto para apresentar uma verdade relacionada com a URSS, «pelo menos a verdade que me foi dado conhecer no exercício das funções que desempenhei durante o período que permaneci em Moscovo como primeiro representante diplomático de Portugal depois do restabelecimento das relações diplomáticas luso-soviéticas» — acrescentou.

O antigo jornalista, que integrou, com Norberto Lopes, a direcção do «Diário de Lisboa» e de «A Capital», salientou que o seu livro «não agradará, talvez, àqueles que esperavam encontrar nas suas páginas a confirmação dos juízos especulativos que eles próprios tenham forjado, numa informação distorcida ou simplesmente falseada da realidade, mas também não corresponderá, porventura, à total opinião dos que não aceitam certos juízos críticos, mesmo que se baseiem na mera evidência dos factos». Mário Neves referiu-se

ainda à circunstância de, até à sua chegada a Moscovo, em 1974, graças ao 25 de Abril, terem passado mais de 50 anos sem relações diplomáticas entre os dois países, recordando a propósito o último representante diplomático português na Rússia, Jaime Batalha Reis, e as circunstâncias em que este abandonou as funções, em 1918.

O embaixador da URSS em Lisboa, Valentin Vdovim, encerrou a breve série de discursos, com palavras de muito apreço pela acção diplomática de Mário Neves em Moscovo. **R.B.**



Acabados de Chegar

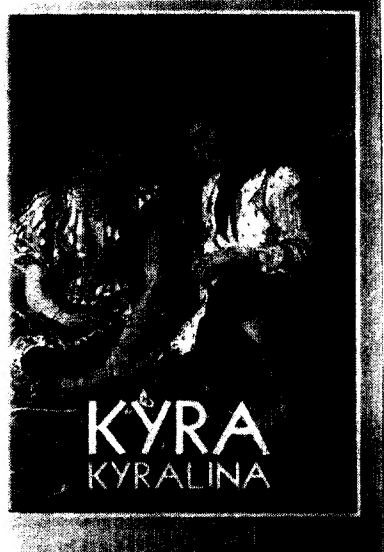


■ **Borges Oral, Jorge Luis Borges, Ed. Vega, Col. Provisórios & definitivos.**

Quando o escritor, já falecido, completou 80 anos a Universidade de Belgrado decidiu reunir em livro cinco conferências de Borges, pronunciadas entre Maio e Junho de 1978. O livro agora editado pela Vega resulta das gravações dessas conferências que abordaram assuntos como o Livro, a Imortalidade, Emanuel Swedenborg, a Novela Policial e o Tempo. Borges explica por que falou sobre eles: «Quando a Universidade de Belgrado me propôs que desse cinco lições, selecionei temas com os quais o tempo me tinha consubstanciado. O primeiro livro — instrumento sem o qual não posso imaginar a minha vida, e que não me é menos íntimo do que as mãos ou os olhos. O segundo — a imortalidade —, essa ameaça ou essa esperança com que tantas gerações sonharam e que boa parte da poesia postula. O terceiro — Swedenborg —, o visionário que escreveu que os mortos escolhem o inferno ou o céu, por livre decisão da sua vontade. O quarto — o conto policial —, esse brinquedo rigoroso que nos legou Edgar Allan Poe. O quinto — o tempo —, que continua a ser para mim o problema essencial da metafísica». É preciso dizer mais?

■ **A Guerra Civil de Espanha 50 Anos Depois, direcção de Ramon Tamames, Ed. Salamandra, Col. Tempos Modernos.**

Em Espanha não a esqueceram. No resto do mundo também não. Como diz Ramon Tamames no prefácio deste livro, se «não é verdade que já esteja



tudo dito sobre os trinta meses» que durou a guerra civil de Espanha, o facto é que «difícilmente se podem encontrar áreas vazias de qualquer investigação histórica». Por isso, os textos reunidos no volume agora editado pela Salamandra pretendem não tanto enveredar por «novas aproximações do facto», mas sim «pensar serenamente no que a luta no duro solo ibérico representou para o futuro histórico dos espanhóis, dos europeus, e inclusivamente da Humanidade no seu conjunto, visto o que depois aconteceu»: a Segunda Guerra Mundial. «A Guerra Civil de Espanha 50 Anos Depois»: está dividida em dez capítulos ao longo dos quais os autores que participam na obra dão um panorama do «caminho histórico para a tragédia» das condições sociais, económicas e políticas da Espanha dos anos 30, da «longa mar-



cha para a reconciliação» e também do panorama literário que a guerra civil gerou. A obra conta ainda com dois anexos: uma breve cronologia da guerra e testemunhos de protagonistas, historiadores, onde se pode encontrar desde comunicados oficiais da época, a relatos de André Malraux, passando por uma carta assinada por Staline, Molotov e Vorochilov.

■ **Ler História, revista quadrimestral, dirigida por Miriam Halpern Pereira, n.º 9, Ed. Salamandra.**

Artigos de José Vicente Serrão (Pensamento Económico e Política Económica no Período Pombalino — O Caso de Ribeiro Sanches); Núria Sales (Naturalizações Catalãs — Séculos XV a XVIII); António Manuel Hespanha (História e Sistema; Interrogações à



Historiografia Pós-Moderna); Augusto Santos Silva (Natureza Biológica e Sociedades Humanas). Maria de Fátima Sá assina um artigo intitulado «A Morte Que Nós Perdemos», enquanto Marc Bloch é alvo de depoimentos de Miriam Halpern Pereira, Maria José Ferro Tavares e Carlos da Silva.

■ **Alter/Ego, revista quadrimestral dirigida por José Carlos Dias Cordeiro, n.º 2, Ed. Salamandra**

Artigos de Maria José Gonçalves (A Criança na Sociedade Moderna); João dos Santos e João Sousa Monteiro (Violência da Escola/Escola de Violência); J.P. Martins Barata (A Cidade Violenta); J. Dias Cordeiro (A Outra Face da Agressividade); A. Bracinho Vieira (Agressividade, Hierarquias de Dominância e Grupos Terapêuticos); Miguel Serras Pereira (O Espírito da

Burocracia — De Max Weber a Castoriadis), entre outros.

■ **Kyra Kyralina, Panaït Istrati, Ed. Relógio d'Água**

Panaït Istrati, romeno, morreu em 1935 com 51 anos. «Kyra Kyralina» é o seu primeiro livro e foi editado pela primeira vez, em Portugal, em 1943. Istrati começou a escrever perto dos 40 anos, mas desde então não parou de o fazer até ao momento da sua morte. Como assinala Aníbal Fernandes no prefácio a esta edição da Relógio d'Água, Istrati tem consigo «a fórmula mágica que tocará milhares de leitores; aparece como puro narrador de histórias». Kyra Kyralina foi editado em 1924 com um prefácio de Romain Rolland que chamou a Istrati o «Gorki das Balcãs».

■ **Sauromaquia, Rui Nunes, Ed. Relógio d'Água**

Sétimo livro de Rui Nunes: «O sáurio aparece. É tão intensamente verdadeiro como um artifício. Nada o propiciou. Indiferente a todos os discursos, ei-lo de posto, todo ruga, todo outro, no livro, na folha em branco onde o autor ia dedicar. Só na infância os sáurios são qualquer coisa de benigno».

■ **Incertos Dias, Arlindo Mota com ilustrações e grafismos de José Teófilo Duarte, Ed. Folha d'Hera, Col. Poesia Contemporânea.**

Segundo livro de poemas de Arlindo Mota que «resulta de um projecto que um pequeno grupo de não acomodados à 'periferia' da grande metrópole resolveu (melhor, atreveu) a encetar». Esclareça-se a propósito que tanto o autor como a editora estão sediados em Setúbal.

O eu nos outros

— **B** EM, vou descendo — disse Quília. — Espero que sábado te encontres aqui.

— Mas sábado é hoje... — E Valdo esticou-se todo no lençol, os olhos semicerrados, a hora da tarde quente no corpo nu. Ainda esperava que Quília ficasse por mais um dia, o ajudasse a chuir o domingo na areia e no mar. Mas Quília acausou-lhe com a chave do automóvel, atirou-lhe um beijo no verniz das unhas e abandonou o quarto no meio salto dos sapatos brancos. Valdo sentiu os ferros do elevador, a manobra do volante lá em baixo. Quília tinha partido.

Sob a agulha fina do chuvaireiro, demoradamente, Valdo começou por architectar um domingo cheio de estradas de alcatrão, a caminho do Algarve, a pele nas ondas ainda antes do almoço. Levantar-se-ia cedo, café nas veias, o pé, seguro, no acelerador... Cuspiu a água fria, torceu a torneira, veio para o quarto de toalha pela cabeça. Não: talvez o cinema atenuasse o domingo. Duas «matinéas» seguidas: na primeira, uma tragédia, na segunda, uma comédia. Depois, à noite, cerveja e bife.

«Amanhã se verá» — disse para os colarinhos da camisa que o interrogavam no espelho. Enfiava já o casaco, quando, espiando-se, lhe veio o desejo de rapar o bigode. Ensaboou o lábio escondido, cortou-se, a lâmina não avançava um milímetro. Teimou, — e a simetria do bigode rompeu-se. Afastou o sangue com o dedo, cuidou da camisa e desceu ao barbeiro do segundo quarteirão.

Afinal, o domingo de Valdo foi suportável. Contribuiu para isso o tom cinzento do sol: olhou os estores corridos da rua, os crânios sem cabelo que passavam, e foi-se ficando pelo apartamento de Quília, ora fumando, ora ouvindo um disco, ora assobiando. Sentia-se com os nervos em linhas horizontais e verticais, como se fosse um problema de palavras cruzadas ambulante, alguns quadradinhos pretos disseminados pelo corpo. Preenchia o ócio não com palavras, mas com recordações, umas monossilábicas, outras esdrúxulas. Substituíra, por vezes, uma lembrança por outra: buscava a eventual harmonia dos casos da vida. Mas o problema mostrava-se difícil de resolver — e Valdo, o fumo no cobre do cinzeiro, adiou a solução para o dia seguinte.

— É a mãe? — perguntou ao telefone, vendo Sintra ao longe de olhos fechados.

— Oh, Valdo: Sou... Então como vais? Essas férias...?

— Queimado. Olhe, mãe, siga amanhã para aí.

— Vem: Mas olha que...

— Diga.

— A Zé vem cá amanhã ver a menina...

— Então vou no dia seguinte.

Valdo, nos ovos do frigorífico, bateu com manteiga a figura loira da mulher. E viu-a a afagar-lhe a filha, a perguntar até por ele, a deixar no quarto da criança um pacote de bombons e um brinquedo de pilhas. Depois, aquele tratamento de Zé, «a Zé vem cá amanhã», caiu-lhe mal no estômago: a mãe ainda não tinha rompido verdadeiramente com a nora. Que mundo, que mundos: Ele...

— Zé: — resmungou Valdo. — Zé no cu um pontapé:

Foi longa e cansativa a estrada de terça-feira. Fatigara os nervos na véspera com duas idas ao cinema. Tinha nos ouvidos o fumo e o café dos intervalos, o ombro a ombro com outros mundos, a queda nos táxis mal-humorados. Quando, após duas horas de viagem, avistou a filhita na varanda, a bater palminhas, desenrugou-se todo e atirou com a porta do automóvel como quem dá um tiro nos quilómetros passados.

O dente de ouro da mãe («O seu dente tem contraste, ó mãe?») brilhou surpreso nos degraus da entrada:

— Valdo, que é isso?

— Isso o quê?

Ela beijou-o, tocou-lhe com a mão no cabelo:

— Então o teu bigode...?

— Ah, é verdade: Deitei-o abaixo.

Filomena, como ele previra, tinha mais um brinquedo de pilhas: um cosmonauta vermelho a dar passos numa Lua amarela. Sentado na cama, Valdo saboreou durante muito tempo a alegria da filha. Cinco anos e duas tranças, uns dentinhos de coelho pousados no lábio húmido. Os olhos eram os dele, azuis, duas bolinhas de pingue-pongue batendo em todas as coisas.

— Vá, dá cá um beijo que o pai vai dormir.

Quarta, quinta, sexta-feira (até às 4 da tarde) Valdo foi tão criança como a filha. Meteu na brincadeira as couves do quintal, sentou Filomena nos ramos da macieira, obrigou as formigas, no carreirinho, a subirem uma casca de noz.

— Uma 'tá aqui no dedo, paizinho!

— Põe o dedo na terra que ela sai.

Nos vidros da casa, batidos de sol, ele via o dente de ouro da mãe num lampejo de censura: quem seria essa Quília que já por duas vezes telefonara, o demorara ao telefone e que sábado o esperava em Lisboa? Já que tudo entre ele e a Zé corria tão mal, porque não arrumavam ambos o caso no tribunal e...? Que mundo, que mundos!

— Mas é o que se vai fazer, mãe! — exclamou Osvaldo momentos antes de partir. — Não pense, porém, que vou arranjar mãe para Filomena de um dia para o outro... É que não estou mesmo interessado!

— Mas essa Quília...

— Essa Quília!

— Desculpa, mas...

— Quília não tem nada a ver com Filomena. Quília é Quília e Filomena é Filomena. E eu sou eu, como a mãe é a mãe. Não complique, por favor! Olhe — atenuou Osvaldo — o seu dente de ouro tem contraste?

Ela não sorriu à graça e começou a levantar os pires do café. Valdo ergueu-se, tomou-lhe os ombros com os dedos, beijou-a na testa, disse:

— Deixe correr o tempo, sim?

Quília chegou sábado de manhã. Vinha com todo o sol do Algarve no corpo, ironizando dos turistas americanos, perguntando pelo bigode, destazendo-se em bonecos e doces regionais. Valdo apreciou a aguardente de medronho e não se chocou quando Quília lhe disse que partiria no dia seguinte para Marrocos.

— Vida de guia-intérprete, sabes? Mundos e mundos...

— Línguas, é o que é. Eu segunda-feira também já estou no banco com as minhas correspondências.

Tarde de praia, escondida e longa. Domingo, entomaram o café na cama e, ao começo da tarde, Quília partiu para Marrocos por quinze dias. Valdo, segunda-feira, ao toque do despertador, não hesitou nos lençóis: ensaboou o rosto, ensaboou, boou, e foi alisando a pele com a lâmina. Face direita, face esquerda, queixo... Quando o fio cortante assentava já no lábio superior, Osvaldo deteve-se e optou novamente pelo bigode. Doía-lhe o facto (reconhecia-o agora) de Filomena não ter dado pelo corte do bigode, pelo lábio liso, pelo seu rosto em mudança. E sorriu-se: «Que mundo, ó mundos!», prende a atenção de uma criança...?

Pedro Alvim